

SINGULARES RELAÇÕES
Nipo-Baianas

Organizadores:

Ogvalda Devay de Sousa Torres

Deodato Guimarães Santos

Maria Angela Ornelas de Almeida

SINGULARES RELAÇÕES Nipô-Baianas

日本とバイア（伯国）の往来

ACBJ
ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL JAPÃO DO ESTADO DA BAHIA

Salvador, 2018

FICHA TÉCNICA

Capa, Projeto Gráfico e Edição

Silvana Pereira da Silva

Revisão Geral

Ogvalda Devay de Sousa Torres

Deodato Guimarães Santos

Maria Angela Ornelas de Almeida

Impressão e Acabamento

Fast Design Programação Visual, Editora e Gráfica Rápida LTDA



Ficha catalográfica elaborada por: Rita de Cássia M. da Silva,
CRB-5: BA-001697/O.

R382r

Relações Plurais Nipo-baianas / Maria Angela Ornelas de Almeida, Ogvalda Devay de Sousa Torres, Deodato Guimarães Santos. – Salvador, Associação Cultural Brasil – Japão do Estado da Bahia, 2018.

166 p.; il.; color.

ISBN: 978-85-65095-10-0

1. Japoneses – Descrições. 2. Bahia - ciência, arte e cultura. 3. Personagens - História. I. Torres, Ogvalda Devay de Sousa. II. Santos, Deodato Guimarães. III. Almeida, Maria Angela Ornelas de. IV. Título.

CDD: 301.29



*A todos os japoneses que
direta
ou indiretamente contribuíram
no desenvolvimento brasileiro.*

ブラジルの発展に
直接的間接的に寄与した
すべての日本の方々に
捧げます。

Prefácio I

Satisfação e honra são as palavras que melhor descrevem o meu sentimento ao redigir este prefácio.

Neste ano, comemoramos os 110 anos da imigração japonesa no Brasil. O elo entre o Japão e o Brasil, dois dos países geograficamente mais distantes, se faz pela presença significativa da comunidade nipo-brasileira, a qual abrange cerca de dois milhões de pessoas. Esta comunidade atinge a sua maior concentração nos estados de São Paulo e Paraná, sendo mais reduzida no estado da Bahia.

A história é um acúmulo de encontros entre pessoas. Esta obra menciona várias figuras japonesas que amaram a Bahia e que possibilitaram a transmissão de vários aspectos da cultura e da sabedoria japonesa. Tive o privilégio de conhecer pessoalmente alguns desses japoneses aqui referidos: Hakaru Ueno e Takeshi Kobayashi. No início da minha carreira, quando trabalhei em Porto Alegre, tive a oportunidade de conhecer o Doutor Ueno. Lembro-me que ele falava de uma forma saudosista da sua vivência na Bahia. Posteriormente, quando fui colocado em Brasília, encontrei-me com o Professor Kobayashi, levando-o ao Conservatório de Música de Brasília. Foi com uma enorme felicidade que pude observá-lo ensinar crianças a tocar violino através do método Suzuki.

Por meio desta obra, podemos efetivamente acompanhar uma história rica respeitosa de intercâmbio entre o Japão e a Bahia. Parablenizo todos os envolvidos na concretização deste livro e a eles expresso a minha mais sincera admiração. Trata-se de um valioso contributo para a amizade entre o Japão e o estado da Bahia.

Jiro Maruhashi
Cônsul-Geral do Japão no Recife

Prefácio II

Minhas sinceras congratulações pela publicação do livro *“SINGULARES RELAÇÕES NIPO-BAIANAS”*, e quero expressar a grande honra que senti ao ser convidada para escrever o prefácio desta obra.

O meu primeiro contato com a Associação Cultural Brasil-Japão do Estado da Bahia -ACBJ-BA foi ainda no início de minha carreira, na década de 90, e desde então, ao longo de todos esses anos tenho acompanhado a trajetória da ACBJ-BA, cujas atividades são bastante diversificadas, contribuindo sobremaneira na divulgação da cultura japonesa e ampliando os horizontes do conhecimento sobre o Japão no meio da sociedade brasileira, mais especificamente baiana, o que me enche de alegria e orgulho.

Como próprio título indica, esta obra inédita registra, por meio de uma ótica mais abrangente, a pluralidade das relações nipo-brasileiras, destacando a contribuição dos japoneses que atuaram na Bahia, com foco não apenas na imigração, mas naqueles que com seu talento e profissionalismo fizeram parte da história do Estado para juntos construírem uma relação de cumplicidade e complementaridade. Não por acaso foi escolhido para o lançamento, este ano comemorativo dos 110 Anos da Imigração Japonesa no Brasil, pois a Bahia tem uma relação muito intrínseca com os japoneses, como podemos observar nesta obra.

Os japoneses citados neste livro e tantos outros que vieram como imigrantes ou temporários, com sua saga única, conquistas e dificuldades, deixaram um rico legado que hoje percebemos nos mais diversos aspectos da pujante vida brasileira. Unidos aos brasileiros que os acolheram com muita generosidade, formaram a parceria que

move uma das sociedades mais dinâmicas, ricas e harmoniosas do mundo, e contribuem para a paz mundial.

Portanto, a minha emoção é muito grande ao relembrar, por meio desta obra, o valoroso trabalho desenvolvido por essas personalidades, muitas das quais tive o grande privilégio de conhecer.

O meu profundo respeito a Dra. Ogvalda, a toda diretoria, atual e passada, associados e colaboradores da ACBJ-BA que nunca medem esforços para o engrandecimento ainda maior da relação nipo-brasileira. E o meu especial agradecimento ao povo da Bahia, aos brasileiros que sempre acolheram em seus corações os japoneses, sua cultura e tradição.

Outubro de 2018

Aniversário de 110 Anos da Imigração Japonesa no Brasil

Hitomi Sekiguchi

Cônsul-geral do Japão em Manaus

ESSÊNCIA

Neste ano de 2018 estamos comemorando os 110 anos de Imigração Japonesa para o Brasil. Temos muita alegria de o fazer, pois são vários os motivos que nos levam a celebrar.

O primeiro período da história da imigração japonesa para o Brasil começa em junho de 1908, quando os primeiros imigrantes desembarcam no porto de Santos. Historicamente, encontramos o registro do primeiro navio ancorado no Brasil, o Kasato Maru, que partiu de Kobe, às 17hs e 55 minutos do dia 28 de abril de 1908, com os imigrantes, e após 52 dias, chegou ao estado de São Paulo, em 18 de junho de 1908. Temos dados sobre a organização do grupo em Famílias e mesmo o nome desses heroicos pioneiros.

Imaginamos, ouvimos e vimos relatos das dificuldades enfrentadas por eles na adaptação ao clima, à alimentação e aos hábitos brasileiros, influenciando em seu bem-estar e, inclusive na saúde. No entanto, o Brasil foi sendo favorecido na economia, principalmente pela cafeicultura. O brasileiro que tinha por hábito alimentar-se da carne seca e farinha, melhorou sua qualidade de vida e, conseqüentemente, de saúde, introduzindo, lentamente, os legumes, as hortaliças em sua alimentação diária. O comportamento do japonês foi sendo observado, a capacidade de trabalho serviu de exemplo.

As políticas internacionais interferem na humanidade, e assim aconteceu após a 2ª Guerra Mundial em que o Japão superpovoado, em reestruturação política do Império e com o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação assinado entre o Japão e o Brasil em 5 de novembro de 1895, interessou-se em enviar japoneses ao nosso país. São Paulo, o primeiro estado do Brasil beneficiado, é o que sedia a maior concentração de nipo-descendentes.

Em 18 de agosto de 1952, o presidente Getúlio Vargas autorizava a “reabertura dos portos” brasileiros aos nipônicos. Assim, em 1953 desembarcaram no Brasil, trazidos pelo navio “América Maru” e foram recebidos pelo Engenheiro Agrônomo baiano Prof. Renato Gonçalves Martins e pelo Embaixador do Japão, na época, Diplomata Shin Kimitsuka. Da hospedaria da Ilha das Flores foram transferidos para o núcleo colonial de UNA, sul da Bahia.

A Bahia contou com o prestígio político e a inteligência do que tinha a responsabilidade nacional de dirigir a Divisão de Terras e Colonização do Ministério da Agricultura, o distinto Prof. Renato Gonçalves Martins, favorável a receber os experientes e competentes imigrantes japoneses para o desenvolvimento agrícola especialmente do Norte e Nordeste brasileiro. Auxiliariam na produção de borracha, arroz e cereais os que fossem para Amazonas, Pará e Maranhão, e nas culturas do café e da mamona os que fossem para Minas Gerais e Bahia.

Em 3 de junho de 1958, sua Majestade o Imperador do Japão HIROHITO em reconhecimento ao trabalho do Prof. Renato Martins, concedeu-lhe uma distinção com a seguinte redação: “A INSÍGNIA E O DIPLOMA DE TERCEIRO GRAU DA ORDEM DO SOL NASCENTE”, o que lhe foi comunicado em carta assinada pelo Embaixador do Japão no Rio de Janeiro, YOSHIRO ANDO, em 1º de julho do mesmo ano.

Ao Prof. Renato Martins devemos os agradecimentos iniciais pela visão inteligente, futurista, do alto investimento em receber imigrantes japoneses para o Brasil e para a Bahia. Temos colhido o fruto dessa sementeira, e nessa obra literária alguns fatos o demonstram.

Passados 60 anos, neste livro alguns registros são iniciados, os que atuais membros da Associação Cultural Brasil-Japão do Estado da Bahia/ACBJ-BA são capazes de historiar, e que aproveitam para perpetuar o reconhecimento a esses amigos japoneses que têm oferecido um legado na ciência, na arte e na cultura.

Com exceção do cientista Hideyo Noguchi, os aqui homenageados tiveram relação estreita com a ACBJ-BA.

HIDEYO NOGUCHI, cientista japonês, que beneficiou o mundo com suas pesquisas na área de saúde, nos primórdios da utilização do microscópio, e a ciência o trouxe às Américas do Norte e do Sul, tendo sido pioneiro e um dos fundadores do Instituto de Pesquisas Médicas em Nova York, atualmente Instituto Rockefeller. Sua vinda ao Brasil foi para atuar no combate à epidemia de febre amarela. Passou pelo Rio de Janeiro, em 1923, também por São Paulo, mas foi na Bahia que se estabeleceu maior parte do tempo, durante três meses, exatamente no bairro do Canela, tendo trabalhado no imóvel onde funcionava o Instituto Gonçalo Moniz, com equipamentos de laboratório lá existentes ou por ele trazidos e que podem ser visto no Memorial, a ele dedicado, no Laboratório Central do Estado da Bahia/LACEN ou na Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, em Salvador, preservados pelo Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins.

HAKARU UENO, professor e pesquisador japonês, foi um fulcro profundo de onde emergiu um lindo e precioso leque de veterinários na Bahia, professores, pesquisadores e gestores. Exerceu essa função em outros estados do Brasil, mas a Bahia foi a mais beneficiada graças ao seu empenho, que enviou ao Japão professores e estudantes da Universidade Federal da Bahia/UFBA, como bolsistas da Agência de Cooperação Internacional do Japão/JICA, para o aperfeiçoamento técnico-científico e ainda equipou o Laboratório de Diagnóstico das Parasitoses do Hospital de Medicina Veterinária. Em contrapartida, os professores trouxeram à Bahia profissionais da área de Medicina Veterinária provenientes de países da América Latina e da África Lusófona, para aprenderem com a equipe aqui formada. Hoje estes profissionais estão distribuídos em diversas Instituições de Ensino e Pesquisa e carregam consigo a oportunidade do aprendizado que tiveram e o incentivo que aprenderam a dar a seus alunos. Depõem com muita gratidão sobre esses fatos.

TAKESHI KOBAYASHI, concertista japonês, um sonho realizado na Bahia em 1995, repetido em 2008, é hoje, um amigo

conquistado, reverenciado neste livro de reconhecimento pela excelência do legado ofertado à educação musical baiana. O primeiro presente de Kobayashi em 1995 foi o recital no Teatro Castro Alves, em 22 de novembro, dia de Santa Cecília, dedicado à música. Três importantes personagens no palco: o concertista com seu violino Guenerius del Jesu, o pianista Rafael dos Santos e a violinista e professora do método Suzuki em Campinas, Shinobo Saito que virava a página para o pianista e funcionava como intérprete do Prof. Kobayashi. O primeiro curso foi iniciado por este mesmo trio, que também viajou para Belém e Recife onde ministraram aulas sobre o método Suzuki.

Dezembro é muito agitado no Brasil, colégios encerram o ano letivo com avaliação de alunos e relatórios dos professores, comércio é por demais movimentado, famílias e entidades fazem as confraternizações do fim do ano, mas nada impediu a presença de 47 alunos no curso ministrado pelo concertista, a grande maioria de crianças, mas também de alguns idosos que pertenceram à oficina de violino no Ateneu Musical Osvaldo Devay de Sousa a cargo dos Associados da ACBJ-BA, Professores Deodato Guimarães Santos e Ogvalda Devay Tôrres, os mesmos responsáveis maiores pela vinda do Mestre Kobayashi a Salvador. Foi magnífica a apresentação dos alunos, o resultado do aprendizado de 10 dias. A Bahia não tinha tido oportunidade de apreciar um conjunto de violinistas, na maioria mirins, com arcadas perfeitas, afinação exata, sem defeito, causando emoção aos que assistiram e lotaram o Salão Nobre da Reitoria da Universidade Federal da Bahia.

O Mestre Kobayashi retornou a Salvador em 2008, com intenção de treinar apenas os professores de violino na Bahia, mas com o espírito humanitário, sabendo que 42 alunos se deslocaram de Itapetinga, cidade distante, mudou seu plano de atuação para atendê-los, bem como à multidão de outros alunos residentes locais. Assim testemunhamos a simplicidade do Mestre, o carinho pela atenção que

dispensou, e a “mocidade” para suportar tanto tempo de aula, em dois turnos consecutivos.

ERIKO SATO, regente japonesa, temos acompanhado seu trabalho desde que foi admitida associada da ACBJ-BA, em 1995. Facilmente se adaptou aos baianos e à rotina de vida em Salvador. Logo participou da orquestra do Ateneu Musical Osvaldo Devay de Sousa, pois tocava flauta doce, um pouco de piano e dedicou-se a participar no grupo musical, de preferência com o violino. Mas, se necessário, conseguiu participar, também, com a viola. Com a facilidade musical e a boa voz de que é possuidora, também atributo da filha Shai, logo fundou o Coral Kosmos, que se apresentou na primeira vez, na Fundação Instituto Feminino da Bahia, em cerimônia de casamento, e mais tarde para o público, no Museu Costa Pinto em 1997, no lançamento do CD Angélica San, de músicas com estilo japonês.

Também contribui culturalmente com o ensino da língua japonesa, preparando jovens para o exame de proficiência, para qual usa uma técnica de ensino rápido que possibilita a seus alunos boas colocações no Concurso de Oratória Japonesa patrocinado pelo Consulado Geral do Japão no Recife.

KYUJI SHIMIZU, japonês, um cavalheiro respeitado e estimado pelos baianos e especialmente por seus compatriotas e descendentes. Chegou ao Brasil em 1960 com a família e fixou residência em Mata de São João, município baiano. Muito sensível às necessidades vitais por onde passou, na Bahia, foi enfrentado problemas e dedicando-se a resolvê-los, para manter os seus conterrâneos em região sem fornecimento de água tratada e de energia elétrica, e mesmo assim incentivando as plantações de tomate e limão Taiti, que logo despertou os baianos para a qualidade. Sua facilidade de comunicação e sua visão para o enfrentamento de dificuldades o levou a resolver o problema do transporte para venda dos produtos cultivados, como Vice-Presidente da Associação Japonesa de Itapecerica, no Núcleo Colonial JK, buscando diálogo com a Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia. Outras áreas

importantes de sua atuação foram desenvolvidas na educação, como Diretor Educacional da Cultura e Língua Japonesa da Associação Cultural Nippo-Brasileira de Salvador, e na gastronomia, como fundador do primeiro restaurante japonês na Bahia, em Salvador, em 1974, o Sukiyaki, preferido pelos baianos admiradores da culinária japonesa.

Seu trabalho tem sido reconhecido por autoridades japonesas e brasileiras e dedicar-lhe um capítulo neste livro, é mais que uma obrigação, é um imenso prazer, e uma pequena demonstração do muito que lhe devemos com relação à cultura japonesa.

TAKECHI OKUMURA, haicaísta nissei, nascido em Bauru no Estado de São Paulo. Foi admitido na ACBJ-BA em 19 de novembro de 1991. Eleito segundo Secretário por quatro operosos mandatos de 10 de março de 1992 até 29 de junho de 2000. Tradutor de livros e outros impressos. Gentil, polido e prestativo, cumpria as missões a ele confiadas em especial a tradução para o português da autobiografia do Maestro Takeshi Kobayashi.

Em 10 de agosto de 1995 durante a sessão solene realizada na Academia Baiana de Letras, comemorativa aos 100 Anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação assinado pelo Brasil e Japão, Okumura declamou haicais originais de Matsuo Bashô. Como cultor de haicais sua produção era publicada pelo Jornal Japonês Shimbun em São Paulo. Louvando seus esforços e qualificações ele foi agraciado com o Título de Associado Especial da ACBJ-BA.

Ogvalda Devay de Sousa Torres
Presidente da Associação Cultural
Brasil-Japão do Estado da Bahia

ESSENCE

In this year 2018, we are celebrating the 110 years of Japanese Immigration to Brazil. We are very happy to do so, because there are several reasons why we celebrate.

The first period in the history of Japanese immigration to Brazil begins in June 1908, when the first immigrants disembark at the port of Santos. Historically, we find the record of the first ship anchored in Brazil, Kasato Maru, which left Kobe, at 5:00 p.m. and 55 minutes on April 28, 1908, with the immigrants, and after 52 days, arrived in the state of São Paulo, on June 18, 1908. We also have data on the organization of the group in Families, and even the names of these heroic pioneers.

We have imagined, heard, and seen reports of the difficulties they faced in adapting to climate, food, and Brazilian habits, influencing their well-being and even health. However, Brazil was favored in the economy, mainly by the coffee industry. The Brazilian who had a habit of eating dried meat and flour, improved his quality of life and, consequently, health, by slowly introducing legumes and vegetables into his daily diet. The Japanese behavior was being observed, the ability to work was an example.

International policies interfere with humanity, and so it was after the 2nd World War that Japan overpopulated, in the political restructuring of the Empire and with the Treaty of Friendship, Commerce and Navigation signed between Japan and Brazil on November 5, 1895, was interested in sending Japanese to our country. São Paulo, the first state of Brazil benefited, is the one with the highest concentration of Japanese-descendants.

On August 18, 1952, President Getúlio Vargas authorized the "reopening of the Brazilian ports" to the Japanese. Thus, in 1953 they landed in Brazil, brought by the "America Maru" and were received by the Agronomist Engineer from Bahia, Prof. Renato Gonçalves Martins, and by the Ambassador of Japan at the time, Diplomat Shin Kimitsuka. From the Inn of Flores Island they were transferred to the colonial nucleus of UNA, south of Bahia.

Bahia counted with the political prestige and intelligence of who had the national responsibility to run the Land and Colonization Division of the Ministry of Agriculture, the distinguished agronomist, in favor of receiving the experienced and competent Japanese immigrants for agricultural development especially of the North and Brazilian Northeast. They would assist in the production of rubber, rice and cereals those that went to Amazonas, Pará and Maranhão, and those that went to Minas Gerais and Bahia, in the coffee and castor bean crops.

On June 3, 1958, His Majesty the Emperor of Japan HIROHITO in recognition of the work of Dr. Renato Martins, granted him a distinction with the following wording: 'THE INSIGNIA AND THE THIRD GRADE DIPLOMA OF THE ORDER OF THE RISING SUN.' This was communicated to him in a letter signed by the Ambassador of Japan in Rio de Janeiro, YOSHIRO ANDO, on July 1 of the same year.

To Dr. Renato Martins we owe the initial thanks for the intelligent, futuristic vision, of the high investment in receiving Japanese immigrants to Brazil and Bahia. We have harvested the fruit of this sowing, and in this literary work some facts demonstrate it.

After 60 years, in this book some records are initiated, the current members of the Brazilian-Japanese Cultural Association of the State of Bahia / ACBJ-BA are able to historicize, and that they take advantage to perpetuate the recognition to those Japanese friends who have offered a legacy in science, art and culture.

With the exception of the scientist Hideyo Noguchi, those honored here had a close relationship with the ACBJ-BA.

HIDEYO NOGUCHI, a Japanese scientist who benefited the world with his health research in the early days of the use of the microscope, and science brought him to North and South America. He was a pioneer and one of the founders of the Institute of Medical Research in New York, now the Rockefeller Institute. His arrival in Brazil was to work to combat the yellow fever epidemic. He passed through Rio de Janeiro in 1923, also in São Paulo, but it was in Bahia that he settled for most of the time, for three months, in the neighborhood of Canela, having worked in the estate where the Gonçalo Moniz Institute operated, with equipment of laboratory there or brought by him and that can be seen in the Memorial, dedicated to him, in the Central Laboratory of the State of Bahia / LACEN or in the Faculty of Medicine of Bahia, in Terreiro de Jesus, in Salvador, preserved by the Bahian Institute of History of Medicine and Related Sciences.

HAKARU UENO, a Japanese professor and researcher, was a deep fulcrum from which emerged a beautiful and precious array of veterinarians in Bahia, teachers, researchers and managers. He performed this role in other Brazilian states, but Bahia benefited most thanks to his commitment, that sent teachers and students from the Federal University of Bahia / UFBA to Japan through a fellowship program from the Japan International Cooperation Agency / JICA, for the technical improvement and also equipped the Laboratory for Diagnosis of Parasitic Diseases of the Hospital of Veterinary Medicine. On the other hand, the professors trained in Japan brought to Bahia professionals working in Veterinary Medicine from Latin America and Lusophone Africa to learn from the team trained there. Today, these professionals are distributed in several teaching and research institutions and carry with them the opportunity of the learning they had and the incentive they have learned to give to their students. They are grateful for this fact.

TAKESHI KOBAYASHI, Japanese concertgoer, a dream realized in Bahia in 1995, repeated in 2008, is today, a conquered

friend, present in this book of recognition for the excellence of the legacy offered to the musical education of Bahia. The first gift of Kobayashi was in 1995, the recital at the Castro Alves Theater, on November 22, the day of Santa Cecilia, dedicated to music. Three important characters on stage: the concert violinist, with his violin Guanerius del Jesu, the pianist Rafael dos Santos and the violinist and teacher of the Suzuki method in Campinas, Shinobo Saito who turned the page to the pianist and worked as an interpreter of Prof. Kobayashi. The first course was started by this same trio, who also visited other stages in Belém and Recife, where they taught classes of the Suzuki Method.

Month of December is very agitated in Brazil, colleges conclude school year with evaluation of students and reports of teachers, commerce is too busy, families and entities make the celebrations of the end of the year, but nothing prevented the presence of 47 students in the course, the great majority of children, but also some of the elderly who belonged to the violin workshop in the Musical Academy Osvaldo Devay de Sousa by the Associates of the ACBJ-BA, Professors Deodato Guimarães Santos and Ogvalda Devay Tôrres, the same major responsible for the coming of the Master Kobayashi to Salvador. It was magnificent the presentation of the students, the result of 10 days learning. Bahia had not had the opportunity to appreciate a group of violinists, mostly mirim, with perfect arcades, accurate tuning, without defect, causing emotion to those who attended and filled the Noble Hall of the Rectory of the Federal University of Bahia.

Master KOBAYASHI returned to Salvador in 2008, intending to train only the violin teachers in Bahia, but with the humanitarian spirit, knowing that 42 students had moved from Itapetinga, a distant city, he changed his plan of action to serve them well as to the crowd of other local resident students. Thus we witnessed the simplicity of the Master, the affection for the attention he gave, and the "youth" to endure so much class time, in two consecutive shifts.

ERIKO SATO, Japanese regent, we have been following her work since she joined ACBJ-BA in 1995. Easily adapted to the Bahians and life routine in Salvador. Soon she participated in the orchestra of the Musical Atheneum Osvaldo Devay de Sousa, because played sweet flute, a little of piano and dedicated herself to participate in the musical group, preferably with the violin. But, if necessary, she was able to participate, too, with the viola. With the musical ease and the good voice of which she owns, also the attribute of her daughter Shai, she soon founded the Coral Kosmos, which first performed at the Women's Institute Foundation of Bahia, in a wedding ceremony, and later to the public, at the Costa Pinto Museum in 1997, at the launch of the CD *Angélica San*, containing songs with Japanese style.

She also contributes culturally to the Japanese language teaching, preparing young people for the proficiency exam, using a fast teaching technique that enables her students to have good placements in the Japanese Oratory Contest sponsored by the Japanese Consulate General in Recife.

KYUJI SHIMIZU, a Japanese gentleman, respected and esteemed by the Bahians and especially by his compatriots and descendants. He arrived in Brazil in 1960 with his family and settled in Mata de São João, Bahia municipality. Very sensitive to the vital needs he went through in Bahia, he was faced with problems and dedicated to solving them, to keep his country mates in a region without supply of treated water and electricity, and even so encouraging the cultivation of tomato and Lemon Tahiti, which soon awakened the Bahians for quality. His ease of communication and his vision for coping with difficulties also solved the problem of transportation for sale of products, as Vice President of the Japanese Association of Itapecerica, in the Colonial JK Nucleus, seeking dialogue with the State of Bahia's Department of Agriculture. Other important areas of his work were developed in education, as Educational Director of Culture and Japanese Language of the Nippo-Brazilian

Cultural Association of Salvador, and in gastronomy, as founder of the first Japanese restaurant in Bahia in Salvador in 1974, Sukiyaki, preferred by the Bahian admirers of Japanese cuisine.

His work has been recognized by Japanese and Brazilian authorities and dedicating a chapter to him in this book, it is more than an obligation, it is an immense pleasure, and a small demonstration of the much that we owe him with respect to the Japanese culture.

TAKECHI OKUMURA, haikista nissei, born in Bauru in the State of São Paulo. He was admitted to the ACBJ-BA on November 19, 1991. He was elected Secretary for four long terms from March 10, 1992 until June 29, 2000. Translator of books and other printed material. Gentle, polite and helpful, he fulfilled the missions entrusted to him in particular by the Portuguese translation of the autobiography of Master Takeshi Kobayashi.

On August 10, 1995, during the solemn session held at the Bahian Academy of Letters, commemorating the 100th anniversary of the Treaty of Friendship, Trade and Navigation signed by Brazil and Japan, Okumura declaimed original haiku from Matsuo Bashô. As a producer of haiku his production was published by the Japanese newspaper Shimbun in São Paulo. Praising his efforts and qualifications he was awarded the Special Associate Degree of the ACBJ-BA.

Ogvalda Devay de Sousa Torres

President of the Brazilian-Japanese Cultural
Association of the State of Bahia

OS AUTORES

Alexandre Moraes Pinheiro, Médico Veterinário, Mestre e Doutor em Imunologia, Professor Associado de Bioquímica e Imunologia Veterinária da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, sócio da ACBJ-BA, ex-bolsista da JICA e colaborador do Programa de Treinamento para Terceiros Países (TCTP)/UFBA-JICA.

Carolaine Bonfim de Oliveira, aluna do curso de enfermagem da Universidade Católica do Salvador/UCSal e Presidente do Leo Clube Universitário Salvador UCSal.

Deodato Guimarães Santos, Professor, bolsista do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, integrante das Orquestras Vicentina de Concertos e Sinfônica de Santos. Executivo das empresas Marubeni, em Franca; Isocianatos do Brasil em Camaçari; Triel Engenharia em Santos e Salvador; Equipetrol em Simões Filho, um dos fundadores do Ateneu Musical Osvaldo Devay de Sousa e da Associação Cultural Brasil-Japão do Estado da Bahia, da qual foi Presidente e atual Vice-Presidente.

Emilton Moreira Rosa, Sociólogo, Diretor Executivo do Instituto Aliança, ex-Cônsul Geral Honorário do Japão no Estado da Bahia, membro ACBJ-BA desde 1991 e atualmente seu Diretor Cultural, Escritor e Compositor de hinos, canções, esquetes e crônicas.

Eriko Sato, Psicóloga, Professora de japonês, Regente do Coral Kosmos, membro da ACBJ-BA desde 1995 e atual Presidente do Conselho Deliberativo da ACBJ-BA.

Fusako Ishikawa Lariu, japonesa, Secretária Executiva, Guia de Turismo interprete japonês-inglês, membro da ACBJ-BA desde 1987, Diretora Social da ACBJ-BA (1990 - 2018, em exercício).

Gildemar Carneiro dos Santos, Físico, Professor do Instituto Física/UFBA, membro da ACBJ-BA desde 1995, atual Vice-Presidente do Conselho Deliberativo ACBJ-BA e ex-bolsista do governo japonês.

Hiroko Okumura, associada da ACBJ-BA desde 1994 e ex-membro do Conselho Deliberativo ACBJ-BA.

José Eugênio Guimarães, Médico Veterinário, Professor Titular em Patologia Clínica Veterinária da EMVZ/UFBA, Coordenador do convenio JICA/UFBA na modalidade de cooperação: Programa de Treinamento para Terceiros Países/TCTP (2008 e 2009) e ex-bolsista da JICA.

Luís Fernando Pita Gondim, Médico Veterinário, PhD, Professor Associado da EMVZ/UFBA, Coordenador do Laboratório de Protozoários Coccídeos-UFBA, ex-bolsista da JICA (1995-1996 e 1998), membro do Projeto de Cooperação Internacional EMVZ/UFBA-JICA (1995-2000) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (nível 1D).

Marcos Tsuneo Shimizu, Advogado, Bacharel em Direito pela Universidade Católica do Salvador (UCSal), Especialista em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho pela Faculdade Damásio e membro da Associação Cultural Brasil Japão do Estado da Bahia.

Maria Angela Ornelas de Almeida, Médica Veterinária, Professora Titular aposentada da EMVZ/UFBA, Sócia-fundadora e membro da atual diretoria da ACBJ-BA, ex-bolsista da JICA e Coordenadora do Projeto de Cooperação Internacional EMVZ/UFBA-JICA (1984-2004).

Maria Consuelo Caribé Ayres, Médica Veterinária, Professora Associada da EMVZ/UFBA, ex-bolsista da JICA e Coordenadora do

Programa de Treinamento para Terceiros Países (TCTP) EMVZ/UFBA/JICA (2005 a 2007).

Maria José Moreira Batatinha, Médica Veterinária, PhD, Professora Titular de Toxicologia Veterinária da EMVZ/UFBA, Coordenadora do Laboratório de Toxicologia (LATOX), ex- bolsista da JICA (1998) e colaboradora do Programa de Treinamento para Terceiros Países (TCTP)/UFBA-JICA.

Naoto Ueno, Bioquímico, pós-doutorado no Instituto de Salk, Califórnia, Professor de Ciências Farmacêuticas das Universidades de Tsukuba e de Hokkaido desde 1988 e atualmente Professor e Vice-diretor Geral do Instituto Nacional de Biologia Básica, em Okazaki, Japão.

Odecil Costa Oliveira, médico graduado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia em 1973. Segundo Tenente R2 médico do Exército Brasileiro; ex-bolsista do Monbukagakusho (1974 a 1976); sócio fundador da Associação Nordestina de Ex-bolsistas e Estagiários do Governo japonês com sede em Recife-ANBEJ; sócio, tesoureiro e presidente da ACBJ-BA nas gestões 1998 a 2006. Designado Cônsul Geral do Japão em Salvador em 01 de junho de 2006 pelo então Ministro de Relações Exteriores do Japão Taro Aso. Tem desenvolvido, com a contribuição da Embaixada do Japão, Consulado Geral em Recife, JICA, Fundação Japão, Bunkyo e de alunos do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Jorge Amado – UNIJORGE (na condição de estagiários voluntários), um importante trabalho de apoio às autoridades, japoneses e descendentes, num convívio de parceria afinada e harmoniosa. Destacado trabalho é realizado na divulgação da cultura do Japão em escolas de Salvador.

Ogvalda Devay de Sousa Torres, Médica, Professora Universitária, Doutora no Programa Interdisciplinar Família na Sociedade Contemporânea (UCSal), Mestre em Saúde Comunitária (UFBA), fundadora e atual Presidente da ACBJ-BA, ex-bolsista da JICA, Membro

do Instituto Bahiano de História de Medicina e Ciências Afins, Membro da Academia de Letras e Artes *Mater Salvatoris*, Membro da Academia de Letras do Brasil – ALB/BAHIA e Membro do Grupo de Pesquisa Família (AUTO)BIOGRAFIA E POÉTICA-FABEP da UCSal.

Roberto José da Silva Badaró, Médico, Professor Livre Docente da Faculdade de Medicina/UFBA, Professor Visitante da Universidade de Harvard/EUA, Consultor da Organização Mundial da Saúde/Genebra, Membro da Academia de Medicina da Bahia e da Academia Bahiana de História da Medicina.

Rosângela Soares Uzêda, Médica Veterinária, Professora Adjunta da EMVZ/UFBA, ex-bolsista JICA e colaboradora do Programa de Treinamento para Terceiros Países (TCTP)/UFBA-JICA.

Zilton de Araújo Andrade, Médico, Professor Titular aposentado e Professor Emérito da Faculdade de Medicina/UFBA, Pesquisador do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Membro Honorário da American Society of Tropical Medicine and Hygiene, Membro Titular da Academia de Medicina da Bahia, Membro da Academia Brasileira de Ciências e Membro Honorário Nacional da Academia Nacional de Medicina. Obteve a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico.

SUMÁRIO

Prefácio I	7
Prefácio II	9
Essência	11
Essence	17
Os Autores	23
第1章 (capítulo 1)	
Japoneses na Bahia	29
Presença dos Japoneses na Bahia	31
<i>Emilton Moreira Rosa</i>	
第2章 (capítulo 2)	
Relacionamento Brasil x Japão	37
Como nasceu este relacionamento Brasil x Japão	39
<i>Odecil Costa Oliveira</i>	
第3章 (capítulo 3)	
Hideyo Noguchi	43
Hideyo Noguchi:	45
mártir da ciência, exemplo de superação e de humanismo	
<i>Ogvalda Devay de Sousa Torres</i>	
<i>Caroline Bonfim de Oliveira</i>	
Hideyo Noguchi; Saudação Póstuma (1876 – 1928)	57
<i>Roberto José da Silva Badaró</i>	
Hideyo Noguchi na Bahia	69
<i>Zilton de Araújo Andrade</i>	
第4章 (capítulo 4)	
Hakaru Ueno	75
Hakaru Ueno: cientista japonês, de alma brasileira,	75
que escreveu seu nome na história de nosso país.	
<i>Maria Angela Ornelas de Almeida</i>	
Carta de Naoto Ueno	105
Hakaru Ueno: médico veterinário à serviço da parasitologia	109
<i>José Eugênio Guimarães</i>	

Eterna gratidão a um genuíno cientista-educador <i>Luís Fernando Pita Gondim</i>	113
Visão de multidisciplinaridade em prol do desenvolvimento da Parasitologia Veterinária <i>Maria Consuêlo Caribé Ayres</i>	116
Do Japão a Bahia: laços entre a terra e o céu. <i>Maria José Moreira Batatinha</i>	120
Minha vida nipônica propiciada pela JICA mediada por Hakaru Ueno <i>Alexandre Moraes Pinheiro</i>	123
Crescimento profissional com a convivência com japoneses <i>Rosângela Soares Uzêda</i>	131
第 5 章(capítulo 5)	
Takeshi Kobayashi	133
Takeshi Kobayashi: semente das orquestras infanto-juvenis <i>Deodato Guimarães Santos</i>	135
Takeshi Kobayashi: uma lenda no mundo dos violinos japoneses <i>Eriko Sato</i>	143
第 6 章(capítulo 6)	
Eriko Sato	145
Eriko Sato: capacidade e amor ao ensino da música e da língua japonesa na Bahia <i>Gildemar Carneiro dos Santos</i>	147
第 7 章(capítulo 7)	
Kyuji Shimizu	151
Kyuji Shimizu: centenário de educação e cultura japonesa <i>Marcos Tsuneo Shimizu</i>	153
第 8 章(capítulo 8)	
Takechi Okumura	159
Takechi Okumura: um nikkei brasileiro <i>Hiroko Okumura</i>	161
Takechi Okumura: singelo cultor da poesia japonesa <i>Fusako Ishikawa Lariu</i>	165

第1章

Capítulo I

Japoneses na Bahia

バياにおける日本人

*Nos campos das arte, ciência e cultura os
japoneses que passaram pela Bahia fizeram-
se notar.*

美術、化学、文化の様々な分野
で寄与した日本人 b

Presença Dos Japoneses Na Bahia

Emilton Moreira Rosa

*“Burajiro jin,
Buscou caminho do Sol Nascente
Na trilha de Bashô”*

Seguindo o haikai de Matsuo Bashô, poeta japonês do século 17, eu digo: “Não sigo o caminho dos antigos, busco o que eles buscaram”.

Contei nesta viagem com a ajuda de alguns companheiros, entre os quais cito: Oldegar Franco Vieira, Roberto Badaró, Renato Gonçalves Martins, Norberto Odebrecht, Paulo Gaudenzi, Odecil Oliveira, Ogvalda Tôrres, Maria Angela Ornelas de Almeida, João Eurico Matta, Cid Teixeira e José Augusto Berbert de Castro.

Oldegar, professor emérito, membro da Academia de Letras da Bahia, foi um dos incentivadores do Movimento Escoteiro aqui no nosso Estado, onde nos conhecemos na década de 60. Ele foi o pioneiro na introdução da poesia haikai no Brasil, seguido do baiano Gil Nunes Maia. Oldegar foi elogiado por Afrânio Peixoto, outro ilustre baiano, poeta da Academia Brasileira de Letras e também haicaísta. Oldegar foi premiado por sua obra poética escrita nos livros: “Folhas de Chá” e “Gravuras no Vento”, tendo recebido a Imperial Comenda **Ordem do Tesouro Sagrado com Raios de Ouro e Laço**. Oldegar levou-me para a ACBJ-BA – Associação Cultural Brasil Japão do Estado da Bahia, em 1992, aonde entrei como Diretor Cultural. Nessa posição patrocinei alguns eventos, dentre os quais vale menção especial o lançamento do livro “Os Japoneses na Bahia”, de autoria da nissei Leila Maekawa. O livro foi financiado pelo Engenheiro Norberto Odebrecht, que impôs a condição de que um exemplar fosse entregue à Princesa Sayako, filha do Imperador

Akihito, que viria ao Brasil para as comemorações do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, celebrado entre o Japão e Brasil, em 1995. Tive a ousadia de realizar essa missão, com a ajuda do então Senador Antônio Carlos Magalhães e contar com a divulgação na imprensa pelo jornalista José Augusto Berbert de Castro. Como resultado, tivemos o convite para a abertura do Consulado Honorário do Japão na Bahia e a nossa nomeação para exercer a função de Cônsul.

Na condição de Cônsul, visitei todas as colônias japonesas, sendo as primeiras, oficiais, ou seja, abertas pelo Governo Federal: Una, Ituberá e Núcleo JK em Mata de São João. As demais colônias, espontâneas, foram: Taperoá, Barreiras, Juazeiro, Teixeira de Freitas, Posto da Mata e Salvador, naturalmente. Ao percorrer essas colônias conheci várias ilustres famílias: Amano, Daiten, Fukumaru, Fumihisa, Hamasaki, Honda, Horih, Horita, Hoshi, Hosoy, Ikeda, Inomata, Iseki, Ishikawa, Ishibashi, Ishisuka, Kawamura, Kubo, Kudo, Maekawa, Mitani, Miyamoto, Mizushima, Moritaka, Motooka, Nagato, Nakahara, Narita, Nishikawa, Nishimoto, Nishioka, Ohashi, Oiye, Okabe, Okamoto, Okumura, Onaga, Osawa, Sakamoto, Sameshima, Sasaki, Sato, Serita, Shibasaki, Shibata, Shimizu, Shiraki, Sugimoto, Sugiura, Susuma, Tahara, Takahashi, Takenami, Takeshita, Tomita, Watanabe, Yamada, Yamaguchi, Yamazaki e Yogo. Peço desculpas se alguma família deixou de ser citada.

Além da comemoração anual do aniversário do Imperador em 23 de dezembro, festejamos as datas do calendário japonês, tais como: Bon Odori, a festa que é realizada em reverência aos antepassados. As outras datas também comemoradas são: o Ano Novo – Shogatsu; a festa das meninas – Hinamatsuri; a festa dos meninos – Tanabata; o respeito ao idoso – Keirô no hi; o dia da cultura – Bunka no hi e a festa das crianças com 3, 5 e 7 anos – Shichi Go San.

Com o apoio do grande infectologista e ex-Vice-secretário da Saúde, Professor Doutor Roberto Badaró, prestamos duas homenagens ao cientista japonês, Doutor Hideyo Noguchi, que trabalhou na Fiocruz baiana em 1923, estudando e combatendo a febre amarela. Sua passagem está gravada em Medalhão e Placa na entrada do prédio da Faculdade de Medicina no Terreiro de Jesus. Seus objetos e mesa de trabalho se encontram na sede do LACEN, numa sala que tem o seu nome. Além disso, há um enorme painel na entrada da Secretaria de Saúde que mostra Noguchi trabalhando. Esse quadro foi pintado por Jenner Augusto.

Nesses 32 anos da ACBJ-BA, ilustres personagens da cultura japonesa aqui passaram. Doutor Hakaru Ueno, sócio benemérito da Sociedade Brasileira de Parasitologia e da Sociedade de Medicina Veterinária da Bahia, laureado Doutor Honoris Causa pela UFBA e Professor Emérito pelo Ministério das Relações Exteriores do Japão, foi um deles.

No campo das artes, os japoneses que passaram pela Bahia fizeram-se notar. O ilustre Professor Takeshi Kobayashi, que aqui ministrou curso de violino, usou o Método Suzuki, que hoje é adotado em escolas de música da Bahia.

Aqui também se apresentou o pianista e maestro Masayuki Carvalho, filho da baiana Carolina com o Professor Kawamura, de Kyoto. Masayuki realizou concertos no Teatro Castro Alves e na Reitoria da UFBA.

A cantora lírica Hisae Takahashi, formada em Piano e Canto pela Faculdade de Música de Showa, no Japão, nos encantou inúmeras vezes com sua voz maviosa.

As musicistas Yûko Ogura e Reiko Nagase nos presentearam com um belo concerto de kotô e shamisen.

Diversas exposições de artigos da cultura japonesa nos foram trazidas pela Sra. Mitsue Hamazaki para nossas comemorações.

A presença dos japoneses na Bahia vai muito além das colônias e dos visitantes ilustres. Entre os anos de 1996 e 2006, registramos colaborações por meio do Projeto de Ajuda Comunitária, do Japão, num total de 570 mil dólares. As entidades baianas beneficiadas foram: ADRA-Agência Adventista de Recursos Assistenciais; OSID-Obras Sociais de Irmã Dulce; ABRE-Associação Baiana de Reabilitação do Excepcional; APAE-Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais; Hospital e Maternidade Maria Mãe do Salvador, e, finalmente, o Instituto de Cegos da Bahia.

Na parte cultural os baianos puderam contar com o CEAO-Centro de Estudos Afro Orientais da UFBA e com o NEJ-Núcleo de Estudos Japoneses da UNEB.

Acompanhando o emérito professor João Eurico Matta, assistimos a sua brilhante palestra sobre o livro “O crisântemo e a espada”, da antropóloga americana Ruth Benedict.

Enquanto isso, os companheiros Oscar Santana e José Augusto Berbert de Castro, nos brindaram diversas vezes com a exibição de clássicos de Akira Kurosawa e outros grandes nomes do cinema japonês. Berbert nos beneficiou com inúmeras reportagens e crônicas onde ressaltava a presença japonesa na Bahia. Acabou se tornando um dos Sete Samurais de Maracangalha.

Em visita a Cruz das Almas, encontramos os engenheiros Renato Gonçalves Martins e Orlando Passos. Renato Martins foi responsável pelo envio da primeira leva de imigrantes japoneses para a colônia de Una. Trazidos do navio japonês América Maru em setembro de 1953. Renato Martins foi condecorado pelo Império Japonês por sua dedicação à causa dos japoneses no Brasil, fato que está gravado na sua casa, na cidade de Cruz das Almas, quase um museu japonês, que tem o simbólico nome de “Mansão Sol Nascente”. Essa mesma

denominação foi dada a seu livro de memórias publicado em 2007, feito em parceria pelo Agrônomo Orlando Passos, seu genro, ex-diretor da EMBRAPA e pela Psicóloga Izabel Ceres Araújo Rosa, cuja edição foi custeada pelo Engenheiro Norberto Odebrecht. Orlando Passos, quando diretor da EMBRAPA, entregou o prêmio “Agricultor do Ano” a Roberto Shibata, filho de Rokuro Shibata, o maior e melhor produtor de laranjas da Bahia, radicado no município de Entre Rios.

Por falar em produção agrícola, devemos ressaltar a variedade das culturas desenvolvidas pelos japoneses na Bahia: seringueira, cacau, macadâmia, coco, cravo-da-Índia, mamão, uva, melão, manga, melancia, algodão, soja, guaraná, café, flores, mangustão, rambutan, lichia, duriano, noni e a agricultura orgânica.

Em 2003, no governo Paulo Souto, seu Secretário de Cultura e Turismo, o Professor Paulo Gaudenzi, grande incentivador do turismo, fez publicar um boletim literário com o título “Letra”, número 6, especialmente dedicado ao poeta Matsuo Bashô, de quem destaco dois haicais:

“Nem flores nem lua

E ele tomando sakê

Sozinho”.

“Espada e embornal

Guerra de meninos

Bandeira de papel”.

E afinal, fomos com o professor Cid Teixeira, visitar no Cemitério dos Ingleses, a sepultura do oficial japonês, o Marinheiro Desconhecido. E agora, nos 123 anos do Tratado de Amizade, nos 110 anos da Imigração Japonesa e nos 101 anos de Kyuji Shimizu, só me resta saudar bem alto:

Banzai! Banzai! Banzai!

第2章

Capítulo 2

Relacionamento Brasil X Japão

ブラジルと日本の交流

*Personalidades importantes, fatos
revelados que, de outra forma, jamais
seriam do conhecimento geral.
A gratidão dos autores pela importância
e dimensão do dado testemunho.*

偉人の秘話、今まで明かされることのなかった事実。
それらが如何に大規模で重要であるか。
それを著した執筆者の皆様に絶大なる感謝をいたします。

COMO NASCEU ESTE RELACIONAMENTO

Brasil x Japão

Odecil Costa Oliveira

Idos de 1969, durante o curso de Medicina, tive conhecimento da existência do CEAO – Centro de Estudos Afro Orientais – da Universidade Federal da Bahia, onde conheci o Professor Ryuichi Watanabe e logo depois o Professor Sasaki Tadao que ministravam aulas de língua japonesa para universitários na sua maioria. Ambos, com muito empenho e dedicação, transmitiam a nós, baianos, seus ensinamentos de japonês. Daí se formou o meu primeiro vínculo mais forte com o Japão, país que embora distante, muito me atraiu pela sua cultura. A eles que tanto se dedicavam para que aprendêssemos tão difícil idioma, o meu sincero reconhecimento por ter aberto uma grande oportunidade de ir ao País do Sol Nascente e ter conhecimento de tantas personalidades importantes que viveram na Bahia e deixaram seu marco na vida cultural, artes, ciências e desenvolvimento agrícola, industrial, dentre outros.

Vários foram os japoneses ilustres aqui citados com detalhes, reconhecidos e homenageados, trazendo nesta oportunidade a chance de conhecimento por parte dos mais jovens de como nasceu, cresceu e proliferou a contribuição dos japoneses que passaram e viveram na Bahia e que estão, neste momento, de maneira justa e elogiável, sendo alvo desta ideia louvável dos autores deste documento, uma vez que alguns, com a maioria deles, teve a chance de conhecer, conviver e colaborar nas suas iniciativas. Trata-se de um registro histórico do mais alto valor e reconhecimento.

Lembro-me do Senhor Kazuhisa Maekawa, forte liderança e exemplo de trabalho para muitos, inclusive organizando o tradicional Bon Odori que acontecia no pátio da Escola Politécnica da

Universidade Federal da Bahia, e que é hoje uma festa que faz parte do calendário oficial das que acontecem na cidade do Salvador.

Tive a honra de compartilhar a amizade do Senhor Takechi Okumura. Morávamos próximo e por isso sempre íamos juntos para os eventos da ACBJ. Foi com ele que muito aprendi ouvindo a sua visão sobre as coisas e o mundo em que vivemos. Pessoa simples, de educação inenarrável e, apesar de sua condição de saúde não ser das melhores, sempre prestigiou as atividades relacionadas à cultura japonesa desenvolvidas em Salvador. Era tradutor e destacou-se declamando poesias do grande poeta Basho em atividades desenvolvidas na Academia de Letras da Bahia, quando de homenagens prestadas ao digníssimo acadêmico doutor Oldegar Franco Vieira (niponólogo dos mais destacados no Brasil, poeta do estilo haikai, dito por muitos como “o brasileiro mais japonês conhecido” considerando seu vasto conhecimento da história e cultura do Japão).

O Senhor Kiuji Shimizu é um caso especial. Criou o primeiro restaurante japonês de Salvador, “O Sukiyaki”. Depois de termos nos encontrados por várias ocasiões, tive a grata satisfação de poder atendê-lo em meu consultório, à sua esposa e aos seus filhos, estes até hoje. Shimizu san foi recentemente, mais uma vez, homenageado pelo Governo do Japão por ter atingido o centenário de vida, desta vez pelo Cônsul Geral Jiro Maruhashi do Consulado Geral de Recife.

Com a missão desenvolvida à frente do Consulado Geral Honorário do Japão em Salvador, tenho a grande honra de ter sido o responsável pelo encaminhamento das providências para que houvesse a montagem da estrutura que hoje abriga o Memorial Hideyo Noguchi, no Laboratório Central do Estado – LACEN. Para que isso se concretizasse, contei com a valorosa colaboração do próprio LACEN e do Governo do Estado da Bahia na gestão do então Governador Jaques Wagner. A inauguração foi feita pelo Cônsul Geral em Recife Toshio Watanabe como último evento comemorativo na Bahia do Centenário

da Imigração Japonesa no Brasil, dentre os 49 outros acontecimentos documentados e registrados na época, organizados com a participação direta do Consulado. Vale ressaltar que fui indicado como Coordenador dos eventos do Centenário no Estado da Bahia. Nessa ocasião, recebi por merecimento, a Ordem do Mérito Kasato Maru, estatueta representativa da Família Imigrante, concedida pela Comissão Nacional dos festejos, no auditório do Bunkyo em São Paulo. Em 2015, recebi das mãos do Embaixador Kunio Umeda a Comenda da Ordem do Sol Nascente com ouro e traços.

Recordo-me bem do dia em que no Salão Nobre da Reitoria da Universidade Federal da Bahia vivi um dos mais intensos momentos de emoção. Foi ao ouvir a orquestra organizada e conduzida pelo ilustre violinista e maestro Takeshi Kobayashi executar músicas com alunos dos mais jovens aos mais idosos, ensinados através do método Suzuki (aprendizado executado em alguns poucos dias, mas que pareciam alunos de longa data). Confesso que não pude conter as lágrimas que vieram aos meus olhos diante da beleza do que assistia e ouvia. Muito importante o legado do Mestre Kobayashi que também nos brindou com espetáculos – concertos na sala principal do Teatro Castro Alves.

Ainda no seio da Universidade Federal da Bahia o Professor Hakaru Ueno, mais tarde Professor Doutor Honoris Causa da Universidade, pude acompanhar seu trabalho através dos poucos encontros que com ele tive, e de informações da Professora Doutora Angela Ornelas que com ele trabalhou por muito tempo. Ela nos contava do seu empenho e desenvolvimento de pesquisas no laboratório da Escola de Medicina Veterinária, conseguindo inclusive importante investimento da Agência de Cooperação Internacional do Japão – JICA, para montar o famoso laboratório em que trabalhava.

Vários outros representantes japoneses marcaram sua passagem pela Bahia com importantes projetos, desempenhos na arte,

cultura, música, agricultura e outros ensinamentos de grande repercussão na nossa sociedade como a Senhora Fusako Lariú, Diretora Social da ACBJ há vários anos e que ainda nos faz expressiva demonstração dos seus conhecimentos nipônicos, colaborando ativamente das atividades sociais e culturais, apesar da longa convivência na Bahia.

Concluindo, registro pessoas de grandes serviços prestados como a Sumida Sensei da JICA, na Escola de Língua Japonesa de Salvador. Da mesma forma, a maestrina e professora Eriko Sato, ex-diretora da Escola de Língua Japonesa, regente do Coral Kosmos, especializado em execução de músicas japonesas, além de professora do idioma pátrio, preparando alunos para concorrerem a bolsas de estudos no Japão. Do pianista e maestro Masayuki Carvalho que tanto nos encantou com seus concertos na Sala Principal do Teatro Castro Alves, assim como no Salão Nobre da Reitoria da Universidade Federal da Bahia. A cantora lírica Hisae Takahashi, e tantos foram os outros artistas japoneses que nos brindaram com espetáculos belos e inesquecíveis nos últimos 42 anos desde que retornei do meu curso de Especialização em Cardiologia na Universidade de Hiroshima, que fica difícil aqui registrar, embora estejam todos vivos em minha memória.

第3章

Capítulo 3

Hideyo Noguchi 野口英世



*O último pesquisador artesanal,
espírito transparente e habilidade
técnica descomunal*

南米で黄熱病の
研究活動をした医学博士

HIDEYO NOGUCHI: mártir da ciência, exemplo de superação e de humanismo

Ogvalda Devay de Sousa Torres
Caroline Bonfim de Oliveira

Hideyo Noguchi, japonês, médico, viveu um tempo na Bahia durante o qual deixou um importante legado científico. Trabalhou profissionalmente como médico e pesquisador, ao lado de outros importantes cientistas na cidade de Salvador-Bahia.



Hideyo Noguchi, ressalta-se sua assinatura na foto.

Nascido em 24 de novembro de 1876 em Inawashiro, Fukushima, Japão.

Falecido em 21 de maio de 1928 em Accra, Costa de Oure, na África

Restos mortais no Cemitério Woodlawn, em Nova York

Ao iniciarmos a coleta de dados para redação deste capítulo, notamos que também contribuiu na ciência em muitos outros países. Trata-se de um estudioso laureado internacionalmente por seu trabalho.

O Brasil, em 1908, recebeu um grupo de imigrantes japoneses que saíram do Porto de Kobe, no Japão, no navio Kasato Maru e desembarcaram no Porto de Santos (SP), em 18 de junho. Assim foi iniciada, oficialmente, a imigração japonesa para o Brasil. Esse fato está sendo comemorado, neste ano de 2018, por esses dois países. A Bahia

também participa dessa comemoração, e houve um incentivo para a inclusão do japonês Hideyo Noguchi no painel sobre legado à humanidade em microbiologia, no Brasil, porquanto esse pesquisador esteve na Bahia e, realmente, deixou uma grande herança para a ciência.

Foram encontrados para redação desse artigo o pronunciamento de Badaró (2003) apresentado ao Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins e o de Andrade (1997), homenageando-lhe postumamente a convite da Academia de Medicina da Universidade Federal da Bahia e da Escola Baiana de Medicina, do Consulado Honorário do Japão na Bahia e de todas as demais entidades nipobrasileiras baianas, no Salão Nobre da Faculdade de Medicina da Bahia. Ambos os trabalhos muito nos auxiliaram, complementados com pesquisa bibliográfica em sites da história da saúde.

As narrativas dos doutores Roberto Badaró e Zilton Andrade estão divulgadas neste livro.

A Febre Amarela, principal motivo da vinda de Hideyo Noguchi às Américas, é uma arbovirose, cujo agente é o *Flavivirus* da família *Flaviviridae*. Doença infecciosa aguda e febril adquirida pela picada de mosquitos, dos gêneros *Aedes*, *Haemagogus* e *Sabethes*, e conhecida por “Mal de Sião”, “Tifo Icteróide”, “Tifo Amarel” ou “Vômito Negro”. A Sífilis, doença infectocontagiosa causada pela espiroqueta *Treponema palidum* foi também vastamente investigada por este cientista.

Trajetória brilhante do pesquisador

Seisku Noguchi, nasceu em 24 de novembro de 1876, em Inawashiro, vila montanhosa do estado de Fukushima no norte do Japão. Ainda criança, aos dois anos de idade, sofreu uma queimadura grave na mão esquerda, impedindo a movimentação dos dedos.

Na família, enfrentava problema sério; seu pai viciou-se com o álcool e com jogos de azar, deixando a sua mãe praticamente sozinha na incumbência de cuidar da família. Noguchi, com limitação para trabalhar na lavoura foi incentivado por sua genitora a estudar.

Na infância sofreu dos colegas pelo defeito físico, pensou em abandonar os estudos, no entanto, destacava-se na Escola por sua inteligência. Quando no ensino médio, o diretor da escola Prof. Sakae Kobayashi o transferiu para a melhor escola da mesma cidade, além de encaminhá-lo para tratamento médico da lesão de queimadura. Retribuiu a confiança estudando cada vez mais, durante o dia e a noite, tanto que se dizia que ele dormia apenas uma noite por semana.

O médico Watanabe Kanae teve êxito na recuperação dos movimentos dos seus dedos, e também percebeu a inteligência do jovem Noguchi, assim o convidou a assisti-lo e lhe ofereceu aprendizado dos idiomas francês, inglês e alemão.

Foi no microscópico do seu médico protetor que Noguchi viu suas primeiras espiroquetas, material com que muito trabalharia. Diplomou-se em Medicina pela Escola Médica de Tóquio, onde foi Professor de Patologia Geral e de Microbiologia. Os registros do ano da diplomação de Noguchi são divergentes, entre 1896 e 1898.

No curso médico, se interessou em servir à humanidade, até porque, para pagar os estudos, contou com a colaboração de colegas que o ajudaram financeiramente, além do seu médico. Assim, dedicou-se ao estudo dos acidentes ofídicos, extraíndo a peçonha dos animais, examinava bem o material obtido, e dizia: “É precisamente o trabalho que as pessoas detestam que devo fazer de modo voluntário”. Foi um dos descobridores de antídoto para picadas de cobra, gerando a partir da peçonha o soro antiofídico.

Em 1899, no Instituto de Doenças Infecciosas em Tóquio, Noguchi conheceu o patologista Simon Flexner, da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, que havia isolado uma cepa da *Shigella dysenteriae*, neste mesmo ano. O coordenador do Instituto Dr. Shibasaburo Kitasato, descobridor dos agentes infecciosos do tétano e da peste bubônica, o encaminhou, em 1901, para estudar nesta Universidade com o eminente professor Flexner, onde começou sua carreira de investigação médica. No entanto, se disponibilizou para ser funcionário do laboratório no qual desenvolveu estudos das atividades biológicas da peçonha de ofídios.

Noguchi logo se responsabilizou pelos projetos de pesquisas na Academia de Ciências. Entre 1900 e 1903 sua atuação como pesquisador no Departamento de Patologia da Universidade da Pensilvânia era notada pela capacidade de trabalho.

Mais tarde, em 1904, em Nova York, onde passou a residir, se naturalizando americano, intensificou os estudos sobre a sífilis, comprovando a origem sífilítica de certas formas da paralisia. Nesta época, ingressou no Instituto de Pesquisas Médicas, dirigido por Flexner, hoje Fundação Rockefeller.

Nesta instituição Noguchi iniciou a brilhante contribuição à microbiologia, com os estudos sobre *Treponema pallidum*, agente da sífilis e *Bartonella bacilliformis*, causadora da Febre de Oroya e da Verruga Peruana, além do tracoma e da poliomielite. Desenvolveu meios de cultura importantes para as análises microbiológicas, instaurou mecanismos simples para detectar o agente da sífilis em suas diversas formas, introduziu o microscópio de campo escuro que facilitou o diagnóstico das espiroquetas, porém seu maior interesse era o isolamento do agente da Febre Amarela.

Noguchi na América Latina

A Fundação Rockefeller, criada em 1913, com o objetivo de implantar medidas sanitárias no continente americano, instituiu uma equipe de investigação da Febre Amarela, entre 1918 e 1924 da qual Noguchi participou, para visitar áreas endêmicas ou com epidemia da doença nas Américas Central e do Sul. A Fundação possuía uma Comissão de Combate à Febre Amarela que atuava em Guayaquil, Equador, pois se temia a disseminação da doença para o extremo oriente a partir do seu porto, o mais importante do Oceano Pacífico. Noguchi chega com a missão e marca o início das políticas sanitárias neste país. Foi condecorado pelo governo com o “Grau de Coronel de Sanidad del Ejército Ecuatoriano”.

Lembranças da passagem de Noguchi em Guayaquil é notada no Instituto Nacional de Higiene, onde conserva uma placa em sua honra

por descobrir “o germen de la fiebre amarilla” e abaixo, em outra condecoração, os dizeres: “aisló em Guayaquil uma nueva espécie de leptospira”.

Além desse país, estive no México, onde existe o “Centro de Investigaciones Regionales Dr. Hideyo Noguchi” na Universidade de Yucatan e em Lima, Peru, onde se destaca o “Instituto Honorio Delgado – Hideyo Noguchi”.

A vinda de Noguchi ao Brasil estava ligada à Fundação Rockefeller, que iniciou suas atividades em 1916 no Rio de Janeiro, em uma comissão médica com o objetivo de promover pesquisas científicas e ações de profilaxia das principais doenças endêmicas do país.

Destaque brasileiro

Marcas de sua passagem no Brasil são encontradas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. A primeira cidade a receber Noguchi foi o Rio de Janeiro, em 21 de novembro de 1923, onde visitou o Instituto Oswaldo Cruz e teve oportunidade de se encontrar com ilustres pesquisadores brasileiros como Carlos Chagas e Adolfo Lutz. Como registro da sua passagem nesta cidade, o nome de uma rua no bairro de Ramos foi atribuído ao cientista, “Rua Doutor Noguchi”. Ainda neste Estado, em sua homenagem, foi exposto seu retrato em alto relevo na entrada do edifício principal do Instituto Oswaldo Cruz.

Em São Paulo visitou o Laboratório de Parasitologia, do Instituto Butantã. Seu retrato está na Faculdade de Medicina da USP. Em Campinas, foi-lhe dedicada a Praça Dr. Hideyo Noguchi, situada no Jardim Guanabara. Neste local encontra-se o seu busto em bronze, sobre uma pedra de granito, com placa grafada em japonês e português: “Erguido em homenagem ao grande feito do Dr. Noguchi. Prefeito de Fukushima Morie Kimura”.

No jornal destinado aos nipodescendentes, o “Brasil-Jiho, que circulava em São Paulo, foi publicado uma matéria, em 07/03/1924, intitulada “O Dr. Noguchi veio para aprender, não para ensinar”.

Destaque baiano

A Bahia foi o estado brasileiro onde Dr. Noguchi permaneceu por mais tempo. Sua presença em Salvador foi de dezembro de 1923 a março de 1924, especialmente no Laboratório do Instituto Oswaldo Cruz, depois denominado Instituto de Saúde Pública de Salvador.

Andrade (2007), ao analisar a evolução da pesquisa experimental na Bahia, de referência a Noguchi, descreveu:

[...] reconhecido mundialmente pelos seus valiosos trabalhos no esclarecimento do agente etiológico de diversas doenças infecciosas, veio à Bahia, a fim de averiguar um surto de febre amarela, doença esta que vinha investigando em diferentes partes do mundo. Em estudos prévios, em outros países, Noguchi havia isolado a *Leptospira icteroides*. Ele queria estudar na Bahia, mais casos humanos, re-isolar as leptospiros, ensaiar técnicas diagnósticas e tentar a imunoterapia, porém ao chegar, como o surto havia sido debelado em Salvador, resolveu ir, pessoalmente, com outros médicos baianos, a uma distante localidade do interior, hoje chamada Palmeiras. Após coletar o material necessário e preparar culturas, foram feitas inoculações em cobaias e a análise revelou a presença da *Leptospira icteroides*, confirmando seus achados anteriores. Outros cientistas do Rio de Janeiro e de São Paulo, vieram para Salvador, especialmente os pesquisadores do Instituto de Manguinhos, mas não conseguiram isolar a tal *L. icteroides* [...]”.

Nos depoimentos encontrados do período de permanência do Dr. Noguchi na Bahia, se observa o quanto foi admirado por todos, pela natureza afável, pela delicadeza, pela capacidade de trabalho, o tempo imenso que dedicava aos afazeres, o quanto de especial havia em sua personalidade conquistando a confiança, o carinho dos que tiveram oportunidade de o conhecer e conviver com ele. Sempre foi muito respeitado e querido. Por outro lado, a infraestrutura do local do seu trabalho não ajudava muito; os equipamentos não eram ideais e o treinamento do pessoal deixava a desejar.

Da convivência do Dr. Noguchi com estudantes e pesquisadores brasileiros, ele observou haver pequena influência da medicina norte americana no Brasil, as fontes de informação prevaleciam em língua francesa, assim como as publicações científicas predominavam em português, seguidas do alemão.

A presença do Dr. Noguchi no Brasil incentivou o intercâmbio científico com o Japão. Era importante para as autoridades sanitárias a identificação das doenças infecciosas ou parasitárias que ocorriam no Japão e que poderiam ser introduzidas no Brasil. Houve oportunidade do médico brasileiro Dr. Otavio Tôrres, que trabalhava com o Dr. Noguchi permanecer durante seis meses nos Estados Unidos e de 21 professores e doutorandos da Faculdade de Medicina de São Paulo viajarem ao Japão. Ressalta-se também a vinda de outros pesquisadores japoneses, a exemplo do Dr. Akira Fujinami, especialista em esquistossomose, em 1927.

Na Faculdade de Medicina da Bahia, no Pelourinho, exatamente no prédio onde funcionou a primeira Escola Médica do Brasil, logo no saguão de entrada, existe uma lápide em mármore do Dr. Hideyo Noguchi, de 1929, e uma placa ao reconhecimento do valor do cientista pelos serviços prestados à Medicina Tropical na Bahia e no Brasil. No Salão Nobre da Faculdade está uma moldura com sua fotografia. Neste mesmo prédio reúne-se o Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA) que guarda cartas do cientista e fotos de sua permanência na Bahia.

Em 17 de julho de 2007 foi inaugurado o Memorial do Cientista Hideyo Noguchi no LACEN, projeto do Consulado Honorário do Japão da Bahia com apoio do Consulado Geral do Japão em Recife e do governo do Estado da Bahia, reunindo o material de trabalho do Dr. Noguchi: a mesa, o microscópio, as estantes onde guardava seus livros, entre outros, além das fotografias.

Em 2008, a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia faz inserir na Ata dos seus trabalhos Moção Nº 10.102/2008 de Congratulações ao

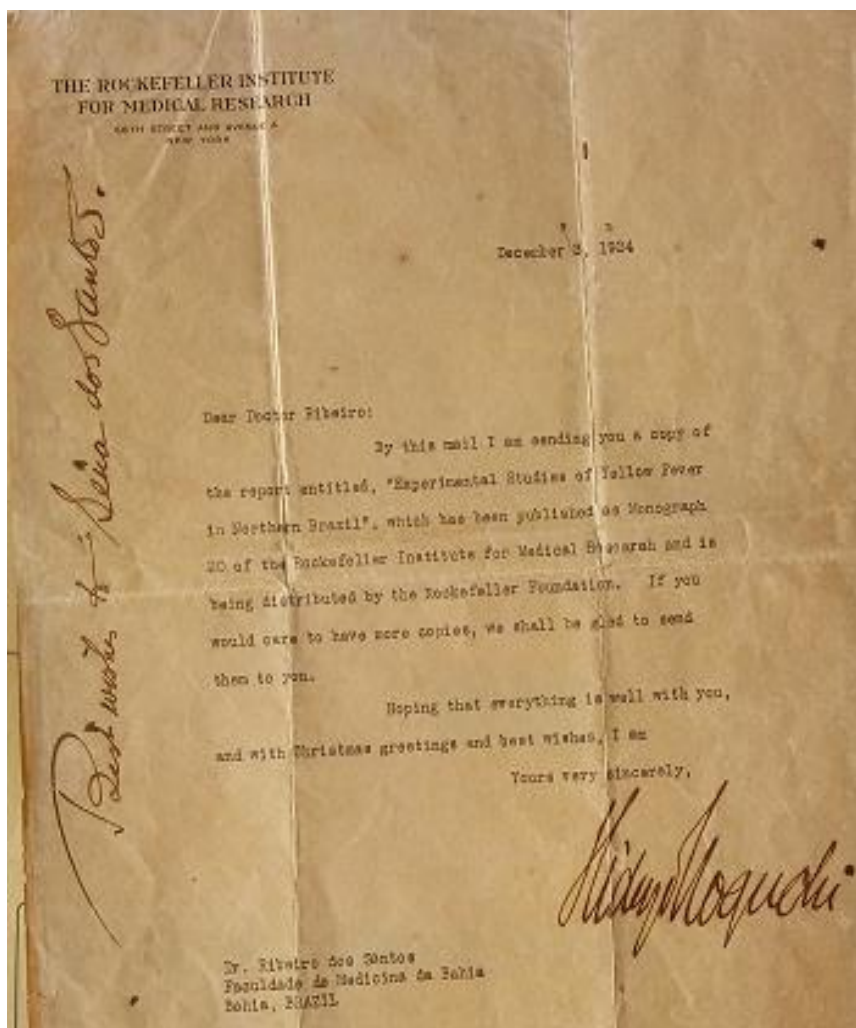
Dr. Hideyo Noguchi, cientista japonês de notáveis contribuições à microbiologia e que produziu preciosas informações científicas à humanidade.

O Consulado Honorário do Japão na Bahia recebeu pesquisadores japoneses interessados em conhecer todos os registros, em Salvador, da passagem de Noguchi pela Bahia. A Diretora Social da ACBJ-BA, Fusako Ishikawa Lariu acompanhou-os à Faculdade de Medicina da Bahia, bem como o Cônsul Honorário do Japão na Bahia da época, Emilton Rosa, e foram todos muito bem recebidos pelos membros da academia do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA).



REPRODUZIDO POR PEDRO SOUZA - 2006

Painel pintado por Jenner Augusto retratando fases da atuação de Dr. Noguchi na Bahia, no hall de entrada da Secretaria da Saúde do Estado da Bahia.



Carta do Dr. Noguchi ao Dr. Ribeiro dos Santos, Faculdade de Medicina da Bahia, em 3 de dezembro de 1924.

Noguchi mártir da ciência

A África, com epidemia de Febre Amarela, foi outro país visitado por Noguchi. A Comissão responsável por estudar a Febre Amarela na África Ocidental perdeu um membro de sua equipe, o patologista

londrino Adrian Strokes, vitimado pela Febre Amarela. Noguchi foi então enviado à África para continuar os trabalhos, contudo, em Acra, cidade da Costa do Ouro, adoece supostamente de Febre Amarela, em janeiro de 1928. Antes da viagem a este continente, havia produzido um soro contra a doença e injetado em si próprio, supondo estar imunizado. No entanto, ao injetar o seu sangue em um macaco, este morreu com lesões de rins e fígado compatíveis com a doença. Noguchi sobreviveu à doença, mas voltou a se contaminar no laboratório e faleceu em maio de 1928 aos 51 anos de idade.

Hideyo Noguchi é um nome conhecido em todos os continentes. Foi professor honorário da Universidade de Tokyo, das Universidades americanas de Yale, Brown e Pensilvânia e também das Universidades de Lima, Guayaquil e México. Membro da Academia Imperial do Japão, da Ordem Católica da Espanha, Dinamarca, Suécia e Ciências de Nova York. Por onde passou, Institutos foram criados com seu nome.

Em 1979, foi fundado o Noguchi Memorial e Instituto de Pesquisa Médica (NMIMR) com recursos doados pelo governo japonês. O Instituto está localizado na Universidade de Gana, em Legon, um subúrbio do Norte de Accra.

Em 1992 houve o lançamento do filme japonês *Tōki Rakujitsu* (Pôr do Sol Distante) dirigido por Seijirō Kōyama e fundamentado em dois romances biográficos, “*Tōki Rakujitsu*” (escrito por Junichi Watanabe) e “*Noguchi no haha: Noguchi Hideo Monogatari*” (por Kaneto Shindō). O drama apresenta a vida do cientista, centrado na relação com sua mãe, baseado numa comovente carta enviada por ela ao filho, hoje exposta num museu no Japão.

A partir de 2004, em homenagem ao brilhante pesquisador Hideyo Noguchi, circula a cédula de 1000 yens com a sua efígie.

Em 2007, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o governo japonês assinaram um acordo de cooperação no qual a OMS irá

auxiliar à administração do Prêmio Hideyo Noguchi África, instituído pelo Japão. O Prêmio, no seu terceiro ano, destina-se a meritórias realizações nos campos da pesquisa e assistência médica para combater doenças na África, e contribuir para a saúde e bem-estar do povo africano. O prêmio consiste em uma medalha, uma citação e 100 milhões de yens.

Em Inawashiro, na cidade onde nasceu, sua casa abriga o Memorial, onde estão fotografias, artigos pessoais e científicos, medalhas, que resumem sobre a sua vida. A Diretora Cultural da ACBJ-BA Fusako Ishikawa Lariu teve a oportunidade de visitar este Memorial, em 2006, e se impressionou com todo o acervo e a apresentação de um robô, em tamanho natural, simulando Dr. Noguchi, que respondia perguntas sobre tópicos médicos, em especial doenças tropicais, motivando interesse das crianças japonesas que ali passavam. A diretora relatou sua emoção ao entrar na casa e observar o “irori” (tipo de lareira) no qual houve acidente com o pesquisador, quando pequeno, queimando a mão. Outra raridade observada pela visitante foi a frase entalhada por ele na coluna de madeira da casa “só voltarei a terra natal quando tiver sucesso”.

Referências

ANDRADE, S. G. Evolução dos estudos experimentais aplicados à área médica na Bahia. **Gaz. méd. Bahia**, v.77, n.2 (Jul-Dez), p.245-254, 2007.

ANDRADE, Z. **Hideyo Noguchi na Bahia**. Pronunciamento em comemoração ao centenário de nascimento de Hydeyo Noguchi. Salão Nobre da Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 8 de setembro de 1997.

BADARÓ, R. **Saudação Póstuma a Hideyo Noguchi**. Trabalho apresentado ao Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA). Salvador, outubro de 2003.

BENCHIMOL, J. L.; SÁ, M.R.; Kodama, K. **Cerejeiras e cafezais: relações médico-científicas entre Brasil e Japão e a saga de Hideyo Noguchi**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2009. 680p.

KANAWANAMI, S. **História do cientista Hideyo Noguchi**. Japão em Foco, 2012. Disponível em: <www.japaoemfoco.com/historia-do-cientista-hideyo-noguchi/>. Acesso em: 22 maio 2018.

KIRA TEACHINGS. **Biografia 10 HYDEYO NOGUCHI**, 2015. Disponível em <https://www.kira-teachings.com/biografia-10-hideyo-noguchi/>. Acesso em 29 junho 2018.

MATSUE, R. Y. Intercâmbio científico Brasil-Japão no limiar do século XX: superando fronteiras e culturas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro. v.19, n.2, abr.-jun. 2012.

PAUCAR, E. **La fiebre de Noguchi que abrió Guayaquil al mundo**. Diario EL COMERCIO, 2018. Disponível em <https://www.elcomercio.com/tendencias/fiebre-amarilla-cientifico-noguchi-guayaquil.html>. Acesso em 29 junho 2018.

PITTELLA, J. E. H. O processo de avaliação em ciência e a indicação de Carlos Chagas ao prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.** vol.42 no.1 Uberaba Jan./Feb. 2009. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0037-86822009000100014>. Acesso em 29 junho 2018.

TAN, S.Y. FURUBAYASHI, J. Hideyo Noguchi (1876-1928): Distinguished bacteriologist. **Singapore Med. J.**, v.55, n.10, p.550-551. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4293967/pdf/SMJ-55-550.pdf>>. Acesso em: 22 de maio, 2018.

HIDEYO NOGUCHI: Saudação póstuma 1876 – 1928¹

Roberto Badaró

Seisaku Noguchi, nascido em 24 de novembro de 1876 em uma pequena vila das montanhas do norte do Japão chamada Inawashiro na Cidade de Fukushima. Foi homem de genialidade comparável aos grandes mestres da humanidade e, sem dúvida alguma, um dos últimos e autênticos representantes da escola Pasteuriana que morreu neste século.

Noguchi viveu 51 anos, porém ao ler as suas notáveis contribuições à microbiologia, tem-se a impressão de que viveu muito mais tempo para produzir essa enorme quantidade de preciosas informações científicas legadas à humanidade.

A genialidade é dom do Ser Superior. Noguchi indiscutivelmente foi um gênio. Nascido em família empobrecida não teve a educação dos príncipes, mas a sua genialidade o conduziu muito além deles. Era costume, no Japão, a adoção de um novo nome ao jovem que atingia a maioridade, e na sabedoria dos orientais esse novo nome deveria expressar a figura e o caráter daquele que assim se chamaria.

Noguchi teve seu nome trocado de Seisaku por Hideyo que significa: "Ser Superior do Mundo" (1). A profecia anunciada em seu nome se concretizou. Hideyo Noguchi é um nome conhecido em todos os continentes desse nosso mundo. Foi professor honorário da Universidade de Tóquio, de várias Universidades americanas, entre elas Yale, Brown, Pensilvânia, da Universidade de Lima, Guayaquil, Quito, e do México. Membro da Academia Imperial do Japão, da Ordem Católica da Espanha, Dinamarca, Suécia, e Ciências de Nova York(2). Por onde passou Institutos foram criados com seu nome. A vida dos gênios é sempre curiosa em todos os seus momentos. Noguchi teve seu

¹ Palestra proferida no Instituto Bahiano de História da Medicina, Terreiro de Jesus, outubro de 2003

primeiro obstáculo aos dois anos de idade quando sofreu uma grave queimadura na mão esquerda que o deixou quase incapacitado. Todos que o fitavam imediatamente notavam as sequelas dessa queimadura nos dedos da mão esquerda grudados e sem os movimentos normais da fisiologia deste membro. Embora uma condição adversa, fez chamar atenção do seu mestre tutor, o Diretor da Escola da cidade Inawashiro Senhor Sakae Kobayski, o qual ao visitar a vila onde ele morava de pronto percebeu a figura franzina e apreensiva de Noguchi. Ao interrogá-lo o mestre Samuraí percebeu que se tratava de um aluno incomum e talentoso, que mesmo sem condições financeiras para frequentar a escola, devido a pobreza de sua família, o convidou para estudar na escola principal de Inawashiro.

Formou-se em Medicina na Escola Médica de Tokyo em 1898. E pouco depois viajou para os EUA. O talento de Noguchi venceu facilmente o obstáculo linguístico. Sabemos o quanto é difícil expressar os nossos pensamentos em língua diferente da qual fomos educados!

Ainda nos seus primórdios nos EUA, Noguchi tomou a responsabilidade de preparar um extenso volume de pesquisas da Academia de Ciências dos EUA com importantes resultados(3). Entre 1900 e 1903 destacou-se no Departamento de Patologia da Universidade da Pensilvânia pela sua capacidade de trabalho, que o distinguia entre os seus colegas.

Noguchi foi um serviçal da ciência. Sem dúvida o talento incomparável dos japoneses de aprimorar e dar utilidade às invenções, era fortemente enraizado em Hideyo Noguchi. Talvez, muitos dos avanços e descobertas, no campo da microbiologia nos primeiros 50 anos desse século se deve ao aprimoramento dos meios de cultivo, métodos de coloração e descrição metodológica que foi pulverizada pelos mais de 100 trabalhos que ele publicou(1). A maioria deles em um dos mais importantes periódicos de informação científica de outrora e de hoje que é o *Journal of Experimental of Medicine* (4-7).

A história de Noguchi no Brasil inicia-se no Instituto de Pesquisas Médicas de Nova York, hoje Fundação Rockefeller. Noguchi

foi um dos fundadores deste importante Instituto de Pesquisa Médico-Biológicas do Mundo. A Rockefeller é uma fundação universitária de pesquisa, passagem obrigatória da maioria dos cientistas norte-americanos de renome e até de vários ganhadores de Prêmios Nobel. Em 1904 quando esta instituição foi criada, Noguchi foi um pioneiro. E teve uma missão importante para a época: integrar os três ramos das ciências biológicas na medicina experimental: a Imunologia, a Microbiologia e a Patologia. Conviveu com Arrhenius, Flexner, Paul Ehrlich, Emil Fisher, Kitasato e vários outros gênios europeus da teoria imunológica da resposta à infecção.

Nos últimos 10 anos de sua vida dedicou-se a estudar as doenças de causas obscuras, entre elas a febre amarela.

Foi como membro integrante da comitiva enviada pela Fundação Rockefeller entre 1918-1924 que Noguchi veio à América do Sul para estudar a Febre Amarela(8). Nessa época, já era Noguchi um cientista famoso. As Spiroquetas descobertas nos anos 1904-1905, por Schaudinn e Hoffman, não haviam sido ainda cultivadas. Noguchi desenvolveu um meio de cultura utilizando meios bifásicos enriquecidos com o sangue de animais, possibilitando isolamento do *Treponema*; e como dominava bem a bacteriologia, a Patologia e Imunologia, foi Noguchi quem popularizou as técnicas de ultramicroscopia, introduzindo a microscopia de campo escuro e consequentemente abrindo as perspectivas para os estudos das diversas espécies de espiroquetas associados às doenças sífilíticas. O seu "Manual de Diagnóstico Laboratorial da Sífilis", para médicos e estudantes, publicado em 1923 é um documento vivo da sua imensa intimidade com esses microrganismos(9-11). Já nessa época os chamados agentes filtráveis e já designados de vírus eram suspeitos da etiologia de doenças febris comuns.

Noguchi, com seus meios difásicos, isolava em culturas puras outros agentes que são fronteiriços aos vírus. Hoje sabemos serem as riquetsias, bartonellas e os leptospiros(12, 13). Todos, embora descobertos por outros, foram isolados por ele. A febre maculosa das Montanhas Rochosas teve sua etiologia definitivamente associada às

riquétias, à época chamadas de "riquétias-like", pela sua demonstração nos carrapatos, nos órgãos e tecidos infectados, e o sucesso da terapêutica com soro de convalescentes por ele definidos(4). Noguchi dominava com maestria as técnicas de morfologia e microscopia e seus conhecimentos na bacteriologia e imunologia o fez um mestre deste século da Medicina Experimental. Na Faculdade de Medicina, em Salvador, pronunciou o Prof. João Garcez Fróes, em 22 de fevereiro de 1924, em discurso de homenagem a Noguchi o seguinte: "indubitavelmente muitos dos últimos progressos da ciência e na arte médica representam o fruto de pesquisas experimentais"(14).

Noguchi deu novo impulso à Medicina Experimental na Bahia com seus ensinamentos sobre a necessidade de experiências em laboratório. Permita-me ilustrar esta exposição com alguns de seus experimentos em macacos, para investigação da etiologia da conjuntivite crônica granulomatosa, o Tracoma.

Tendo ele isolado em cultivos especiais bacillus gram negativo, não cromogênico à época designado de *Bacterium granulosus* de casos de tracoma proveniente de Albuquerque no Novo México, decide repetir experimentos para definir a etiologia do Tracoma, visto que vários outros microrganismos haviam sido incriminados por outros investigadores.

Dizia Noguchi:

A falha da transmissão experimental direta de material obtido de caso de tracoma humano, não significa que necessariamente microrganismos específicos estejam ausentes de material inoculado ou que esses animais sejam refratários ao tracoma. E preciso se obter culturas puras de material de tracoma humano e testar qual deles reproduz a doença.

E assim fez. Isolou de casos de tracoma, *Staphylococcus aureus*, *Corynebacterium xerosis*, *Bacillus* gram negativos, bacilo de Koch e fez experimentos elegantes com rigor metodológico científico comparativo, inoculando dezenas de grupos de macacos com culturas puras de cada

um desses microrganismos, assim, estabelecendo que a conjuntivite causada nos macacos inoculados com o *Bacterium granulosus* era muito similar ao tracoma humano(5). Hoje sabemos que este é causado pela *Chlamydia trachomatis*, à época *Bacterium granulosus* (15). Noguchi era cuidadoso, fazia questão de examinar pessoalmente cada um dos animais inoculados, e nos seus relatos trata seus animais de experimentação com intimidade familiar, dizia:

A conjuntivite que apareceu na Chimpanzé 'Kitty' foi com sucesso transferida à Chimpanzé Louisa. Seus olhos flamejam com folículos invadidos por tecido conectivo fibrinoso e são idênticos também nos dos olhos dos Chimpanzés Vênus e Adonis inoculados com material da conjuntivite de Louisa (5).

Mais impressionante ainda foi a sua contribuição ao entendimento da Febre de Oroya, Verruga peruviana, a doença de Carrión. Em 1885 morreu Daniel Aleides Carrión com uma doença aguda grave semelhante à febre de Oroya após inocular-se com material de um paciente portador de uma verruga peruviana. Em 1909 Barton demonstrou esses microrganismos dentro das hemácias de pacientes com febre de Oroya. Um ano depois, Noguchi usando seus meios especiais de cultura isolou a *Bartonella bacilliformes* e produziu a febre de Oroya e a Verruga peruviana nos macacos de experimentação(6). Foi mais além, investigou os flebótomos incriminados por Charles Towsend e Shanon de estarem infectados com *B. bacilliformis*. Noguchi definitivamente estabeleceu a natureza etiológica da verruga peruviana, a *B. bacilliformis*, e seus agentes transmissores o *Phlebotomo verrucarum*, *Phlebotomo peruensis* e um com seu nome *Phlebotomo noguchii*.

Noguchi chega ao Brasil em 21 de novembro de 1923 no Rio de Janeiro. As suas descobertas importantes da presença do gênero *Leptospira* no sangue de pacientes com *Typhus amarill* em Guayaquil no Equador, eram as primeiras evidências da possível etiologia da febre amarela epidêmica, que foram combatidas maravilhosamente com a genialidade de Oswaldo Cruz.

O *Leptospira icteroides*, assim batizado por Noguchi tinha uma estreita relação com a síndrome clínica da Icterícia hemorrágica, *Typhus amarill*, Febre Amarela (16).

Ao chegar a Bahia foi assim saudado pelos ilustres mestres baianos da medicina:

[...] a triste circunstância da existência do mal amarelíco entre nós teve uma compensação feliz na singular oportunidade que forneceu da honra excepcional da presença entre nós de um dos maiores sábios do mundo. O Dr. Hideyo Noguchi cujas pesquisas sobre febre amarela levaram à determinação do *Leptospira icteroides*, como agente causal dessa infecção aqui veio para lhe autenticar a existência e pesquisar seu parasito [...]

Havia notícias de uma epidemia do mal amarelíco na cidade de Palmeiras no interior do Estado da Bahia. A determinação de Noguchi, para a zona isolada partiram os doutores Mario Bião e Godofredo Vianna com encargo de colher material entre os numerosos doentes que já se encontravam. Colheram sangue de uma dúzia de doentes e o semearam no meio apropriado de Noguchi, e naquele que coubera ao Dr. Godofredo Vianna foi isolado o gênero *Leptospira* de Noguchi. Experimentos se seguiram em animais e foram realizadas várias demonstrações do *Leptospira icteroides* no maravilhoso ultramicroscópio de campo escuro trazido por Noguchi. Acentua o Professor Joao Garcez Fróes em correspondências dirigidas ao Dr. Noguchi: “Com o legado intelectual, por si inestimável, quis o iminente cientista encarecer os laboratórios do nosso Instituto Oficial de Bacteriologia, com acervo de material de notável valia”(16).

Noguchi não era um clinico, apesar de seu profundo conhecimento das doenças que investigava. Isso se nota na saudação a Noguchi na sala dos lentes da Antiga Faculdade de Medicina da Bahia, no dia 22 de fevereiro de 1924, realizada pelo Prof. João Garcez Fróes, ao dizer:

Se não é lícito fazer clínica moderna sem as luzes do laboratório, [enaltecendo a medicina experimental de Noguchi, acrescenta], “[...] pequeno também seria o valor deste, sem o auxílio

constante e a sanção da Clínica." "[...] É do connúbio do laboratório e da clínica que tem resultado o engrandecimento crescente da medicina hodierna." "[...] hábeis clínicos foram as fontes geradoras de gênios como Jenner, Kendall, Claude Barnard e Pasteur." "[...] se assim for, e creio firmemente, então qual é o futuro da medicina? Não desaconselho a Medicina Experimental; pelo contrário, eu a propugno como um dos fatores essenciais ao desenvolvimento da ciência médica, porém confio ainda mais na medicina clínica ou naqueles que a ela se dedicam para expansão dos nossos conhecimentos."

Em correspondências trocadas com Noguchi, o Prof. João Garcez Fróes ousa duvidar da verdadeira correlação entre a síndrome clínica do *Typhus icteroides* (a febre amarela) e o *Leptospira icteroides*. Diz o médico baiano em Sessão Solene das Sociedades Médicas Bahianas, em julho de 1923:

Pronunciei-me contra a aceitação definitiva do *Leptospira* de Noguchi para etiologia da Febre Amarela, baseando-me nos dados fornecidos pela reação sanguínea nos doentes de Febre Amarela; e enviou a Noguchi uma Tese realizada na Bahia em 1915 pelo Dr. Eduardo Bittencourt sobre a Hematologia da Febre Amarela junto com várias interrogações acerca do seu *Leptospira icteroides* (16).

Respondendo as indagações do Prof. Garcez Fróes, lhe escreve Noguchi dizendo:

Pessoalmente tenho tido pouca oportunidade de estudar a hematologia da Febre Amarela e estou agora muito satisfeito por ter achado um trabalho completo e compreensível para servir de guia aos meus estudos experimentais com o *Leptospira icteroides*. Em vossa amável carta escreveste-os *Victorioso leptospira icteroides*. É provável que o seja ainda que eu me tenha sempre absterido de dizer diretamente que é o *Leptospira* a causa da Febre Amarela. Tenho me limitado a apresentar os dados experimentais, uma vez obtidos, à classe médica com o objetivo de permitir a todos a manifestação pessoal de suas opiniões. É, entretanto, um fato que esses dados são às vezes tão técnicos para a maioria

dos que se não dedicam particularmente a essa esfera de pesquisa que não é possível tomar decisão definitiva".

Já na Bahia nos anos seguintes vários dos ilustres baianos com seus retratos nas paredes dos restos da lendária Faculdade de Medicina da Bahia, Augusto Vianna, Pirajá da Silva, Gonçalo Muniz, Prado Valadares, Couto Maia, Estácio de Lima, Agripino Barbosa, Pinto de Carvalho e muitos outros, já não tinham o entusiasmo inicial da descoberta de Noguchi na etiologia da Febre Amarela. O Médico Otto Schmidt em 1926 a fim de obter o grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgica faz uma Dissertação sobre a Febre Amarela na Bahia(18). Analisa os doentes internados no Hospital de Isolamento no Monte Serrat, hoje o Couto Maia, que lá tiveram com diagnóstico de Febre Amarela. Iluminado pela descoberta de Noguchi resolve cultivar nos meios especiais que aqui ele deixara no Instituto Oswaldo Cruz do Canela, sangue e urina dos pacientes da enfermaria de Febre Amarela.

Eram frustrantes as tentativas de isolamento do *Leptospira icteroides* de Noguchi nos doentes daquela enfermaria. Entretanto membros da Comissão Rockefeller aqui deixados por Noguchi, Horácio Martins e Adriano Ponde ainda isolaram o *Leptospira icteroides* em um doente com minuciosa descrição que hoje sabemos ser característica da Síndrome Weil, a Leptospirose. Descreve o Dr. Otto sobre o paciente de número 259, Joaquim Augusto Dias, 23 anos, residente no Beco do Bambu na Calçada:

"[...] sentiu febre, dores nas pernas cefalalgias e calafrios, vômitos no primeiro dia. À inspeção àquela hora e sob a luz artificial revelava: olhar brilhante, úmido, denunciador do estado de angústia, injeção hiperêmica das conjuntivas óculo palpebrais, hiperemia da face, pescoço, e tórax, deixando a pressão isquêmica dos dedos, rubefação dos tegumentos no abdome, nos braços e coxa, língua seca, saburrosa, igualmente as gengivas, dentes fuliginosos. Não tinha o hálito fétido de Bertulus, o cheiro característico de carne de açougue, dor à pressão no epigástrio, máxima no lobo esquerdo do fígado. Dor na fossa ilíaca direita não havendo gorgolejo ou crepitação peritoneal.

Teve vômitos após a chegada, mucoso e abundante. O doente urinou 15cc de urina espessa. Ao microscópio após centrifugação, presença de pseudo cilindros granulosos e cristais de ácido úrico. Foram colhidos sangue e urina para inoculação no meio especial de Noguchi. Prescrevemos água de Vichy, saco de gelo sob epigástrico. O doente dormiu mal a noite. A dor epigástrica exacerbava-se e a doença evoluiu num crescendo de agravação de ensombramento a mais e mais à *prognoses ad malum*. A icterícia, intensificando as suas cores gradativamente se influencia, pelas conjuntivas oculares e tegumento cutâneo do tronco e abdome dando uma tonalidade amarelo-açafrado. [A minuciosa descrição se segue até ser concluído] “[...] o doente empenha todas as reservas defensivas, quase por inteiro esvanecidas. Por fim cai vencido às 20 horas e 20 de hoje falece”(18).

A autopsia realizada por Couto Maia, Barros Barreto, Estácio de Lima e seus assistentes concluíram tratar-se de *Leptospirose* amarela, que pesasse a demonstração do *Leptospira icteroides* de Noguchi (18).

Dois anos depois Noguchi vai a África em busca de provar a etiologia da Febre Amarela. Noguchi. Confirmou a descoberta de Stokes da etiologia viral da Febre Amarela nos seus experimentos reproduzindo a doença em macacos. E foi mais, com a própria vida abandonou o *Leptospira icteroides* ao morrer em 21 de maio de 1928 no seu último experimento em Lagos na Nigéria juntamente com William Young e Stokes que também pagaram com a vida a descoberta do vírus amarelíco (19).

Não erraram os nossos mestres da Medicina Bahiana ao homenagear Noguchi como o sábio e iminente cientista japonês. Por certo, sua memória está preservada na perpetuação das suas descobertas. A *Leptospirose*, a Doença de Carrión, as riquetsioses e a própria Febre amarela que teve sua vacina desenvolvida na Fundação Rockefeller que Noguchi ajudou a criar. Seus tratados sobre veneno de cobra, sífilis e Febre Amarela são documentos preciosos da História da Medicina(11). Cumpre mencionar que são vários aqueles que preservam

a memória deste sábio japonês. Na Bahia Noguchi ao despedir-se quando aqui esteve falou da Faculdade de Medicina da Bahia:

Os esplêndidos edifícios desta Faculdade que deslumbram a vista com os seus corredores suntuosos, dignos de dar agasalho a príncipes, constituem apenas uma exterioridade banal quando comparados com o brilho daqueles a quem abriga e com a sua história gloriosa. Ofereço as minhas respeitadas homenagens à primeira Escola Médica do Brasil e agradeço aos seus eminentes membros a honra que hoje me outorgam, honra que levarei feliz, como símbolo de fé e boa vontade, ao Instituto Rockefeller de Pesquisas Médicas, do qual sou representante. (16)

I have already spoken to Professor Augusto Vianna before he left for Rio that I wish to leave certain laboratory materials, including a dark field microscope, several incubators, autoclave, and various instruments and glass wares to the use of the Oswaldo Cruz Institute as a token of our appreciation. (16)

Assim literalmente Noguchi deixou os seus instrumentos de trabalho para a Bahia.

O desenvolvimento de um país se mede também pela idade e estado das memórias preservadas. Quão mais antigos são as relíquias preservadas mais sábio e desenvolvido é o seu povo. Noguchi ainda tem vivas memórias na Bahia, graças à Dra. Aida Costa, Diretora do LACEN que guarda com carinho o restante do material deixado por Noguchi no Instituto Oswaldo Cruz, depois Fundação Gonçalo Muniz e hoje o LACEN. Tive ainda a sorte e a felicidade de poder conversar com meu mestre Professor Rodolfo Teixeira que dos escombros desta Faculdade e de seu acervo particular salvou documentos onde pude ler sobre os ensinamentos de Hideyo Noguchi.

Diz a lenda que os japoneses vivem em busca do sol nascente. Noguchi o encontrou!

Referências

1. FLEXNER, S. A biographical Sketch. **Science**, v. LXIX, p.655-660, 1929.
2. MEGUMI; MARUYAMA, T. **Hideyo Noguchi no Brasil**. Tradução de Antônio Martins de Araújo. [S.l.: s.n.].
3. NOGUCHI, H. *Spirochaeta icterohaemorrhagiae* in American wild rats and its relation to the Japanese and European strains. **J. Exp. Med.**, v.25, p. 755, 1917.
4. NOGUCHI, H. The etiology of Tracoma. **J. Exp. Med.**, v.XLVIII, p.1-22, 1928.
5. NOGUCHI, H. Etiology of Oroya Fever. VI. Pathological changes observed in animals experimentally infected with *Bartonella bacilliformis*. **J. Exp. Med.**, v.XLIV, p. 697, 1926.
6. NOGUCHI, H. Etiology of Oroya Fever. IX. *Bacterium peruvianum*, N. sp. A secondary invader of the lesions of verruga peruana. **J. Exp. Med.**, v.XIV, p.175, 1927.
7. ARAGÃO, G.M.S. **Recepção do Prof. Hideyo Noguchi e do Dr. Henry Müller**. Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, relativa ao ano de 1924. Ministério da Educação e Saúde, p.109-119, 1940.
8. NOGUCHI, H. **Laboratory diagnosis of syphilis. A Manual for Students and Physicians**. Paul B. Hoeber, Inc. New York, 1923.
9. NOGUCHI, H. **Serum diagnosis of syphilis and luetin reaction**, [S.l.: s.n.], 1912.
10. FARRAR, W.E. **Leptospira species (Leptospirosis)**. Mandel, Chapter 217, p. 2137-2140, 1996.
11. TRAMONT, E.C. **Treponema pallidum (Syphilis)**. Mandel, Chapter 215, p.2117-2137, 1996.
12. NOGUCHI, H.; FRÓES, J.A.G. Etiologia da febre amarela e reconhecimento na Bahia do *Leptospira icteroides*. Correspondência trocada sobre o assunto. **Gaz. Med. Bahia**, v.LIV, n.9, p.611-630, 1924.
13. MONATH, T.P. **Flaviviruses (Yellow Fever, Dengue, Dengue Hemorrhagic Fever, Japanese Encephalitis, Tick-Borne Encephalitis)**. Mandel, Chapter 131, p.1465-1474, 1996.
14. O'BRIEN, T.P.; GREEN, W.R. **Conjuntivitis**. Mandel, Chapter 92, p.1103-1110, 1996.
15. NOGUCHI, H. **Laboratory diagnosis of syphilis**. [S.l.: s.n.], 1923.
16. SCHMIDT, O. **A febre amarela na Bahia em 1926**. 1926. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1926.

HIDEYO NOGUCHI NA BAHIA²

Zilton de Araújo Andrade

Hideyo Noguchi foi um cientista japonês, de estatura pasteuriana, que, desde as minhas leituras pré-universitárias, já era meu conhecido, listado que estava entre os caçadores de micróbios que tanto me causavam admiração. Ao entrar para a Faculdade de Medicina do Terreiro foi com surpresa e satisfação que notei o retrato deste cientista, em um alto relevo no saguão de entrada. Quando ainda estudante de medicina, trabalhei no Instituto de Saúde Pública da Fundação Gonçalo Moniz, fundado por Otávio Mangabeira Filho no mesmo local onde antes existia o Instituto Oswaldo Cruz. Lá havia um Laboratório Hideyo Noguchi, com um retrato do cientista no alto de uma parede. Acontece que Noguchi havia trabalhado ali, no Instituto Oswaldo Cruz da Bahia, de dezembro de 1923 a março de 1924. Ainda estavam por lá vários instrumentos, inclusive um estojo para trabalhos de necropsia e um microscópio, que pertenceram ao cientista e que eram olhados por todos nós como relíquia, que merecia veneração e respeito. Na Biblioteca abundavam referências aos trabalhos de Noguchi, realizados na sua maior parte no Instituto Rockefeller de New York e havia também publicações de cartas trocadas com mestres da nossa Faculdade. Durante minha formação, vi gradativamente aumentada a minha curiosidade pela figura singular deste cientista que tão profunda impressão havia causado na Bahia durante sua curta permanência. Pouco a pouco a curiosidade já não era tanto pelo cientista, que logo verifiquei ser de um cientista de grande porte, mas pela figura humana, pela personalidade e pelos detalhes da sua vida e da sua luta contra a febre amarela, que o fazia mudar de lugar e viajar pelo mundo inteiro.

Recebi um honroso convite para falar em nome da nossa Academia de Medicina, da Faculdade de Medicina da Universidade

² Palestra proferida no Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA), Terreiro de Jesus, outubro 2003

Federal da Bahia e da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, numa sessão para homenagear a memória de Hideyo Noguchi. Foi uma tarefa que me trouxe muita satisfação para cumpri-la, pelos motivos que acima esbocei.

Hideyo Noguchi se fez merecedor da gratidão de toda a humanidade por sua extraordinária contribuição à ciência médica. Como pesquisador, com excelente formação e extraordinária capacidade de trabalho, do seu posto no Instituto Rockefeller de New York, ele produziu e ensinou ciência da mais alta qualidade.

Hideyo Noguchi nasceu no Japão em 24 de novembro de 1876 e faleceu em Accra, hoje uma cidade em Ghana, em 21 de maio de 1928, portanto aos 51 anos de idade. Foi uma criança muito pobre, criado numa família da qual o pai havia desertado muito cedo. Ainda criança sofrera um acidente ao cair sobre o fogo onde estava sendo cozido o almoço. Em consequência teve parte de sua mão esquerda destruída, limitação dos movimentos do punho e sinéquia nos dedos restantes. Mais tarde, ainda na sua cidade natal de Inawashiro, Fukushima, uma operação médica possibilitou a restauração dos movimentos do punho e a liberação dos dedos. O cirurgião que o tratou deu-lhe o exemplo e, logo a seguir um início de treinamento, que foram decisivos para que Noguchi seguisse a carreira médica. Estudou sempre com muitas dificuldades e com muita dedicação. Sua extraordinária dedicação ao trabalho e sua facilidade em aprender idiomas chamavam a atenção dos professores e circunstantes. Ainda no Japão, Noguchi aprendeu o alemão, o francês e o inglês. Mais tarde, veio a falar também o espanhol e o dinamarquês. Formou-se em Medicina em 1897 em Tóquio, desempenhou várias funções no Japão, ensinou Patologia Geral e Microbiologia, duas áreas que ele tanto viria a cultivar na sua brilhante carreira. Através de uma conexão com o eminente cientista americano, Simon Flexner, veio fazer treinamento nos Estados Unidos em 1900. Em 1904 entrou para o Instituto Rockefeller, instituição que apoiou os seus estudos para o resto de sua vida. Nas suas pesquisas no Instituto novaiorquino fez contribuições fundamentais para o estudo do *Treponema pallidum*, o agente causador da sífilis, bem como a caracterização da *Bartonella bacilliformis*, que, como demonstrou dramaticamente o

peruano Carrión, causa tanto a febre de Oroya, como a “verruca peruana”. Além de estudar tracoma e poliomielite, ele isolou e estudou vários microrganismos. Com os meios de cultura que descobriu e com estudos morfológicos e funcionais sobre os microrganismos os mais diversos, ele deu uma contribuição decisiva para o desenvolvimento da Microbiologia. No entanto, sua luta maior desenvolveu-se na tentativa de isolar o agente causador da febre amarela.

Para melhor realizar tais estudos, teve que viajar por diversas áreas endêmicas, aí incluindo sua vinda para a Bahia em fins de 1923.

Noguchi passou um pouco mais de três meses no Brasil, a maior parte do tempo na Bahia. Neste tempo relativamente curto, a sua estadia causou um grande impacto no meio médico brasileiro. Aqui fez muitos amigos, colaboradores e admiradores. As marcas da sua passagem ainda são visíveis. Mas, por onde quer que ele passasse acontecia a mesma coisa. Ele visitou rapidamente o Rio de Janeiro e São Paulo. No Rio há uma rua com seu nome e um retrato em alto relevo na entrada do edifício principal do Instituto Oswaldo Cruz. Na Faculdade de Medicina da USP há um retrato seu e na cidade de Campinas uma praça com o seu busto no meio de um jardim. Para estudar a febre amarela, Noguchi passou por alguns outros países da América Latina. Traços da sua passagem podem ser levantados. Na Universidade de Yucatan, México, existe hoje um “Centro de Investigaciones Regionales Dr. Hideyo Noguchi”. Da mesma maneira há em Lima, Peru, um Instituto Honório Delgado-Hideyo Noguchi. Nos hospitais de Guayaquil, Equador há muitas lembranças da passagem de Noguchi. Todos a ele se referem com muito carinho. Havia, portanto, algo especial na personalidade de Noguchi que o fazia não só admirado e respeitado, mas também muito querido. Simon Flexner, seu chefe no Instituto Rockefeller, escreveu que todos que vinham a conhecer Noguchi ficavam impressionados com a nobre simplicidade e dignidade da sua personalidade, características estas que o sucesso científico não abalou. E acrescentou: “Parte da sua proeminente posição como figura mundial derivava do seu charme pessoal e conduta, aumentados à proporção que sua proeminência como investigador científico crescia”. Podemos vislumbrar alguns dos

motivos desta simpatia irradiante ao lermos a correspondência que Noguchi trocou com professores da nossa Faculdade de Medicina. No auge da sua fama, como um dos mais brilhantes cientistas da época, ele não se furtava a fazer longas cartas para discutir com os professores locais sobre detalhes de pesquisas científicas. Nas entrelinhas aparece bem clara a modéstia do missivista e o respeito para com os argumentos do correspondente. Há evidências de que ele lia trabalhos locais, de médicos da nossa Faculdade (muitas vezes produzidos sob a forma de teses, escritos em português; devemos lembrar que, entre outras línguas, Noguchi falava o francês e o espanhol) e os analisava e discutia nos seus detalhes. Ele que trabalhava igualmente nos laboratórios mais bem equipados e em locais distantes, em condições precárias, sabia das dificuldades dos outros. Não tinha preconceitos ao analisar dados de todas as origens. Sua atitude de respeito e consideração, sua esmerada educação, enchiam de entusiasmo seus admiradores e eventuais colaboradores. Na Bahia não foi diferente.

Noguchi chegou à Bahia em fins de 1923. A sua vinda se relacionava com um surto de febre amarela que ocorreu na cidade. Ele havia isolado uma leptospira a *Leptospira icteroides* - que durante uma década foi considerada como o agente etiológico da febre amarela. Antes, inúmeros agentes foram apresentados como causadores da doença e logo descartados. A *L. icteroides* teve vida mais prolongada, sustentada que foi por um dos mais brilhantes microbiologistas, o criador e maior conhecedor do gênero *Leptospira* - Hideyo Noguchi. Ele queria estudar mais casos humanos, re-isolar as leptospiros, ensaiar técnicas diagnósticas e tentar a imunoterapia e a imunoprofilaxia. Quando ele chegou a Salvador, a febre amarela já havia desaparecido, mas surgiram alguns casos num distante lugarejo do interior baiano, na cidade de Vila Bela das Palmeiras, hoje simplesmente Palmeiras. Para se chegar lá, viajava-se um dia de navio, um de trem e quatro a cavalo. Para lá foram seus colaboradores baianos em busca de material e deste acabaram por isolar a *L. icteroides*. Outros cientistas do Rio de Janeiro e de São Paulo vieram para Salvador, especialmente os pesquisadores do Instituto de Manguinhos, mas não conseguiram isolar a tal *L. icteroides*.

Uma forte polêmica se estabeleceu então entre os colaboradores, amigos e admiradores, de Noguchi e os outros cientistas nacionais com os seus resultados negativos. A insinuação foi muitas vezes feita de que os resultados negativos revelavam falta de experiência em um campo novo, como era o das leptospiros, falta de meios de cultura adequados e de bons microscópios. A polêmica durou até 1928, que foi quando se consolidou a descoberta de um vírus causador da febre amarela, após estudos de uma equipe de cientistas americanos formada por Adrian Stokes, Johannes Bauer e Paul Hudson. Eles fizeram estudos decisivos trabalhando no seio de uma epidemia na África, estudos estes acompanhados pelo próprio Noguchi. Ele ficou convencido de que a febre amarela na África era de fato causada por um vírus filtrável, mas queria fazer comparações com os casos da América do Sul para entender a associação que estes últimos casos tinham com a *L. icteroides*. Logo depois, Noguchi viria a falecer, contaminado pela febre amarela. A morte de Noguchi nestas trágicas circunstâncias veio a levantar a suspeita de suicídio, ele que estaria deprimido por ver todo o seu longo trabalho sobre a *L. icteroides* reduzido a uma mera história de insucesso científico. Esta suspeita de suicídio, todavia não tem muita base. Devemos nos lembrar que o chefe da equipe americana que descobriu a verdadeira causa da febre amarela, Adrian Stokes, também morreu vitimado pela febre amarela.

Por que Noguchi cometeu o erro de considerar a *L. icteroides* como a causadora da febre amarela? Esta pergunta é difícil ou impossível de ser respondida e tem suscitado muita imaginação e as mais ardentes controvérsias.

A sugestão de que ele havia confundido casos da chamada doença de Weil, a leptospirose humana ictero-hemorrágica, com a febre amarela é mais do que improvável. Primeiro, porque ele costumava fazer exame microscópico dos cadáveres das vítimas da febre amarela e tinha bons conhecimentos de patologia, não iria confundir dois quadros hepáticos bem distintos. Segundo porque ele já havia publicado estudos clássicos sobre a *Leptospira ictero-hemorrhagiae*, conhecia, como ninguém, suas características morfológicas e de cultivo, e não iria fazer confusão com o que ele

denominava *L. icteroides*. Inclusive ele utilizava um teste sorológico de lise (prova de Pfeiffer) que era positivo com a *L. icteroides* e negativo com a *L. ictero-haemorrhagiae* nos casos de febre amarela . Alguns sugerem que as *L. icteroides* estavam contaminando os seus animais. Há informações de que ele fazia questão de usar sempre os seus animais trazidos diretamente dos Estados Unidos. É incrível que se possa imaginar que um erro tão banal tenha ocorrido com um cientista do porte de Noguchi, mas as *L. icteroides* foram aparentemente isoladas de casos humanos no México, no Equador e na Bahia, o que sugere a existência de pelo menos um elemento contaminante responsável pelo achado.

Darcy Ribeiro alertava que a ciência nos prega muitas peças. Dizia ele: “basta ver o sol se levantar todos os dias e passar por cima de nossas cabeças no seu caminho para se pôr do outro lado do céu”. No entanto, não é ele, mas a terra que se move. Esta constatação, singela e anedótica, serve para nos alertar de que a ciência realmente nos prega peças. Aparentemente uma delas veio a acontecer com um dos maiores cientistas e este processo, numa certa fase, teve a cidade da Bahia, como pano de fundo.

Este equívoco científico, por mais desagradável que tenha sido para Noguchi e por mais surpreendente que tenha sido para todos nós, não pode obscurecer os benefícios de toda ordem que os estudos de Noguchi trouxeram para a humanidade. Não pode servir para diminuir os reflexos de uma personalidade marcante pelo seu caráter, pela sua dedicação, pela sua simpatia e pelo exemplo de luta em prol do benefício de toda a humanidade.

A homenagem prestada à sua memória, pela Academia de Medicina da Bahia, a Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, a Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública e entidades representativas do Japão na Bahia, atesta que todos compreendemos o seu trabalho e o seu drama, e mantemo-nos seus admiradores agradecidos.

第4章

Capítulo 4

Hakaru UENO 上野 計



*Liderança na busca de soluções
para o controle das doenças
parasitárias nos animais no Brasil.*

ブラジルにおける獣医動物病理を研究

HAKARU UENO:

**cientista japonês, de alma brasileira, que
escreveu seu nome na história de nosso país.**

Maria Angela Ornelas de Almeida

“Ishino aru tokoroniwa michiga aru”

(O caminho da verdade se revela para quem demonstra determinação)

Era uma tarde de agosto, nebulosa, mesmo assim enfrentamos a subida no Monte Fuji. Ao chegarmos a cidade de Fujiyoshida, subimos de ônibus até a 5ª Estação, à altura de 2305 metros do monte, e daí seguimos a pé ao topo do vulcão. O Fuji é a mais alta montanha (3776 metros) da ilha de Honshu e de todo o arquipélago japonês, um vulcão ativo, porém de baixo risco de erupção. Por sua forte influência sobre a cultura japonesa, em 2013 a UNESCO declarou o Fuji-san como Patrimônio da Humanidade na categoria cultural¹.

Começamos, então às 22 horas, a subida até o topo do monte, diga-se de passagem, que em japonês é *Fuji-san* (富士山), traduzindo “san” é o mesmo kanji de “yama”, que significa montanha¹. Éramos seis JICA Kenshu-in, isto é bolsista da Japan International Cooperation Agency: Diana Magalhães de Oliveira e eu, brasileiras, Feridun Senol e Hami Esin da Turquia, Luis Enrique Robledo do Paraguai e Gabriela Facciuto da Argentina.

Um temporal começou logo no início da caminhada, tornando-se difícil galgar os pedregulhos e as pedras nos caminhos estreitos, com milhares de pessoas fazendo a mesma jornada. A visita ao topo do Fuji ocorre geralmente no verão, entre julho e agosto, embora seja a estação dos tufões, com ventos excessivos ou muita chuva. Nos outros meses do ano, devido às condições climáticas, especialmente as baixas temperaturas, a subida é menos popular. Não desanimei, coloquei

minha capa de chuva e segui adiante com o turco Feridun, os demais abortaram a escalada e retornaram a Tóquio.

Ao chegarmos ao topo, às quatro horas da manhã, completamente encharcados, contemplamos todo esplendor do nascer do sol. O Japão (Nippon) é conhecido como a “*terra do sol nascente*”, em virtude do significado dos caracteres que formam o nome do país.

Esta historinha foi contada para ilustrar a aventura que de fato só foi possível por que ganhei a loteria, profissional e científica, da minha vida. Em 1979, conheci um japonês, altruísta e extremamente simples, sensei *HAKARU UENO*, meu “pai científico”, acho que posso chamar-lhe assim. Com ele aprendi a ser parasitologista, pesquisadora, orientadora e também aprendi que se pode ir mais longe, buscar novos desafios.

A narrativa deste documento é entremeada por descrições, ora com características de um currículo e em outros momentos com declarações, histórias e comentários do cotidiano do sensei nesta Escola e em outros cantos do mundo.

Porque “sensei”?

Título honorífico usado pelos japoneses em reconhecimento a sua experiência profissional. A tradução literal desta palavra é “aquele que nasceu antes”, já que o kanji correspondente ao “sen” significa “antes” e o kanji “sei” significa “nascimento”². Assim, vou referenciá-lo sempre como sensei, ao invés de doutor.

Sei muito pouco da sua vida pessoal, sempre uma pessoa reservada, assim solicitei ao seu filho Naoto Ueno para escrever algumas linhas, que estão publicadas no livro. Contudo, posso pincelar algumas coisas. Nasceu em 14 de fevereiro de 1926, na cidade de Kurume, no estado de Fukuoka, situada na costa norte da ilha de Kyushu. Foi casado com Masako Mikuriya, senhora simpática, distinta

e de uma elegância esplendorosa, a qual tive oportunidade de conhecer durante a temporada que morou em Salvador. O casal teve dois filhos e cinco netos.

O ilustre sensei era médico veterinário, formado pela Faculdade de Medicina Veterinária Universidade Nacional de Kagoshima, Japão, 1944 – 1948 e doutor pela Universidade de Tóquio, 1963, quando apresentou a Tese: “Estudos sobre Gen. *Fasciola* e fasciolose dos animais no Japão (identificações de espécie e hospedeiro intermediário, desenvolvimento de *Fasciola* nos hospedeiros finais e ocorrência de imigrações errática da *Fasciola*) nos hospedeiros definitivos”.

Espírito Desbravador

“Yo no naka wa mikka minu ma no sakura”

(A vida é uma flor de cerejeira que muda antes de completar três dias)

Toda essa experiência obtida no doutorado sobre fasciolose aguçou sua curiosidade em vir para a América Latina. Chegou ao Brasil em 1968, como perito da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU) desenvolvendo atividades de pesquisa no Laboratório de Doenças Parasitárias do Instituto de Pesquisa e Agropecuária Centro Sul (IPEACS), no Rio de Janeiro. Logo depois, em 1969, trabalhou no Instituto de Pesquisa e Agropecuária do Sul (IPEAS), Pelotas, Rio Grande do Sul. Passou menos de um ano, nesta última cidade, mas o suficiente para identificar a problemática da fasciolose em ruminantes no sul do país.

Por seu espírito desbravador e para cumprir os anseios da FAO atuou, no início da década de 70, na República Dominicana, na Faculdade de Veterinária da Universidade Autônoma de Santo Domingo. Em seguida, na Bolívia, no Instituto Nacional de Biologia Animal, das cidades de La Paz e Santa Cruz, pertencentes ao Ministério de Ganaderia. Nestes países realizou estudos epidemiológicos sobre

Fasciola hepatica na busca de identificar seus hospedeiros intermediários e o tratamento dos animais infectados, efetuando testes em bovinos e ovinos, para demonstrar a eficácia de diferentes medicamentos.

No Brasil atuou também como Consultor Técnico da IICA (Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas) /OEA, participando junto ao Conselho na área de saúde animal, para promover programas de pesquisa sobre sanidade animal da EMBRAPA e da Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária (EMPASC).

Durante os anos de permanência na República Dominicana, Bolívia e Brasil adquiriu a certeza da necessidade de aprofundar os estudos sobre as doenças parasitárias dos animais na América Latina, especialmente de ruminantes, por responderem a apreciáveis prejuízos econômicos para os produtores e contribuir para o baixo desempenho da exploração pecuária. Com esta visão, e já aposentado do Ministério da Agricultura, Floresta e Pesca do Japão, se disponibilizou a desenvolver e executar programas de cooperação técnicas pertinentes à pecuária para atender os países em desenvolvimento.

Da Necessidade de Controlar as Parasitoses

Para os não parasitologistas, aqui seguem algumas informações sobre o gênero *Fasciola*, que tanto preocupou este pesquisador na busca de soluções para o seu controle. A *Fasciola* sp. é um helminto de corpo achatado, não segmentado, com aspecto de uma folha, sendo o trematoide de maior interesse para a Medicina Veterinária, uma vez que vem se difundindo pelo mundo, representando sério problema para ovinos, bovinos e, ocasionalmente, para o homem, pelas perdas econômicas que acarreta, seja na produção de carne, leite e lã, seja pela condenação de fígados e pela alta mortalidade, principalmente em ovinos³.

Os prejuízos advindos das doenças parasitárias são difíceis de serem precisamente avaliados. No Brasil, a perda econômica anual,

devido aos parasitos internos e externos dos bovinos, foi estimada em \$13,96 bilhões⁴, levando-se em conta retardo no desenvolvimento dos animais, diminuição na produção de leite e carne, mortalidade, diminuição da natalidade, consumo de parasiticidas, investimentos em equipamentos e mão de obra para o controle e qualidade do couro.

Outro aspecto relevante, que se revestem as parasitoses dos animais, são aquelas transmissíveis ao homem e sua influência direta sobre a saúde pública e a qualidade de vida da população. Como exemplos, na Bahia, há registro de vários casos de neurocisticercose, leishmaniose, toxoplasmose, criptosporidiose humana etc., sendo algumas endêmicas em nosso meio.

Sabedor da importância do controle de parasitos o sensei Ueno ressaltou a necessidade de busca de soluções para os problemas existentes e o fortalecimento de ações interinstitucionais que garantissem a utilização de métodos de diagnóstico e controle para impedir ou minimizar o desenvolvimento de populações de parasitos. Este notável cientista foi um líder no controle das doenças parasitárias dos animais no Brasil. Dotado de extraordinária experiência em parasitologia, exerceu grande influência para realização de projetos e programas de controle parasitários e implantação de laboratórios que permitissem diagnosticá-las.

Uma Benção Japonesa

“Ishino aru tokoroniwa michiga aru”

(Onde há determinação, há caminho)

Na metade da década de 70, sensei Ueno foi convidado pela JICA como perito em Helminologia Veterinária, para atuar no Brasil, por meio de Acordo Básico de Cooperação Técnica entre governos do Brasil e Japão.

A JICA defende a visão de “desenvolvimento dinâmico e inclusivo” e para tornar isso em realidade, está empenhada nas

seguintes missões: (1) desafios que acompanham a globalização como mudanças climáticas e questões relacionadas à água, alimentos e doenças infecciosas; (2) redução da pobreza e crescimento justo; (3) melhoria da governança, como políticas e sistemas de governo de países em desenvolvimento e (4) garantias da segurança humana⁵.

O Programa de Cooperação Técnica Brasil-Japão foi regulado pelo Acordo Básico assinado pelo Governo dos dois países em 22 de setembro de 1970. No Brasil, o Programa é intermediado pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC) do Ministério das Relações Exteriores, que tem a competência de promover, difundir e coordenar a cooperação técnica entre as organizações, instituições nacionais, estrangeiras e internacionais, bem como operar programas de cooperação técnica internacional.

O Japão ofereceu ao Brasil a Assistência Oficial para o Desenvolvimento (ODA). A agência japonesa tem centralizados suas ações de meio ambiente, desenvolvimento social (infraestrutura e agricultura) e cooperação tripartite em agricultura e saúde nos países latino-americanos e africanos de Língua Portuguesa⁶. O Brasil é parceiro imprescindível do Japão neste tipo de cooperação técnica trilateral uma vez que detém tecnologias em várias áreas. Em conjunto estes países vêm estabelecendo distintas parcerias.

A Cooperação Técnica entre Brasil e Japão melhorou consideravelmente os estudos nas referidas áreas. Os recursos disponibilizados pelo governo japonês proporcionaram a aquisição de equipamento, treinamento de bolsistas brasileiros no Japão, envio de missões e de peritos japoneses ao Brasil para apoiar projetos nas suas mais variadas modalidades. Assim, o Brasil ocupa um lugar de destaque entre os países latino-americanos receptores de cooperação técnica.

Após atuar por quatro anos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, conforme firmado no Memorando de Entendimento entre JICA e UFRGS, sensei Ueno não poderia

permanecer por mais tempo nesta Instituição. Neste período, tive oportunidade de conhece-lo, em 1979, quando estagiei no Laboratório de Helminologia sob a supervisão dos professores Dr. Pedro Cabral Gonçalves e Dra. Viviane Gutierrez, também extraordinários parasitologistas. No final deste ano fiz a seleção para curso de pós-graduação, ingressando no mestrado em 1980. Assim, o relacionamento com este cientista foi se consolidando, brotando a possibilidade de sua ida para Bahia. Em 1983 conclui o Mestrado em Doenças Parasitárias e em 1984 recebi o sensei Ueno na nossa Instituição, uma benção nipônica.

Sua vinda pela JICA foi na modalidade:

1. Vinda Isolada de Perito (VIP). Dedicou-se ao programa com obstinação, permanecendo na nossa Instituição em dois períodos: 1984-1986 e 1993-1995. Seus feitos são contados no desenvolver desta narrativa. Aliás, os méritos são particularmente seus no sucesso da cooperação.

Sabendo que a JICA considerava as regiões Norte e Nordeste como prioritárias para suas ações, devido aos fortes desequilíbrios regionais verificados no Brasil, ele vislumbrou uma excelente oportunidade para aprofundar esta cooperação. Investimos, então, em ampliá-la em todas as suas modalidades e conseguimos cinco. Agora falamos no plural, nós conseguimos, pois ao longo destes anos, vários professores da EMVZ/UFBA, em harmonia com os anseios do sensei participaram das diferentes ações deste projeto internacional.

A Universidade Federal da Bahia foi contemplada com mais quatro das modalidades de cooperação, se tornando uma base para transferência de tecnologia para terceiros países. No período de convênio entre a Escola de Medicina Veterinária e a JICA, de 1984 a 2009, foram investidos milhões de dólares, nas seguintes modalidades de cooperação:

2. Treinamento no Japão. Objetivando a transferência de tecnologia a JICA preparava treinamento individual ou em grupo para profissionais da instituição executora. Neste contexto, 10 professores e três alunos de pós-graduação desta Escola foram treinados no Japão, por períodos de um mês até dois anos, quando da realização do curso de mestrado;
3. Doação de Equipamento, com a proposta de complementar a ação de peritos, da modalidade VIP, e consolidar os resultados da cooperação técnica pela combinação, de forma eficaz, de equipamentos e capacitação de recursos humanos. Os Setores de Parasitoses e Reprodução foram modernizados com os equipamentos doados, num montante superior a US\$ 700 mil;
4. Miniprojeto (1995-1998), esta modalidade de cooperação visava à transferência ou geração de tecnologia apropriada à realidade de cada país. O perito japonês, que aqui esteve por meio da cooperação VIP, sensei Ueno, adequou o Laboratório de Diagnóstico das Parasitoses, para o Miniprojeto, no que se refere a recursos de contrapartida que incluem pessoal técnico e infraestrutura física.

A execução do Miniprojeto foi de três anos. Sensei Ueno permaneceu por todo o período do projeto nesta Escola. Seis outros pesquisadores japoneses aqui estiveram por dois a três meses. Estes peritos, especialistas nas áreas de parasitologia, hematologia, bioquímica clínica, imunologia e biologia molecular foram responsáveis pelo aperfeiçoamento e atualização de professores, técnicos e alunos.

5. Programa de Treinamento para Terceiros Países (TCTP) (2000-2009), consistiu na realização de cursos de treinamento para médicos veterinários. Este Programa foi implantado, nesta Escola, em 2000, com o primeiro curso internacional "Progressos no Diagnóstico das Parasitoses dos Animais de Produção", que teve como objetivo atualizar profissionais, oriundos de países da América Latina e África (de língua portuguesa), na área de Parasitologia.

Reconhecimento Universitário a JICA

O conceito de “parceria para o desenvolvimento”, adotado pela JICA, consolida a ideia de que a relação de cooperação acarreta, a ambos os lados, compartilhar esforços e benefícios. A filosofia desta Agência, no sentido de promover o crescimento econômico e social dos países em desenvolvimento, vêm produzindo benefícios importantes para o Brasil.

A cooperação da JICA realizada por meio de consultorias de alto nível, capacitação e treinamento de técnicos brasileiros e pela doação de equipamentos de alta tecnologia gerou a transferência de novos conhecimentos a UFBA, em especial a Escola de Medicina Veterinária e, conseqüentemente o incremento das atividades de pesquisa, ensino e extensão, o que permitiu construir uma Instituição mais apta a desempenhar suas funções em nível superior de excelência.

Considerando o apoio da JICA para assegurar o desenvolvimento técnico-científico de instituições brasileiras, as doações e os serviços prestados a Universidade Federal da Bahia, baseado na Resolução No. 02/98, Artigo 89 desta Instituição de Ensino, foi outorgado a JICA, em 2005, o título: **“Benemérito da Universidade Federal da Bahia”**.

Nos Ares da Bahia

Sensei Ueno era sem dúvida um brilhante cientista. Estudava com especial afinco as parasitoses dos animais. Era muito discreto e falava pouco, mas era atencioso com as pessoas à sua volta e também muito franco. Fala em tom de voz suave olhando sempre para as pessoas. Ouvia com atenção o que os outros diziam, isto se a conversa fosse interessante, caso contrário, disfarçava dizendo ter compromisso pedia licença, e saía.

Era um homem de modo simples, de estatura mediana, esbelto, fisionomia expressiva e com características físicas peculiares aos orientais: cabelos lisos, brilhantes e negros, olhos “puxados” e cútis amarela. Aparentemente frágil, mas muito forte nas suas ações. Andava sempre muito à vontade, de bermuda, geralmente caqui e camiseta de algodão, em regra branca, por baixo da camisa. Contudo, em qualquer evento maior nunca deixava o terno de lado.

Não era apreciador da vida social, quando não tinha jeito, participava dos encontros, porém não permanecia por mais de uma hora. Saía de mansinho e quando era surpreendido por alguém, sempre dizia “tem que pensar, tem que trabalhar”.

Mantinha a rotina de trabalho no laboratório, desenvolvendo os experimentos e resolvendo toda a parte administrativa da cooperação técnica, que, diga-se de passagem, extremamente trabalhosa. Incomodava-se muito com regulamentos sem sentido da burocracia brasileira, mas conservava a calma nipônica. Gostava de falar com entusiasmo das ideias para novos estudos e conversar com ele significava um novo aprendizado. Às vezes eram tantas informações que se tornava difícil acompanhar seu raciocínio. Preservava o silêncio durante as experimentações, pois preocupava-se com cada pequeno detalhe dos procedimentos.

Quando o experimento dava certo, era a hora de comemorar ao seu modo. Chamava alguns para tomar uma cerveja, no sentido literal, realmente, só um copo de cerveja, nada mais. Dizia logo após o

primeiro gole: “amanhã tem trabalho e só para refrescar um pouco o calor”. Ficávamos com gostinho de quero mais.

Dedicava seus ensinamentos a todo pessoal do laboratório, destaco aqui sua atenção ao médico veterinário Ademilton Silva, com quem gostava também de prostrar sobre o dia-a-dia, e a Sra. Gilda, laboratorista, de quem apreciava seu bom café. Como não adquirir o hábito do “cafezinho quente e gostoso”, como se referia ao degustá-lo.

Homem de hábitos simples, depois da sua viuvez no final da década de 80, preferiu morar num apart-hotel no bairro de Ondina, bem próximo a Escola. Assim, não precisa usar o carro para chegar ao trabalho. Fazia sua própria comida, não era muito chegado ao “dendê” dos quitutes baianos. Costumava almoçar no restaurante japonês Sukiyaki, no Rio Vermelho, bairro próximo a sua residência. Ao certo, não sei se pela comida ou pela prosa com o Sr. Kyuji Shimizu, proprietário do restaurante, conhecido pelo pioneirismo na gastronomia japonesa na Bahia, de tal maneira que a Câmara Municipal de Salvador lhe concedeu o Título de Cidadão Baiano, pelo trabalho de difusão da cultura nipônica. Este livro tem um capítulo dedicado ao Sr. Shimizu.

Apresentava interesse profundo por artes, adorava visitar as galerias em Salvador. Na aquisição de uma obra se sentia feliz e orgulhoso. Obras de arte faziam parte da sua vida. Dizia ser um exercício mental, em que a apreciação pictórica constituía-se num momento criativo para compreender cada invenção artística. Às vezes, difícil de entende-las por sua complexidade ou abstração.

Também gostava de ir ao Pelourinho para observar a arquitetura dos velhos casarões e das igrejas e comprar pedras preciosas brutas, e se encontrasse alguma obra de arte pelo caminho, ia várias vezes ao local, na indecisão de comprar.

Teve interesse ainda de explorar o interior baiano, especial a região semiárida. Certa feita quis conhecer a caatinga, meu amigo veterinário Hécio Alves de Souza foi nosso parceiro nesta jornada. Nos encontramos na cidade de Senhor do Bonfim. Neste período a

região vivia sob o efeito da seca por mais de três anos, trazendo muito prejuízo para as principais fontes de renda da região, principalmente a agricultura e pecuária. Ao visitarmos as propriedades rurais era lastimável a situação dos rebanhos. A dificuldade enfrentada pelo produtor em não conseguir alimentar o gado, desfazendo-se dos animais ou o mais triste observar várias carcaças de bovinos, caprinos e ovinos na paisagem cinzenta da caatinga. Garanto que sensei Ueno nunca se deparou com tal situação, ficou absorto sobre a sobrevivência do nordestino da região semiárida, a pobreza e a fome, muito diferente da situação do seu país.

Conheceu outras paragens, andou e viu outros fatos baianos, que ficaram apenas nas suas lembranças.

O Poder da Criação

“Omou nenriki iwa womo ugokasu”

(A força de vontade é capaz de furar até pedras)

Durante seu exercício profissional, prestou elevado aporte para o estudo das doenças parasitárias dos animais. Sempre muito contemplativo e fechado em seus pensamentos, quase certo que algo brotaria daí. Ao conversamos falava da importância de desenvolver métodos simples, rápido, eficiente e de menor custo para o diagnóstico das parasitoses dos animais. Criar novas metodologias para avaliação parasitológicas em animais era seu desígnio. E ele assim o fez.

A sua contribuição intelectual foi peça fundamental para consolidar os métodos parasitológicas como referência internacional, divulgadas em centenas de artigos em periódicos científicos especializados, teses, dissertações, livros e manuais.

Não é possível nesta breve narrativa tratar de todas as obras do expressivo cientista, mais salientamos algumas delas. Dos livros publicados:

Ueno, H. e colaboradores (1973). Swine disease, 260p, *Japanese Veterinary Medical Association Press*. Tokyo, Japan [Japanese].

Ueno, H. e colaboradores (1975). Cattle hygiene on pasture, 327p, *Japanese Veterinary Medical Association Press*, Tokyo, Japan [Japanese];

Ueno, H. e colaboradores (1978): Science of swine, 1035p, *Kindai Press K.K.* Tokyo, Japan [Japanese];

Ueno, H. (1978). *Fasciola* and fasciolose: Fundamental techniques for laboratory work on *Fasciola*, *Asia Press K.K.* Tóquio, Japan [Japanese];

Ueno, H. e colaboradores (1978). Clinical veterinary parasitology, 781p, *Buneido Press K.K.* Tokyo, Japan [Japanese];

Ueno, H. e colaboradores (1978). Disease of swine, 230p, *Ieno Hikari Press K.K.* Tokyo, Japan [Japanese] e

Ueno, H. e colaboradores (1978). Disease of cattle, 230p, *Ieno Hikari Press K.K.* Tokyo, Japan [Japanese].

Muitos dos seus estudos eram voltados para as parasitoses hepática e pulmonar, não deixando, porém, de atender as demandas sobre nematoides gastrintestinais. Desenvolveu diferentes técnicas para diagnóstico das helmintoses. Todas estas, como outras consagradas mundialmente, foram publicadas em seus Manuais, descritos abaixo, alicerçando a comunidade veterinária no diagnóstico e controle das doenças dos animais.

Ueno, H.; Alvarez, J. M (1973). Manual de laboratorio para el diagnostico de helmintos en ruminantes, 122p, *Universidad Autonoma de Santo Domingo Press*, República Dominicana [Espanhol].

Ueno, H. e colaboradores (1978). Laboratory methods for animal parasitology practice, 250p, *Buneido Press K.K.* Tokyo, Japan [Japanese].

Ueno, H.; Gutierrez, V. (1983). Manual de diagnóstico de helmintoses dos ruminantes, 192p, *Japan International Cooperation Agency*, Tokyo, Japan [Português].

Ueno, H.; Cabral, P. G. (1989,1993): Manual de diagnóstico de helmintoses dos ruminantes. Editor & autor PP. 166 *Japan International Cooperation Agency*, Tokyo, Japan [Português].

Ressalto aqui as principais técnicas criadas por este cientista, que hoje são usadas no diagnóstico da dictiocaulose e fasciolose:

Ueno, H. (1964). Fecal examination techniques for bovine dictyocaulose. *Ann. Report Nat. Inst. Anim. Hlth.*, p. 163-164 [Japanese];

Ueno, H. (1968). A new, simple method for first-stage larvae examination in feces of cattle infected with *Dictyocaulus viviparus* I. Procedure and fundamental test. *Jap. J. Vet. Med. Ass.* n.21, p. 210-213 [Japanese with English summary];

Ueno, H. (1976). Metacercariae detecting buoy (M.D.B.) method for estimating contamination of irrigated rice fields with *Fasciola* metacercariae. *Jap. Trop. Agri. Res. Center. Quarterly.* n.10, p.149-152 [English];

Taira, N.; Yoshihara, S.; Ueno, H. (1978). New sieving techniques with the glass bead layer for detection of *Fasciola* eggs in cattle feces. I. Procedures and preliminary tests on the vibration technique. *Jap. J. Parasitol.* n.27, p.191-195 [Japanese with English summary];

Girão, E. S.; Ueno, H. (1985). Técnica de quatro tamises para o diagnóstico coprológico quantitativo da fasciolose dos ruminantes. *Pesq. Agropec. Brasília* n.20, p.905-912 [Português with English summary].

Deixou o seu legado por toda comunidade científica veterinária brasileira. Foi um professor de todos nós. A nossa geração aprendeu muito com seus ensinamentos, ideias, ética e moralidade científica. O conhecimento em parasitologia veterinária, especialmente sobre fasciolose e nematodioses, teve enorme expansão e as possibilidades de aprendizado aumentaram grandemente, contribuindo para melhoramento das atividades de pesquisa e ensino, o que se refletiu na pecuária.

Ajudando a América Latina e África

“Oshiuru wa manabu no nakaba”

(Ensinar é o caminho para aprender)

Uma das prioridades do sensei Ueno foi a formação de recursos humanos na área da medicina veterinária com a finalidade de aquilatar a produção e produtividade dos rebanhos dos países em que trabalhou. Como também consolidar técnicas de diagnóstico das doenças parasitárias a fim de aprimorar as atividades de ensino, pesquisa e extensão na área de saúde animal e nas suas inter-relações com a saúde humana.

Nortear novos caminhos para reformular o ensino da parasitologia sempre foi um desejo constante e contínuo.

Vou me restringir aos seus feitos na Bahia, o qual acompanhei quando coordenadora da cooperação UFBA/JICA. A todo o momento, com sua filosofia nipônica, sensei Ueno nos ensinava que a pesquisa, como toda atividade criativa, gera conhecimentos, estimula o pensamento e traça novos rumos. Esta convivência nos possibilitou abrir novos e amplos campos de reflexão sobre pesquisa. Assim, não me intimidei frente aos desafios que vieram, como as propostas de cooperação com o governo japonês, liderada pelo sensei, um deles foi o treinamento no Japão.

Professores e alunos da nossa Escola foram beneficiados com esta parceria e assim desenvolver suas habilidades nas suas áreas de conhecimento, como relatadas a seguir:

1. Alan Caine Costa de Macedo: estudante de medicina veterinária EMVZ/UFBA, concluiu o mestrado no National Research Center for Protozoan Diseases, Obihiro University of Agriculture and Veterinary Medicine, Hokkaido, 2012.
2. Alberto Lopes Gusmão: Professor Titular da EMVZ/UFBA, doutor em Fisiopatologia da Reprodução. Especialização em “Twining

and *in vitro* fertilization by cattle”, no National Livestock Breeding Center, Fukushima, 1998.

3. Alexandre Moraes Pinheiro: na época estudante de pós-graduação. Especialização em “Agrobiotechnology” na Universidade de Kobe, 2002. Atualmente, doutor em Imunologia e Professor Associado da Universidade Federal do Recôncavo.
4. Antônio Lisboa Ribeiro Filho: Professor Associado da EMVZ/UFBA, doutor em Ciência Animal, com enfoque em Reprodução. Especialização em “Embryo transfer technology for cattle”, no National Livestock Breeding Center, Fukushima, 1998.
5. Hélio Vilela Barbosa Júnior: na época Professor Doutor da EMVZ/UFBA, atualmente atua como Fiscal Federal Agropecuário do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Especialização em “Immunology” na Obihiro University of Agriculture and Veterinary Medicine, Hokkaido, 1997.
6. José Eugenio Guimarães: professor titular da EMVZ/UFBA, doutorado em Clínica Veterinária. Especialização em “Diagnosis of livestock parasitic diseases”, no National Institute of Animal Health (NIAH), Tsukuba, 2007.
7. Luciano José Costa Figueiredo: Professor Titular da EMVZ/UFBA, doutor em Medicina Veterinária. No período como diretor da Escola, foi convidado pelo governo japonês para visitar as Universidades de Hokkaido e Obihiro e participar do Congresso Mundial de Veterinária (World Veterinary Congress), Yokohama, 1995.
8. Luis Fernando Pita Gondim: Professor Associado da EMVZ/UFBA, PhD pela University of Illinois, EUA, Especialização em “Immunoparasitology”, na Nippon Veterinary and Life Science University”, em 1996 e no NIAH, Tsukuba, 1998.
9. Maria Angela Ornelas de Almeida: Professora Titular da EMVZ/UFBA, doutora em Imunologia. Especialização em “Advanced technology for veterinary diagnosis”, no NIAH, Tsukuba, 1994 e 1998.
10. Maria Consuêlo Caribé Ayres: Professora Associada da EMVZ/UFBA, doutora em Clínica Veterinária. Especialização em “Biochemistry diagnosis for animal”, no Livestock Health Laboratory, Gunma e no National Livestock Breeding Center, Morioka, 1996.

11. Maria Jose Moreira Batatinha: Professora Titular da EMVZ/UFBA, doutora em Toxicologia Animal. Especialização em “Veterinary tecnology for farm animals”, na Universidades de Hokkaido, Hokkaido, 2008.
12. Mauricio Costa Alves da Silva: Professor Adjunto da EMVZ/UFBA, doutor em Microbiologia. Especialização em “Food Safety - Food and Animal Hygiene”, na Obihiro University Of Agriculture And Veterinary Medicine, Obihiro, 2009-2010.
13. Rosangela Soares Uzeda: na época estudante de pós-graduação. Especialização em “Diagnosis of Livestok Parasitic Diseases”, no NIAH, Tsukuba, 2007. Atualmente, doutora em Ciência Animal nos Trópicos e Professora Adjunta da EMVZ/UFBA.

Salto qualitativo para as atividades de ensino e pesquisa

A pesquisa na Medicina Veterinária não se apresenta na forma de modelos, respostas mecânicas e fixas, mas no sentido de contribuir para o conhecimento e a compreensão da sanidade animal e da realidade socioeconômica num contexto mundial. A pesquisa, como toda atividade criativa, gera o processo de transfiguração, na tentativa de entender as causas e os efeitos entre as múltiplas relações existentes no cotidiano da medicina veterinária.

Com a finalidade de compreender estas causas e efeitos sensei Ueno dedicou parte da sua vida acadêmica a realizar estudos, buscando tecer conhecimentos que nos direcionasse para o controle mais eficiente das parasitoses dos animais.

Aliado a isto, a cooperação JICA/UFBA proporcionou a transferência de tecnologias inovadoras e a doação de equipamentos que geraram novos conhecimentos e o incremento das atividades de pesquisa e ensino e produzir benefícios importantes na qualificação dos professores, técnicos e alunos.

Como fruto do seu trabalho obtivemos a modernização do Laboratório de Diagnóstico das Parasitoses dos Animais (LDPA), com aumento do espaço físico e aquisição de equipamentos de última geração, doados pelo governo japonês. Neste contexto, houve o

aperfeiçoamento de docentes e discentes desta Escola pelo intercâmbio científico, com a vinda de outros pesquisadores japoneses, consolidando intensamente a cooperação técnica. O Laboratório de Reprodução foi também modernizado fruto do empenho do sensei Ueno.

O LDPA é a base para as atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e de extensão, com o diagnóstico das enfermidades parasitárias de animais atendidos no Hospital de Medicina Veterinária Prof. Renato Rodenburg de Medeiros Neto/UFBA ou procedentes de outros locais. Ao longo dos anos foi possível atender a demanda da comunidade, com a realização de exames parasitológicos para as diversas espécies animais e contribuir para a transferência de informações e tecnologias em conceitos, métodos e técnicas de diagnósticos das doenças dos animais.

Como referido anteriormente à participação de outros cientistas japoneses, que aqui estiveram por dois a três meses e colaboraram intensivamente no projeto, com destaque o helmintologista NORIYUKI TAIRA (1996), os imunologistas HIDEHARU SAEKI (1996, 1997, 1998), HIROFUMI SAKAI (1997 e 1998) e KAYOKO MATSUO (2000 e 2003), os bioquímicos HIDEO MURATA (1997 e 1998) e TAKASHI ADACHI (1996 e 1997). Assim foi possível vivenciarmos um tempo de integração internacional de saber e experiências, que certamente enriqueceram a nossa formação profissional.

A realização de atividades integradas para o incremento da pesquisa intra e interinstitucional sempre foi relevante na vivência acadêmica. Os conhecimentos consolidados em parasitologia e a interação de professores e pesquisadores de diferentes Instituições propiciaram a constituição de grupos de pesquisa, nos quais sempre se pensava na intersecção entre a parasitologia e outras áreas, numa visão mais ampla da interação parasito-hospedeiro, do diagnóstico da infecção, da fisiopatologia do parasitismo, da toxicidade seletiva e os mecanismos de resistência de populações de parasitos, da seleção de hospedeiros geneticamente resistentes aos parasitos e o aperfeiçoamento do controle alternativo de parasitos.

Destas parcerias destacamos algumas publicações:

Almeida, M. A. O.; Silva, A.; Ueno, H. Ocorrência de malformações em larvas infectantes nematódeos gastrintestinais de caprinos. **Arq. Esc. Med. Vet.** UFBA., v. 11, n. 1, p. 70-82, 1987/88.

Taira, N.; Nakamura, Y.; Almeida, M. A. O.; Saeki, H. Massive experimental infection with *Strongyloides venezuelensis* in rats and absence of sudden death. **Journal Veterinary Medical Science**, v.57, p.855 - 858, 1995.

Gondim, L. F. P.; Sartor, I. F.; Monteiro Jr., L. A.; Haritani, M. *Neospora caninum* infection in an aborted bovine foetus in Brazil. **New Zealand Veterinary Journal**, v. 47, p. 35, 1999.

Gondim, L. F. P.; Saeki, H.; Onaga, H.; Haritani, M.; Yamane, I. Maintenance of *Neospora caninum* tachyzoites using mongolian gerbils (*Meriones unguiculatus*). **New Zealand Veterinary Journal**, v. 47, p. 36, 1999.

Almeida, M. A. O.; Usa, C.; Ura, S.; Taira, N.; Taira, K. Efficacy of ivermectin in calves in a farm occurring sudden-death type of strongyloidosis. **Helminthologia**, v.42, p.211 - 214, 2005.

A difusão destes conhecimentos fortalece as ações da medicina veterinária e de áreas afins, contribuem para as transformações de conceitos e criaram ideias para novas propostas de pesquisa. Por outro lado, envolve um júbilo pessoal pela divulgação, nacional e internacional, dos nossos trabalhos com pesquisadores japoneses.

Somos gratos e honrados pelos professores japoneses que tivemos, pelos ensinamentos recebidos e a contribuição ao nosso crescimento profissional.

Internacionalização para promover o crescimento acadêmico-científico

Tão ou mais relevante que estas modalidades vinculadas à cooperação com o governo japonês foi seu desdobramento, que resultou na internacionalização crescente da nossa Escola, se tornando uma base para transferência de tecnologia para outros

países. O Programa de Treinamento para Terceiros Países – TCTP/JICA permitiu, ao longo de 10 anos, um rico intercâmbio com pesquisadores latino-americanos e africanos.

O TCTP consistiu na realização de cursos de treinamento para veterinários latino-americanos e africanos lusófonos. Este Programa foi implantado, nesta Escola, em 2000, com o primeiro curso internacional "Progressos no Diagnóstico das Parasitoses dos Animais de Produção". Foram realizados 10 cursos, os cinco primeiros com período de duração de 45 dias e os demais de 30 dias, sendo treinados 125 médicos veterinários de instituições de pesquisa, ensino e extensão de 20 países: Angola (11 participantes); Bolívia (2); Cabo Verde (2); Chile (1); Colômbia (13); Cuba (3); El Salvador (2); Equador (2); Guiné Bissau (3); Honduras (3); México (2); Moçambique (18); Paraguai (1); Peru (17); República Dominicana (5); São Tomé e Príncipe (5); Timor-Leste (2); Uruguai (5); Venezuela (4) e Brasil (24).

Com exceção dos brasileiros, a JICA custeava a vinda de todos os participantes (passagem, hospedagem, diária e seguro saúde) e parte do material laboratorial para o curso.

Foi uma proposta desafiadora assumir a coordenação do curso sem a presença do sensei Ueno, pois já não se encontrava no Brasil, mas lá na terra do Sol Nascente, observava todos os nossos passos. Esteve aqui em um dos cursos, para relançamento da sua valiosa obra "Manual de Diagnóstico de Helmintoses dos Ruminantes" que foi oferecido aos participantes do curso e aos presentes no evento.

Com certeza a coordenação do TCTP exigiu de mim um maior esforço. Não me furtei desta missão, e contando com a participação ativa e incomensurável dos professores José Eugenio Guimarães e Maria Consuelo Caribé Ayres, na coordenação dos últimos cinco cursos, todas as etapas do TCTP foram vencidas.

Outro importante fato neste Programa foi à participação dos pesquisadores e professores de instituições brasileiras de ensino e pesquisa, com destaque a EMBRAPA (Gado de Leite, Gado de Corte e do Centro de Pesquisa de Pecuária dos Campos Sul Brasileiro), a

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a Fundação Gonzalo Muniz-FIOCRUZ e outras unidades da UFBA, Faculdade de Farmácia e Instituto de Ciências da Saúde.

Saliento também a colaboração dos pesquisadores japoneses Dr. Hirofumi Sakai, da Universidade de Hokkaido e Dra. Kayoko Matsuo da Universidade de Hirosaki, Japão e do pesquisador alemão Dr. Gereon Rudolf Matthias Schares, do Centro de Pesquisa para Doenças de Animais, Wusterhausen, Alemanha.

A participação destes pesquisadores permitiu o desenvolvimento de um conteúdo programático atual que envolveu diferentes áreas, com a explanação e execução das diversas técnicas parasitológicas, imunológicas, bioquímicas e moleculares relacionadas ao diagnóstico e ao controle de doenças parasitárias dos animais. A integração entre participantes e professores do curso permitiu estabelecer um ambiente favorável ao intercâmbio de informações sobre a situação parasitária em cada país, estimular o planejamento de programas e projetos de cooperação, de forma a ampliar as áreas de investigação em parasitologia em suas Instituições de origem. Foi uma excelente oportunidade para enriquecer conhecimentos, assim como fortalecer cooperação técnico-científica e laços de amizade entre colegas da América Latina e da África.

Professores, pesquisadores e alunos que contribuíram para cooperação técnica Brasil-Japão e na oportunidade deixo registrada nossa eterna gratidão:

Da UFBA:

EMVZ: Adriana da Silva Rodrigues Cavalcanti; Alberto Lopes Gusmão; Alexandre Moraes Pinheiro; Alfeu Cavele; Bárbara Maria Paraná da Silva Souza; Carlos Roberto Franke; Daniela Custódio Leal; Eduardo Luis Moreira Trindade; Elisabeth Rodrigues; Érica Etelvina Viana de Jesus; Hélio Vilela Barbosa Júnior; José Eugênio Guimarães; Joselito Nunes Costa; Kattyanne Souza Costa; Luciana Ferreira Domingues; Luciano José Costa Figueiredo; Marcelo Zanutto; Maria José Moreira Batatinha; Maria Consuelo Caribé Ayres; Mariana Borges Botura; Mariana Sampaio Anares da Silva; Ricardo Castelo Branco Albinati;

Roberta Xavier da Silveira; Rosangela Soares Uzeda; Rosilda Menezes Souza; Simone Lopes e Virgínia Maria Góes da Silva.

Faculdade de Farmácia: Ajax Mercês Atta; Eudes Silva Velozo; Márcia Cristina Aquino Teixeira; Maria Luiza Souza Atta e Marilda Gonçalves.

Instituto de Ciências da Saúde: Antônio Alberto da Silva Lopes; Mary de Araújo Barreto; Nilza Maria Santos; Roberto Mayer; Ricardo Wagner Dias Portela e Songeli Menezes Freire.

ADAB: Cássio Ramos Peixoto; Evandro Moraes Silva; Hécio Alves de Souza e Iram Ferrão.

EMBRAPA: Cláudio Roberto Madruga; Cleber Oliveira Soares; Flávio Ribeiro de Araújo; Flávio Augusto Menezes Echevarria; João Ricardo de Souza Martins e John Furlong.

ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA: Lázaro Lins Ribas.

FIOCRUZ/BA: Ricardo Ribeiro Santos.

FRC-VDA, Alemanha: Gereon Schares.

HIROSAKI UNIVERSITY, Japão: Kayoko Matsuo.

HOKKAIDO UNIVERSITY, Japão: Hirofumi Sakai.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ: Cláudia Maria Leal Bevilaqua.

UFRRJ: Gonzalo Efrain Moya Borja.

UNIME: Fred da Silva Julião.

Das Instituições Parceiras: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq; Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária/EMBRAPA; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia/FAPESB e Ministério de Agricultura – Delegacia Regional da Bahia.

Depois de todo incentivo do sensei Ueno, não paramos aí. Não poderia prescindir da ciência e da tecnologia para superar as distâncias que ainda nos separam das metas do progresso científico e do desenvolvimento da parasitologia. Ocorreu-me o pensamento de não só contribuir para o estudo das doenças parasitárias dos animais em meu país, mas auxiliar outros países que compartilham os mesmos problemas

relativos a sanidade em ruminantes. Com a interação com pesquisadores moçambicanos, como orientadora de um deles no curso de pós-graduação e coordenadora do Programa de Treinamentos para Terceiros Países/JICA, investimos nesta ideia e apresentamos uma proposta sob a forma de projeto ao CNPq - Edital PROÁFRICA.

O Edital teve como objetivo apoiar, nas diversas áreas do conhecimento, a realização de atividades de cooperação internacional em Ciência, Tecnologia e Inovação entre pesquisadores brasileiros e africanos, que contribuíssem, de forma sustentada, para o desenvolvimento científico e tecnológico dos países envolvidos, mediante a geração e apropriação de conhecimento e a elevação da capacidade tecnológica dos países, visando à melhoria da qualidade de vida dos seus cidadãos.

Este projeto foi muito representativo, pois exploramos as múltiplas dimensões, científica, tecnológica, cultural, econômica e política da ciência em Moçambique. Os resultados deste projeto de pesquisa trouxeram novos conhecimentos que ampliaram as informações das doenças parasitárias de ruminantes naquele país, que foram publicadas em diferentes periódicos.

Assim, fomos sedimentando todo aprendizado deixado pelo sensei Ueno e colocando na prática seus objetivos, aqui sumarizados:

- Equacionamento de problemas parasitários dos animais, com a aplicação de métodos de diagnóstico e controle.
- Atualização de médicos-veterinários de diversos países da América Latina e da África na área de doenças parasitárias.
- Fortalecimento do intercâmbio entre as Instituições.
- Incentivo a profissionais médicos veterinários e áreas afins para ingresso em Programas de Pós-graduação, com dissertações e teses na área de parasitologia.

Mérito: Aqui Se Faz, Aqui Se Recebe

“Makanu tanewa haenu”

(Não se colhe resultados sem semear)

Com a finalidade de alcançar seus objetivos, sensei Ueno dedicou parte da sua vida a realizar investigações em parasitologia, em vários países, buscando a aplicação de métodos de diagnósticos e de controle mais eficientes das parasitoses.

Motivar as pessoas para suas formações e complementar suas atuações como agentes transformadores, conscientes e éticos foi uma meta no decorrer da sua vida profissional. Esta dedicação e competência profissional resultou em distintos títulos honoríficos, um estímulo para continuar nesta tarefa e buscar novos desafios. Assim ressaltamos:

Sócio Benemérito do Colégio Brasileiro de Parasitologia Veterinária, em reconhecimento aos atos meritórios em favor da comunidade científica e pela sua destacada contribuição no ensino e pesquisa em Parasitologia Veterinária, Itapema, Santa Catarina, 1997.

Prêmio Samuel Pessoa, outorgado pela Sociedade Brasileira de Parasitologia ao trabalho “Estudos sobre epidemiologia da fasciolose (Distomatose hepática) dos ruminantes no Rio Grande do Sul”, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1982.

Professor Emérito, concedido pelo Ministro das Relações Exteriores do Japão, por sua contribuição ao desenvolvimento de pesquisas e formação de recursos humanos na área de doenças parasitárias dos animais na América Latina, por meio da Agencia de Cooperação Internacional do Japão, Tóquio, 1983.

Sócio Benemérito da Sociedade de Medicina Veterinária da Bahia, pela contribuição efetiva para o desenvolvimento da Medicina Veterinária baiana e brasileira, Salvador, Bahia, 2005.

Doutor Honoris causa, outorgado pela Universidade Federal da Bahia/UFBA, Salvador, 2005.

Foi um tributo merecido que exalta este cientista. Ninguém põe em dúvida a justeza com que este título de *Doutor Honoris causa* cabe ao Professor, expressão elevada dos estudos na área de parasitologia do seu tempo – dos nossos tempos. Formou massa crítica, criou um grupo interdisciplinar em parasitologia e doenças parasitárias dos animais, que vem se destacando com trabalhos inéditos no Brasil e no exterior. Em 1995 elevou o convênio JICA/UFBA a categoria de Miniprojeto, sobre o qual podemos afirmar, sem medo de incorrer em erro, que foi o melhor projeto até hoje feito na área de parasitologia veterinária no Brasil por uma agência estrangeira.

Dr. Hakaru Ueno é homenageado na Bahia



no dia 20 de abril, às 18 horas, na Sala dos Conselhos da Reitoria, em Salvador. Na ocasião, a SBP estará representada pela colega parasitologista Ogvalda Devay Sousa Tóres, com a seguinte mensagem abaixo transcrita. Seguem-se alguns dados do extenso currículo do Professor Ueno, onde destaca-se como recebedor do "Prêmio Samuel Pessoa" no Congresso Brasileiro de Parasitologia realizado em 1982, em Porto Alegre.

Mensagem ao Professor Doutor Hakaru Ueno: Em nome da Sociedade Brasileira de Parasitologia, gostaríamos de registrar a satisfação de participar da justa homenagem que os brasileiros, através da Universidade Federal da Bahia, prestam ao ilustre Professor Parasitologista, que muito contribuiu para a formação de pessoal e com o desenvolvimento da ciência em nosso país. Feliz coincidência de que este reconhecimento se faz no momento em que a Diretoria da SBP está sediada no Rio Grande do Sul, onde Professor Ueno deixou sua marca indelével como figura humana e cientista e onde terá lugar o XIX Congresso Brasileiro de Parasitologia em novembro próximo. Na ocasião, voltaremos a homenagear o Professor Ueno, com a indicação de seu nome como Sócio Honorário da Sociedade Brasileira de Parasitologia. Estas homenagens alcançam também a vigorosa comunidade científica japonesa e suas agências de cooperação, como a JICA, que tanto têm feito pelo desenvolvimento da educação e da ciência, no nosso país e no mundo. Mesmo distante, Professor Ueno está próximo de todos nós, através de nossas lembranças, das pessoas que formou, da produção científica e do exemplo que nos legou.

A Presidência da SBP recebeu honroso convite do Magnífico Reitor da Universidade Federal da Bahia, Professor Naomar Monteiro de Almeida Filho e do Diretor da Escola de Medicina Veterinária, Professor José Vasconcelos Lima Oliveira, para a solenidade de entrega do Título de Doutor Honoris Causa ao Doutor Hakaru Ueno. Na ocasião será também entregue o Título de Benemérito da UFBA à Agência Brasileira de Cooperação/JICA. A solenidade ocorre

Prof. Dr. Carlos Graeff Teixeira
Presidente da Sociedade Brasileira de Parasitologia

Ao Sensei com Carinho

Entendi que não deveria apenas quantificar artigos livros, teses, orientações para falar sobre o sensei Hakaru Ueno, pelo trabalho extraordinário desenvolvido, ao longo de tantos anos a serviço da ciência brasileira, muitas vezes até de forma anônima ou de forma tão

discreta que, em algumas ocasiões, a sociedade nem se percebeu de sua profundidade.

Quero falar sim, do amigo Ueno, do meu querido pai científico, do amigo da nossa Escola, da nossa Universidade, na nossa classe Médica Veterinária, da comunidade parasitologista. Da impecável lealdade, como se cumpre os deveres da amizade, marcada pela solidariedade aos seus alunos e colegas. Do amigo, que percebeu que a Bahia, não poderia prescindir da Ciência e da Tecnologia para superar as distancias que ainda nos separam das metas do progresso científico e do desenvolvimento da parasitologia.

Este amigo, que o interesse pela profissão ocorreu pelo desejo de não só contribuir para o estudo das doenças animais em seu país, mas principalmente para auxiliar outros países principalmente aqueles em desenvolvimento.

A Parasitologia sempre foi à essência do seu exercício profissional em Medicina Veterinária, com a finalidade de contribuir para elucidação das doenças parasitárias dos animais, especialmente na melhoria e aperfeiçoamento do diagnóstico e controle das helmintoses, com o objetivo de aumentar a produtividade e a produção animal e deste modo fortalecer a economia dos países assistidos.

Os conhecimentos técnicos e científicos adquiridos e acumulados ao longo dos anos seriam absolutamente estéreis se não fossem compartilhados e divulgados, assim dizia o sensei Ueno. Seu desejo era de informar e compartilhar as experiências vividas e, acima de tudo, estimular o desenvolvimento das Instituições Brasileiras de Ensino e Pesquisa da Medicina Veterinária, para que estejam sempre atualizadas com os constantes progressos científicos e tecnológicos, buscando torná-las capazes de formarem profissionais eficientes em Parasitologia e Doenças Parasitárias e de outros setores que demandem a melhoria das condições de saúde, produção e bem-estar animal e da saúde pública.

A todo o momento sensei Ueno nos ensinavam que as experimentações e a busca do saber são características intrínsecas à espécie humana, na tentativa de entender, explicar e expressar as causas e os efeitos entre as múltiplas relações existentes no mundo. Os trabalhos, livros e manuais publicados por este pesquisador trazem informações que com certeza contribuíram para minha formação profissional e que provavelmente foram úteis para outros profissionais que delas se beneficiaram.

O caminho percorrido pelo sensei foi árduo, momentos de incerteza e mesmo até de quase desânimo houve, mas sua persistência, a sua vontade de ajudar, de melhorar o ensino, a pesquisa e a extensão neste país, o seu sentimento de amor pelo Brasil, o fez superar todos os óbices e vencer, com a implantação do LDPA/Laboratório de Diagnóstico das Parasitoses dos Animais, na UFBA, que foi um importante passo para o crescimento qualitativo e quantitativo da pesquisa, do ensino e da extensão em parasitologia veterinária.

Sejam minhas palavras dos mais profundos agradecimentos ao sensei Hakaru Ueno, que superando todos os obstáculos, tudo fez para que se tornasse efetivo a realização do convênio JICA/UFBA. Nossos agradecimentos também ao governo japonês, por meio da Agencia de Cooperação Internacional do Japão (JICA) pela incessante contribuição ao governo brasileiro e em especial com a nossa Escola. Agradecemos, ainda aos peritos de curta duração que aqui estiveram e ao Ministério de Agricultura, Floresta e Pesca do Japão pelo apoio para o sucesso deste convênio e nos presentearmos com a vinda do virtuoso sensei.

Em agosto de 2017, tomamos conhecimento do passamento do nosso querido amigo. Temos profundo sentimento de tristeza, e apesar de contraditório o sentimento de felicidade por ter o privilégio de conviver com este brilhante cientista, que nos deixou um forte legado científico. Dedicou boa parte de seus 91 anos de vida à defesa da pesquisa e do ensino em parasitologia veterinária e o desenvolvimento acadêmico-científico de países em desenvolvimento.

Esse legado serve de herança e inspiração para todos nós, e a amizade cultivada durante quase duas décadas permanecerão eternamente nas nossas lembranças. Reflito se a vinda do sensei Ueno para a Bahia já não estava escrito nas entrelinhas da minha vida. Reservado a mim uma identidade nipônica que brotou desde criança, quando a partir dos oito anos de idade, participava das festas da escola representando o Japão, vestida a caráter e cantando:

*Sou japonesinha nagasaki, nagasaki³
E venho chegando da terra do chá.
Sou japonesinha nagasaki, nagasaki
Olhe meu quimono que lindo ele é...*

Referências

- 1 Isto é Japão. Por que os Japoneses Chamam o Monte Fuji de Fujisan? 2018. Disponível em: <https://www.istoejapao.com/2020/por-que-os-japoneses-chamam-o-monte-fuji-de-fujisan/>. Acesso em julho 2018.
- 2 Significados. Significado de sensei. 2018. Disponível em: <https://www.significados.com.br/sensei/>. Acesso em julho 2018.
- 3 MATTOS, M. T.; UENO, H. Suscetibilidade de *Lymnaea viatrix* e *L. columella* às infecções experimentais com *Fasciola hepatica*. **Pesq. Agropec. Bras.**, Brasília, v.4, p.615-622, 1989.
- 4 GRISI, L.; LEITE, R.C.; MARTINS, J.R.; BARROS, A.T.; ANDREOTTI, R.; CANÇADO, P.H.; LEÓN, A.A.; PEREIRA, J.B.; VILLELA, H.S. Reassessment of the potential economic impact of cattle parasites in Brazil. **Rev. Bras. Parasitol. Vet.**, v.23, p.150-156, 2014.
- 5 JICA. Japan International Cooperation Agency. Representação no Brasil. 2018 <https://www.jica.go.jp/brazil/portuguese/office/about/index.html>. Acesso em julho de 2018.
- 6 ABC. Agencia de Brasileira Cooperação. Agência japonesa faz do Brasil “elo” para outros mercados. 2018. . Disponível em: <http://www.abc.gov.br/imprensa/mostrarconteudo/349>. Acesso em julho de 2018.

³ Escrevi as palavras japonesas da forma que pronunciava.

Carta de Naoto Ueno

To: Maria Almeida

July 24th, 2018.

Dear Maria,

Thank you for your e-mail. I am pleased to hear that you are writing about my father.

The followings are what I remember and heard from my father.

After he graduated from the National University of Kagoshima, he got a position at the Kagoshima branch of the National Institute of Animal Health, Ministry of Agriculture and Forestry (currently Ministry of Agriculture, Forestry and Fishery).

After several years, he got a chance to move to the headquarter of the institute in Kodaira-city, Tokyo where he worked for almost twenty years. Soon after he moved to Tokyo, when he went back to Saga his hometown next to Fukuoka for several days, he met my mother and got married with Masako Mikuriya by the arrangement of one of his mother's friends. Masako was the second daughter of three sisters and one son of the Mikuriya family. At that time, she was working as a secretary to the Professor of the Department of Surgery, Kyushu Imperial University in Fukuoka.

During his appointment at the institute, he was asked by FAO (Food and Agriculture Organization) of United Nations to contribute to the distribution of state of the art parasitology to developing countries and he accepted the job. Therefore, he was double-appointed by Japanese government and FAO for the following 10 years or so. He went to Rome where the headquarter of FAO is located for several weeks, and to Rio de Janeiro, Brazil for a few years.

When he left Japan for Brazil for the first time, he seriously thought about taking his family to Brazil, but he eventually gave up considering the education of his sons (me and my younger brother). I was 11 years old at that time. After Brazil, he went to Santo Domingo, the Republic of Dominica for several years and then to La Paz, Bolivia for another several years.

As his appointment with FAO became long and he decided to quit the national institute and instead he became appointed by JICA. This is how he committed to the activity of JICA and went to Porto Alegre and worked there as a professor of parasitology. I remember that he was

telling me that Japan is so developed that the necessity of parasitology is becoming less. What require parasitology are developing countries for example in the middle and South America.

My mother joined him and lived in Porto Alegre and Salvador, Bahia and could meet a variety of people such as Brazilians including my father's colleagues and his students, Japanese business men and their wives, chefs of Japanese restaurants, etc., and she seemed to have an enjoyable time in Brazil.

When I was a postdoc at the Salk Institute, California, I visited Bahia for my New Year vacation to see my parents and they took me to several places such as old churches, old town, etc. It was unfortunate that she passed away by lung cancer when she was 57 years old. It was too early and my father suffered deep sorrow from her death.

Since then he lived alone in Tokyo for 30 years although he had several opportunities to visit Brazil again for short periods. After his spleen cancer and its metastases are found, I brought him to Okazaki, Aichi where I live and my wife took care of him at a nursery home until he died in August 20, 2017.

He occasionally received FAX and telephone calls from his former students in Brazil especially for his birthday and he seemed very happy about those.

He was born as the second son of the Ueno family and his elder brother working as an officer of state government of Saga passed away at his age of 50s.

My father has two sons Naoto (me, 61 years old) and Naoki (younger brother, 57 years old) and both are married and have three and two children (his grandchildren), respectively.

I work at the National Institute for Basic Biology as the vice director-general and professor and live in Aichi prefecture in the middle of the main island of Japan.

Naoki works for a confectionary company in Saitama prefecture next to Tokyo.

If you have further questions, please ask me again.

Sincerely,

Naoto Ueno

Carta de Naoto Ueno

(Tradução de Maria Angela O. Almeida)

Para: Maria Almeida

24 de julho de 2018.

Prezada Maria,

Obrigado por seu e-mail. Fico feliz em saber que está escrevendo sobre meu pai.

Os seguintes fatos são os que eu lembro e ouvi do meu pai.

Depois que ele se formou na Universidade Nacional de Kagoshima, conseguiu um cargo na filial do Instituto Nacional de Saúde Animal, Ministério da Agricultura e Floresta (atualmente Ministério da Agricultura, Florestas e Pesca) na cidade de Kagoshima.

Depois ele foi trabalhar na sede deste Instituto na cidade de Kodaïra, Província de Tóquio, por quase 20 anos. Logo que se mudou para Tóquio, retornou a sua cidade natal, Saga, próxima a Fukuoka, onde conheceu minha mãe Masako Mikuriya por intermédio de um amigo. Masako era a segunda, de três filhas e um filho da família Mikuriya. Naquela época, ela era secretária de um professor no Departamento de Cirurgia da Universidade Imperial de Kyushu, em Fukuoka.

Quando ainda trabalhava no Instituto meu pai foi convidado pela FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) para transferir tecnologias avançadas em parasitologia aos países em desenvolvimento. Ele aceitou a proposta. Assim, foi indicado pelo governo japonês e pela FAO para esta missão, permanecendo por mais de 10 anos. No início estive na sede da FAO em Roma por várias semanas, e depois no Brasil onde permaneceu alguns anos. Chegou primeiramente no Rio de Janeiro.

Quando saiu do Japão ele pensou seriamente em levar sua família, mas resignou-se ao ponderar sobre a educação de seus filhos (eu e meu irmão mais novo) em outro país. Naquela época eu tinha 11 anos. Do Brasil foi para Santo Domingo, capital da República da Dominicana e depois para La Paz, na Bolívia, onde trabalhou por alguns anos.

Como foi prolongado o acordo com a FAO, decidiu sair do Instituto Nacional de Saúde Animal e então nomeado para JICA, exerceu atividades

como professor de parasitologia, em Porto Alegre. Lembro-me de ele falar: o Japão é tão desenvolvido que é cada vez menor a necessidade da pesquisa na área da parasitologia, enquanto nos países em desenvolvimento, por exemplo, nas Américas Central e do Sul, ainda se requer estes estudos.

Minha mãe acompanhou-lhe em Porto Alegre e Salvador e pôde conhecer diversos brasileiros, colegas e alunos de meu pai, como também empresários japoneses e suas esposas, chefes de restaurantes japoneses, etc. Pareceu-me que ela teve uma temporada agradável no Brasil.

Durante meu pós-doutorado no Instituto Salk, Califórnia, visitei a Bahia nas minhas férias de Ano Novo. Meus pais me levaram a vários lugares, nas igrejas e áreas antigas da cidade, etc. Infelizmente, minha mãe faleceu aos 57 anos de idade, no Japão, vítima de câncer no pulmão. Morreu cedo demais e meu pai sofreu profunda tristeza com a sua morte.

Quando retornou ao Japão meu pai morou sozinho em Tóquio por 30 anos. Voltou ao Brasil em outras oportunidades permanecendo por curtos períodos. Diagnosticado com tumor no baço, que evoluiu com metástases, veio para uma clínica de idosos na cidade onde moro, em Okazaki na província de Aichi. Minha esposa cuidou dele até seu falecimento em 20 de agosto de 2017.

Ocasionalmente, ele recebia FAX e telefonemas de seus ex-alunos no Brasil, especialmente pela passagem do seu aniversário e parecia muito feliz com estas mensagens.

Ele era o segundo filho da família Ueno. Seu irmão trabalhava como oficial do governo do estado de Saga e faleceu aos 50 anos de idade.

Meu pai teve dois filhos Naoto (eu, 61 anos) e Naoki (meu irmão mais novo, 57 anos), ambos casados. Eu tenho três filhos e meu irmão dois filhos (seus netos).

Eu trabalho no Instituto Nacional de Biologia Básica como vice-diretor geral e professor e moro na província de Aichi, no centro da principal ilha do Japão. Naoki trabalha para uma empresa de doces na província de Saitama, próximo a Tóquio.

Se você tiver outras dúvidas, por favor, pergunte-me novamente.

Atenciosamente,
Naoto Ueno

EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR OUTROS KENSHU-IN

HAKARU UENO:

médico veterinário à serviço da parasitologia

José Eugênio Guimarães

Poucos conhecem a figura ímpar do veterinário Dr. Hakaru Ueno, porém sua contribuição à medicina veterinária em especial à parasitologia veterinária é inquestionável.

Dos anos de pesquisa na Bahia

Após passagem e término de sua missão no Rio Grande do Sul, o governo japonês, ainda por intermédio da JICA (Agência de Cooperação Internacional do Japão), firmou no final daquela mesma década, convênio com a Universidade Federal da Bahia, mais especificamente com a Escola de Medicina Veterinária, e enviou o Dr. Ueno para que continuasse com suas pesquisas, porém dessa vez voltadas à cultura dos animais do semiárido baiano, com destaque para os caprinos. Aqui, Dr. Ueno permaneceu e contribuiu com seus conhecimentos por anos.

Assim, chega à Bahia no início da década de 80 o Dr. Ueno e trazia consigo a chama viva da pesquisa em parasitologia. Continuou seus estudos sobre os parasitos gastrintestinais, mas desta vez de caprinos, por ser a Bahia um dos maiores produtores dessa espécie animal. Eram vários os problemas a serem resolvidos. Contudo, não foi somente na parasitologia, especialidade maior de sua carreira, que Dr. Ueno contribuiu. Sempre alerta e com uma visão global dos problemas ligados aos animais de produção, procurou aglutinar pesquisadores de

outras áreas da veterinária que pudessem auxiliar e prover a solução desses problemas.

O trabalho seria árduo, porém vontade e perseverança, além de experiência, eram algumas entre tantas qualidades que o Dr. Ueno possuía. Inicialmente, após equipar o Laboratório de Diagnóstico das Parasitoses dos Animais (LDPA) não mediu esforços para agregar outras áreas da medicina veterinária que dessem suporte à parasitologia. Anexou àquele laboratório setores como a hematologia, bioquímica e imunologia, e formou dessa maneira um corpo de pesquisadores.

Com sua vasta experiência e conhecimento com projetos, o Dr. Ueno buscou junto a JICA recursos para todos os setores agregados ao LDPA. Por meio de modalidade específica Miniprojeto iniciou pela reforma e construção de espaços físicos. Posteriormente, conseguiu novos recursos para que os mesmos fossem bem equipados e respondessem aos anseios do grupo de pesquisa que foi formado, e consequentemente às pesquisas que se iniciavam.

Com sua visão e grandeza, Dr. Ueno sentiu ao mesmo tempo a necessidade de intercâmbio entre os profissionais médicos veterinários do Japão e da EMV. Desta maneira, pesquisadores japoneses vieram ao Brasil, dando suporte necessário ao desenvolvimento das diferentes linhas de pesquisa, que foram essenciais para o crescimento e sucesso do LDPA e da EMV.

Enquanto continuava nos bastidores com seu trabalho em parasitologia, sempre com o auxílio direto da Profa. Maria Angela Ornelas de Almeida, parasitologista do LDPA, os demais professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos.

Do Setor de Bioquímica Clínica

Assim como vieram outros pesquisadores do Japão ao LDPA, com o intercâmbio estabelecido, no Setor de Bioquímica Clínica dois professores se interessaram e abraçaram a ideia do Dr. Ueno, a Profa.

Maria Consuêlo Caribé Ayres e o Prof. José Eugênio Guimarães. Ambos estiveram no Japão, buscando novos conhecimentos sobre diferentes técnicas que dessem suporte às suas pesquisas.

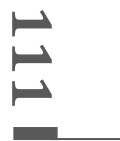
Na área de bioquímica clínica destaca-se a técnica de dosagem do pepsinogênio sérico como ferramenta auxiliar no diagnóstico e monitoramento das parasitoses gastrintestinais de caprinos infectados por helmintos. Com esta técnica os professores envolvidos incrementaram projetos de pesquisa e extensão e desenvolveram com estudantes de graduação e pós-graduação monografias, dissertações e teses.

Para refinamento da técnica de dosagem do pepsinogênio, Dr. Ueno solicitou ao governo japonês a vinda do pesquisador Dr. Hideo Murata que em conjunto com os professores Maria Consuêlo e José Eugênio aprimoraram a técnica à espécie caprina, e executar os projetos propostos.

Ainda no campo da bioquímica clínica, pesquisas envolvendo o metabolismo do ferro foram desenvolvidas, onde mais uma vez estudantes de graduação e pós-graduação foram beneficiados com esses conhecimentos. Destaca-se também a forte linha de pesquisa sobre proteínas de fase aguda, com destaque à utilização da haptoglobina, para as espécies caprina, ovina e bovina. Essa linha revestiu-se de grande importância para esses pesquisadores, até os dias atuais essa proteína continua sendo investigada nos animais por ex-alunos, e que hoje estão inseridos na vida acadêmica nacional, como professores/pesquisadores ou mesmo como pós-graduandos.

Visão e grandeza de espírito

Dr. Ueno com sua grandeza de espírito e acostumado a congregiar diferentes culturas, com o objetivo de divulgar e ampliar os conhecimentos da parasitologia e outras áreas da medicina veterinária, solicitou novos recursos junto à JICA para outra importante cooperação, desta vez, o Programa Treinamento para



Terceiros Países/TCTP. Conseguiu alocar mais recursos para o LDPA, beneficiando não somente profissionais do Brasil, mas também de países africanos de língua portuguesa e da América Latina.

O curso internacional foi realizado durante 10 anos, onde a Profa. Maria Angela coordenou-o nos primeiros cinco anos, passando posteriormente a coordenação para o Prof. José Eugênio (dois anos) e Profa. Maria Consuelo (últimos três anos). Mais de uma centena de médicos veterinários desfrutaram do ideal de Dr. Ueno, isto é, adquirir novos conhecimentos ou aprimorar aqueles já obtidos. Além dos pesquisadores do LDPD, professores e pesquisadores de outras instituições foram convidados, de forma que os profissionais que aqui estiveram pudessem aprender as técnicas e depois adequá-las ao diagnóstico das enfermidades existentes em seus países.

Saudoso adeus a Bahia

Após uma jornada de quase 20 anos, a EMV/UFBA pode sentir os efeitos positivos do trabalho incansável do Dr. Ueno junto à sua comunidade. Caminhou em terra que podia não ter levado a lugar nenhum. Porém, de acordo com os princípios da cultura oriental, sempre um grande observador, cumpridor de seu dever e perseguidor de seus ideais, Dr. Ueno sabia que estava chegando a hora de voltar ao convívio de sua família e de seu país. E, já do outro lado do mundo, acompanhou-nos o quando possível no andamento das atividades do laboratório e nós, professores, soubemos colher aquilo que ele plantara na nossa Bahia.

Dr. Ueno deixou um grande legado por onde passou e pode desfrutar da vitória científica que poucos conseguem em vida.

ETERNA GRATIDÃO A UM GENUÍNO CIENTISTA – EDUCADOR

Luís Fernando Pita Gondim

Meu primeiro contato com Dr. Ueno

No ano de 1994 realizei concurso público na UFBA e ingressei na tão sonhada carreira docente. No ano seguinte, em 1995, fui apresentado a um renomado pesquisador japonês, que coordenava, juntamente com Dra. Maria Angela Ornelas de Almeida, um projeto de pesquisa no setor de doenças parasitárias do Hospital de Medicina Veterinária da UFBA. Seu nome, Dr. Ueno, nos fez indagar se havia alguma relação com a famosa técnica parasitológica de "Ueno". De fato, o renomado pesquisador, que se encontrava em solo baiano, era o próprio criador da técnica batizada com o seu sobrenome.

Dr. Ueno e minha primeira viagem para o oriente

Em 1995, após algumas conversas com Dr. Ueno, ele me perguntou se eu teria interesse em fazer uma especialização em imunoparasitologia na Universidade de La Plata, Argentina. Muito contente com a proposta, aceitei o convite de imediato! Após algumas semanas, fui informado que o pesquisador argentino, com quem eu realizaria meu treinamento, não estaria disponível no período desejado. Logo em seguida, recebi uma proposta ainda mais empolgante; Dr. Ueno me ofereceu uma especialização em uma universidade japonesa situada em Tóquio. Isso fazia parte do projeto celebrado entre a UFBA e a Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA). É claro que não hesitei em dizer sim! Prestes a ir para o Japão, o que seria a minha primeira viagem além das Américas, recebi muitas orientações de Dr. Ueno, que além de preocupado em prover

uma experiência científica enriquecedora, tinha um enorme cuidado com a nossa adaptação a uma cultura tão diferente da ocidental. Lembro, com muito carinho, de alguns conselhos engraçados: “Pita, quando estiver no Japão, por favor, não beije as mulheres ao cumprimentá-las e evite dar abraços apertados nas pessoas”.

Dr. Ueno, um sábio e experiente pesquisador com garra e entusiasmo de um recém-doutor

Apesar da larga experiência e profundo conhecimento acerca da parasitologia veterinária, Dr. Ueno tinha o entusiasmo comparável a um jovem que acabara de concluir seu doutoramento. Chegava cedo ao trabalho e resolvia com habilidade diversas questões científicas e administrativas. Em alguns momentos, acompanhei diálogos de Dr. Ueno com comerciantes baianos discutindo por melhores preços para a compra de materiais para o projeto na UFBA. Ele próprio negociou e acompanhou todas as etapas para a construção de um capril, erguido durante o projeto com a JICA em uma área no fundo da Escola de Medicina Veterinária (hoje: Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia).

Eterna gratidão a Dr. Ueno, marco em minha formação humana e profissional

Durante a estada no Japão, entre 1995 e 1996, além de exercer minhas atividades de pesquisa nos setores previamente planejados, tive a oportunidade de interagir com pesquisadores de outros laboratórios, a exemplo dos doutores Itsuro Yamane e Makoto Haritani, experiências bastante enriquecedoras. Com a bagagem de conhecimentos adquirida na primeira estada no Japão, várias ideias povoaram a minha cabeça. Uma delas era solicitar a Dr. Ueno a

inclusão de mais um tema no projeto, neosporose, doença pouco conhecido naquela época (início de 1996), mas de grande impacto em saúde animal. Para a minha felicidade, Dr. Ueno confiou na nossa ideia e incluiu esse novo tema no projeto. Em seguida, permitiu a liberação de recursos para a criação do setor de cultura celular no Hospital Veterinário da UFBA. Fui convidado para uma segunda viagem ao Japão em 1998, cuja finalidade específica era desenvolver trabalhos sobre neosporose, doença que eu estudara desde 1996. Preocupado com um comentário de Dr. Ueno, de que a qualidade da água no Hospital Veterinário da UFBA talvez prejudicasse a produção de meios de cultura celular no recém-criado laboratório, nos empenhamos ao máximo para o sucesso do projeto.

Os estudos sobre neosporose, financiados pela JICA e sob aprovação de Dr. Ueno, renderam importantes trabalhos para o nosso grupo de pesquisa. Destacamos aqui os primeiros diagnósticos da neosporose bovina e canina no Brasil, além do isolamento em cultura celular da primeira cepa brasileira de *Neospora caninum*, que é o agente causador da neosporose. Nossa cepa foi crucial para a consolidação dos estudos sobre neosporose na UFBA e favoreceu diversas colaborações nacionais e internacionais.

Além de contribuir de forma significativa para nortear a minha formação científica, Dr. Ueno mantinha contatos periódicos e se preocupava em saber se eu estava feliz. Ao me casar com Mariana em 2012, recebemos uma encomenda do Japão, que para a nossa surpresa, tinha como remetente Dr. Ueno. No interior do pacote havia uma linda carta e um belo relógio de parede com detalhes tradicionais do Japão.

Sou eternamente grato a Dr. Ueno, a quem tenho uma admiração profunda, por sua integridade, paciência, sabedoria, e acima de tudo, desejo de fazer o bem ao próximo. Ele foi e será uma referência valiosa em minha vida. Esse ser humano maravilhoso e querido foi um exemplo incomparável de pesquisador e educador.

VISÃO DE MULTIDISCIPLINARIDADE EM PROL DO DESENVOLVIMENTO DA PARASITOLOGIA VETERINÁRIA

Maria Consuêlo Caribé Ayres

No momento em que a comunidade baiana se reúne para registrar a influência de grandes nomes japoneses e sua passagem pela nossa cidade não poderia deixar de destacar a pessoa do Prof. Dr. Hakaru Ueno, renomado helmintologista japonês que transformou a parasitologia brasileira, em especial a baiana, tendo como palco principal a Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia.

Não sou parasitologista de formação, atuo na área de clínica de ruminantes, mas tive a oportunidade e o privilégio de trabalhar com o Dr. Ueno, como professora desta Escola. E isto se deve à sua visão de multidisciplinaridade em prol do desenvolvimento da parasitologia veterinária. Para isto ele não mediu esforços, não somente na participação de professores de diversas áreas estudando em conjunto as interfaces das doenças parasitárias, mas também na atualização desses pesquisadores realizando cursos de treinamento no Japão, cada um em suas especialidades. E desta forma eu tive a oportunidade de fazer um treinamento no Japão, com ênfase em Hematologia e Bioquímica Clínica, no Instituto Nacional de Saúde Animal, em Tsukuba, e nos Centros de estudos para a Pecuária em Marioka e Gunma, em 1996. Aqui destacamos a imensa capacidade de Dr. Ueno em se preocupar com a transferência de tecnologias para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão na EMV/UFBA com a modernização do Laboratório de Diagnóstico das Parasitoses dos Animais (LDPA).

A realização deste curso no Japão não foi apenas um treinamento na minha área profissional, foi também um período de grande enriquecimento cultural. Além de estudar e aprender novas tecnologias na minha área profissional foi possível vivenciar a riqueza

da arte e da cultura japonesa. Durante a realização deste curso tive a oportunidade de aprender novas técnicas relacionadas a bioquímica clínica como também conhecer equipamentos modernos automatizados para a realização desses exames.

Após a realização deste curso a Escola passou a ter um Laboratório de Hematologia e Bioquímica Clínica como um setor do LDPA, com equipamentos modernos e entrando na era da automatização, entre outros. Com o Convênio JICA/EMV Dr.Ueno se dedicou a construir este setor com os melhores equipamentos existentes naquela época, gerando assim possibilidade para que as pesquisas realizadas voltadas para as doenças parasitárias tivessem também o respaldo da multidisciplinaridade.

Todas as ações de Dr. Ueno não estavam voltadas apenas para a realização de pesquisas em parasitologia, mas a sua visão na formação de recursos humanos sempre foi imensa, pois a construção dos diferentes setores possibilitou o aperfeiçoamento e atualização de muitos bolsistas da graduação, pós-graduação e execução de projetos de extensão para o desenvolvimento da pecuária baiana.

Dr. Ueno não se cansava em construir e desenvolver a parasitologia veterinária na Bahia e acreditou na capacidade do grupo de pesquisadores que ele formou. Propôs levar a outros países a transferência de tecnologia implantada na Escola. Assim, nos candidatamos para o Programa de Treinamento para Terceiros Países (TCTP)/JICA, para a realização do Curso de Diagnóstico das Parasitoses dos Animais de Produção, que atualizou médicos veterinários procedentes de países da América Latina e da África. Com certeza outros colegas irão fazer referência a esta fase de desenvolvimento dos trabalhos realizados por Dr. Ueno, mas aqui eu quero destacar o lado discreto e tímido deste grande pesquisador.

Em março de 2006 ele veio ao Brasil durante o International Course in Livestock Parasitosis Diagnosis, apenas para uma visita, e naquela ocasião acabava de ficar pronta a quarta edição do “Manual de

Diagnóstico das Helminthoses de Ruminantes”, de sua autoria, com a colaboração de professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesta ocasião eu estava como Coordenadora do referido Curso e não poderia deixar passar em branco a sua presença, naquele momento tão especial em nossa Instituição. Assim, resolvemos, juntamente com os demais professores, fazer um pequeno lanche, um chá, para que ele autografasse os volumes do Manual para os médicos veterinários participantes do curso e demais professores e alunos presentes no evento. Foi uma tarefa muito difícil, convencê-lo a sentar em uma pequena mesa e autografar aqueles volumes, que tanto deixou os participantes do curso felizes por conhecê-lo e ter a assinatura do Dr. Ueno em seu Manual. Este era o lado tímido e silencioso do Dr. Ueno, uma vez que ele não gostava de estar em posição de evidência, ainda que tudo que ali estava acontecendo era fruto do seu incansável e dedicado trabalho na formação de pesquisadores na Universidade Federal da Bahia. Mas ele participou, bebeu o chá, autografou os volumes e depois dos primeiros momentos, com um sorriso tímido conversou com os participantes do curso.

O legado de Dr. Ueno no setor de Hematologia e Bioquímica Clínica do LDPA

Com a formação em clínica veterinária desenvolvo diferentes linhas de pesquisa e assim a contribuição de Dr. Ueno na construção de um setor de Hematologia e Bioquímica Clínica ultrapassou o desenvolvimento para o diagnóstico das parasitoses dos animais e proporcionou o desenvolvimento de estudos em outras especialidades e espécies animais, aglutinando novos grupos de pesquisa. Hoje este laboratório contribui não apenas para as pesquisas da Medicina Veterinária, mas também para estudos em nutrição de ruminantes realizados por Zootecnistas. Foi além, realizando pesquisa de monitoramento de saúde do cavalo atleta, padronizando características hematológicas em várias espécies de peixes, animais

silvestres, em especial aves exóticas da fauna brasileira. Assim a visão de modernidade e qualidade na implantação de um Laboratório de Hematologia e Bioquímica Clínica idealizada por Dr. Ueno contribuiu e continua contribuindo para a realização de variadas pesquisas que envolve a saúde animal.

Sou grata ao Prof. Dr. Hakaru Ueno pela sua influência no conhecimento adquirido ao longo desses anos e aqui expresso um pensamento de James Allan que muito retrata da sua pessoa:

*“O homem calmo descobre em si
mesmo a fonte da felicidade e do
conhecimento e essa fonte nunca
seca”.*

DO JAPÃO A BAHIA: LAÇOS ENTRE A TERRA E O CÉU.

Maria José Moreira Batatinha

Foi no retorno do meu curso de Doutorado, em 1998, ao ser convidada pela Professora Dra. Maria Angela Ornelas de Almeida, para iniciarmos uma linha de pesquisa em fitoterapia em parceria com o Laboratório de Diagnóstico das Parasitoses dos Animais/LDPA da EMEV/UFBA, que tive o prazer e a honra de conhecer o Dr. HAKARU UENO, que nesta época já desenvolvia consistentes e promissores programas de colaboração entre nossa Escola e Instituições de pesquisa no Japão. Como Docente e pesquisadora na área de toxicologia, e observando o quanto ainda eram incipientes os protocolos de avaliação farmacotoxicológica de produtos e compostos antiparasitários, especialmente no âmbito da medicina veterinária, este convite de trabalho conjunto foi bastante oportuno e assim iniciamos a linha de pesquisa *“Avaliação farmacotoxicológica de plantas medicinais de interesse em medicina Veterinária”*, mantida até a atualidade, e que tem resultado, dentre outros, não somente em publicações em periódicos nacional e internacional, mas principalmente na formação de recursos humanos técnico-científicos especializados, com teses e dissertações apresentadas nesta linha de pesquisa e a inserção destes pós-graduados como docentes em instituições de ensino, a exemplo da Profa. Dra. Mariana Borges Botura na Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, que também continua desenvolvendo e aperfeiçoando métodos e técnicas nessa área de conhecimento. Podemos, portanto, referir, que o Dr. Ueno, por meio de sua filha científica, a Profa. Angela Ornelas, deixou na nossa Escola, uma geração de filhos, netos e bisnetos científicos comprometidos com as suas responsabilidades técnico-científicas.

Falando sobre a Profa. Angela Ornelas, estamos discorrendo sobre o Dr. Ueno, como direta ou indiretamente já descritos nos

demais depoimentos de colegas neste livro, pois foram os responsáveis pela ponte construída para o estabelecimento da parceria UFBA-JICA, que permitiram não somente a implementação de infraestrutura física e de equipamentos do LDPA na nossa Escola, mas principalmente pela disseminação dos programas e atividades que permitiram a todos nós docentes que colaboramos com algumas destas atividades, a iniciarmos ou aprimorarmos as nossas competências em prol da Medicina Veterinária, proporcionando-nos inclusive a oportunidade de vivenciarmos a realidade em Universidades e diversas outras Instituições de pesquisas no Japão. Por meio dessa colaboração em parceria com a JICA, tive a oportunidade de participar do Curso de Treinamento em “Tecnologia Veterinária para Animais de Produção” (*Veterinary Technology for Farm Animals*) em Hokkaido, Japão, em 2008, durante seis meses. Este curso me proporcionou a obtenção de uma vastidão de conhecimentos técnico-científico-cultural. Embora tivéssemos a Universidade de Hokkaido como sede, visitamos diferentes Instituições públicas e privadas em diversas partes do país, e juntos discutimos sobre as realidades locais e aquelas enfrentadas na nossa Universidade e no nosso país. Poder acompanhar diariamente a rotina de atendimento médico veterinários a produtores rurais também nos proporcionou uma riqueza de conhecimento e experiências, possibilitando maior reflexão dessas realidades, incluindo as possíveis aplicabilidades na busca de soluções aos nossos problemas locais, relacionados à sanidade animal e saúde pública. Esta estadia no Japão também foi uma fonte de aprendizado e reflexão sobre a cultura entre as diferentes sociedades. A riqueza dessas experiências foram além do conhecimento técnico-profissional e incluíram a participação nas diversas atividades culturais mediadas pela JICA, abrangendo dentre outros, minicursos, que incluíram o idioma japonês, para o qual, se não nos foi possível ter o domínio, nos facilitou o exercício da correspondência à gentileza para com nossos anfitriões; o *homestay*

que nos permitiu participar da rotina sócio cultural com uma família japonesa incluindo a gastronomia local familiar, e a participação nas festas contendo lutas, músicas, danças e outras atividades culturais.

Estes são breves relatos sobre a nossa experiência como membro participante desse programa de cooperação entre Brasil-Japão, cuja oportunidade nos fora proporcionada por Dr. Ueno e Profa. Angela, cuja competência é igualada aos traços marcantes de generosidade, simplicidade, humildade dessa dupla pai e filha. Meu profundo agradecimento.

MINHA VIDA NIPONICA PROPICIADA PELA JICA MEDIADA POR HAKARU UENO

Alexandre Moraes Pinheiro

Ao receber o convite para escrever sobre o Dr Hakaru Ueno, dentre outras coisas, a memória me remete ao ano de 2002 e a experiência ímpar que vivenciei no Japão. Refletindo sobre o fato, em princípio, verifico como esse acontecimento marcou de maneira indelével a formação de um jovem, então com 28 anos, que foi transportado para um universo cultural distinto do outro lado do mundo onde, por si só, dificilmente teria condições de chegar.

Nessa época, finalizava o mestrado e algumas perspectivas apresentavam-se para mim, entre elas a possibilidade do treinamento da JICA (Agencia de Cooperação Internacional do Japão) em Agrobiotecnologias em Kobe, no Japão. As informações sobre o programa foram prestadas pela Dra. Maria Angela Ornelas Almeida, então, chefe do Laboratório de Doenças Parasitárias da Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia, onde eu acabara de terminar o curso de pós-graduação. Dra. Angela fez questão de informar não apenas sobre o curso, mas também sobre os pormenores da assistência da JICA que gerenciava uma rede complexa para ajudar os bolsistas em todos os momentos de sua permanência no País. Confesso que a possibilidade de ir até o Japão era assustadora, mas a experiência que se apresentava era única e tentadora.

Com isso em mente, comecei a aprontar a documentação para o processo seletivo e admito que, apesar do impacto inicial e da perspectiva de conhecer e conviver com tradições e costumes distintos, não acreditava na possibilidade de ser selecionado. Isso porque, o curso oferecia uma única vaga para o Brasil e, diante disso, considerei minha chance bastante remota.

O processo de inscrição do projeto e seleção iniciou-se em dezembro de 2001 e no carnaval de 2002, quando me deslocava para Aracajú (SE), recebi uma ligação de um número desconhecido. Ao atender a ligação fiquei extremamente surpreso com a informação transmitida pelo meu interlocutor dando conhecimento de que eu tinha sido selecionado e deveria ir para Kobe, no Japão, permanecendo lá por um período de, aproximadamente, seis meses.

Finalizados os preparativos para a viagem, retirado o visto japonês em Recife e os demais protocolos, com a inexperiência e a emoção de quem deixa, pela primeira vez, o País, estava tudo pronto para a partida. Minha excitação era grande e por mais que tentasse controlar de forma lógica os acontecimentos, o que se apresentava era realmente impensado. Acredito que alguns deles ocorreram por não ter conhecimento de todos os detalhes que advêm somente da experiência em feitos similares. A exemplo do que sucedeu no dia da viagem: ao chegar ao Aeroporto Internacional de Salvador Luís Eduardo Magalhães, tudo me parecia dentro do previsto, entretanto o embarque era de um voo internacional, mesmo deslocando-se para São Paulo; isso quase me fez perder o avião, o que me permitiu pensar sobre as responsabilidades que estavam a minha frente e deveria a partir de então assumir.

O meu voo faria uma conexão em São Paulo e lá fiquei por aproximadamente três horas refletindo sobre o que iria encontrar. Admito que não foram horas agradáveis, pois lembrava dos boatos sobre os estrangeiros e me perguntava se seria entendido e se me faria entender com meu inglês, que nunca havia sido testado fora do Brasil. Isso me preocupava!

Após um voo longo, que admito ter gostado bastante, cheguei ao Japão. Lá começa a minha surpresa com a falsa impressão que tinha sobre o tratamento dado pelo estrangeiro em seu País de origem ao visitante. Já na alfândega fui surpreendido por uma pessoa disposta a

me auxiliar e de muito boa vontade. Após a alfandega, encontro com uma jovem japonesa que esperava os “JICA kenshu-in” separando-os para direcioná-los aos seus Centros de Treinamentos. Estava completamente errado sobre a ideia de que o estrangeiro em seu País de origem não liga para um visitante. Pelo menos, no Japão isso não é verdade e fiquei extremamente contente com a receptividade que tive. Não somente pelo fato de ser esperado e bem tratado, mas, sobretudo pela vontade japonesa de fazer de tudo para melhorar a minha experiência naquele treinamento.

Fomos levados a um “grande hotel” em Osaka e para a minha surpresa estávamos chegando ao Centro de Treinamento da JICA. Era como um hotel cinco estrelas, nada faltava em conforto e comodidades. A melhor surpresa foi perceber, no café da manhã, que no refeitório se falava português. Dentre tanta gente tinham outros brasileiros ali também.

Os primeiros dias em Osaka foram de adaptação ao fuso e de palestras sobre o Japão, sobre a JICA e sobre o treinamento. Tudo muito bem organizado, com uma precisão nipônica e com uma disposição que impressiona.

Durante as refeições sempre tinha um brasileiro disposto a conversar e a combinar ações para o final de semana. No primeiro final de semana que passei no Japão, fui com um grupo de colegas (brasileiros, turcos, chilenos e argentinos) conhecer o grande Buda, em Nara. Inicialmente juntei-me ao grupo como uma atividade para fazer no tempo livre e conhecer um pouco mais de onde estava. Sem falar nada de japonês e com o inglês testado e funcionando, fomos a Nara.

No caminho para Nara tive a minha primeira percepção de estar em um grande centro urbano. De Osaka para Nara tivemos que passar na estação central de metro de Osaka. Nessa estação, percebi o quão gigantesco era o local em que me encontrava. A quantidade de linhas de metros era imensa. O grande número de trens chegando e saindo

era impressionante. Não tivemos problemas em encontrar a linha para Nara e lá fomos nós conhecer o grande Buda. A cidade de Nara era como eu esperava, organizada e limpa. Entretanto, ao aproximar-nos do templo “Todai-ji” me impressionou a quantidade de animais livres e que conviviam pacificamente com os transeuntes. As pessoas alimentavam os animais por serem sagrados, vez que são os mensageiros dos deuses xintoístas.

Em Nara percebi que, apesar das diferenças e guardando as devidas proporções, os monumentos e patrimônios históricos nacionais, apesar de belíssimos, são ainda relativamente recentes quando comparados a outros, como os existentes no Japão. O templo “Todai-ji” abriga, dentre outras obras lindas, a estátua do grande Buda Nara (Nara no Daibutsu). Essa estátua impressiona pelo tamanho de aproximadamente 15 metros de altura e foi finalizada no ano de 749 (D.C). O pavilhão que abriga a estátua foi finalizado em 751 (D.C) e o que mais me chamou a atenção foram os encaixes das madeiras que permitem a sustentação das estruturas. Esse templo tem o título, ainda hoje, de maior estrutura em madeira do mundo.

Após o dia fantástico com muita história e deslumbramento, retornamos a Osaka. A primeira parte do retorno foi como esperado e sem maiores acontecimentos. Então, chegamos à estação central. Ali então, se ainda havia qualquer resquício da imagem que o povo japonês não está nem aí para quem lhe visita, essa ideia acaba completamente. Estávamos em uma dúvida cruel sobre qual trem era o correto para chegar ao nosso destino. Depois de muita discussão, entre os que estavam há mais tempo que eu no Japão, não sabíamos para onde ir. Um trem chega e um fluxo grande e ordeiro de pessoas saíam, enquanto isso outro grande número de pessoas aguardava o momento de entrar. O grupo, perdido e sem saber o que fazer, olha para um lado e para o outro sem tomar uma decisão. Pouco antes da porta do metrô fechar uma típica senhora japonesa de quase 70 anos sai do trem e nos puxa para dentro dizendo que aquele é o trem que deveríamos pegar. Aquilo me

marcou tremendamente e acredito que demonstra perfeitamente o espírito japonês no que tange a ajudar ao próximo.

Retornando a Osaka fomos surpreendidos com a mudança do nosso alojamento. Nesse momento, já estava inserido no grupo de Agrobiotecnologias, de 2002, e todos fomos deslocados para um hotel próximo ao Centro de Treinamento de Osaka. Essa mudança traz certa tristeza, pois a parceria construída em poucas semanas, tornava-se remota e um novo reencontro pouco provável. A transferência para o hotel foi apenas por uma noite, pois no dia seguinte rumamos para Kobe, local definitivo no nosso treinamento.

Em Kobe, onde aconteceu o terrível terremoto em 1995, fora construído uma série de grandes edifícios como parte da revitalização da área atingida pela catástrofe (Hanshin-Awaji). O prédio em que fomos alojados, no JICA HIC (hoje chamado de JICA Kansai Center), era recém-inaugurado e não ficava nada a dever ao Centro de Treinamento em Osaka. As pessoas que trabalhavam lá, assim como em Osaka, eram extremamente solícitas e simpáticas. O HIC ficava localizado em frente ao mar e a vista era maravilhosa. No HIC a minha jornada pelo treinamento se modifica e após algumas semanas de palestras o grupo foi distribuído por laboratórios na Universidade de Kobe.

Os meses passavam e, nos finais de semanas, os grupos formados sempre tinham atividades que eram planejadas durante os jantares no restaurante do HIC. Uma dessas atividades que merece ser relatada foi uma viagem a Kyoto. Ali encontrei um local que me transportou para um país de outra época. Um período que sempre gostei e que procurei conhecer melhor. Um Japão que parece estar preservado no tempo e que leva os seus visitantes ao passado em pleno século XXI. Para mim, Kyoto tem uma infinidade de locais que merecem ser lembrados. Entretanto, como não poderia narrar todas as experiências que vivi lá de forma intensa e breve, conto uma história sobre quatro dos locais que marcaram minha paixão por esse lugar.

Inicialmente lembro-me dos sons ao andar pelo Castelo Nijo (Nijo-Jo). Esse Castelo, que teve a sua construção iniciada em 1601 (D.C) pelo primeiro xogum Tokugawa, foi concluído em 1626 (D.C) e era a residência oficial dos Tokugawa quando estavam em Kyoto. Ao andar pelos corredores desse palácio sons de aves surgem de repente. Isso é o resultado de um sistema de alarme que permite detectar a presença de intrusos. O deslocamento do piso em locais específicos faz com que haja a movimentação de engrenagens que promovem o som. Esse sistema foi desenvolvido para a proteção dos senhores contra invasores e, aparentemente, era muito eficiente.

Os outros locais fantásticos em Kyoto são os templos de ouro (Kinkaku-ji), o templo de prata (Ginkaku-ji) e o templo “Kiyomizu-Dera”.

O “Kiyomizu-Dera” (Otowa-san Kiyomizu-dera) é para mim um local mágico. Fica no topo de uma montanha em que, do salão principal, pode-se visualizar a cidade de Kyoto numa vista deslumbrante. Nesse templo, também reina os encaixes da madeira na sua construção. Abaixo do salão principal fica a cachoeira de “Otowa” que cai sobre um lindo lago em três filetes. Os visitantes podem se deliciar com a água e fazer desejos, pois ali é uma fonte mágica. Cada filete de água remete a um benefício: realização no amor, longevidade e progresso acadêmico. Os visitantes podem e devem beber, mas não em excesso, pois um gole de água traz os benefícios, dois goles os benefícios são reduzidos à metade e se beber de forma gananciosa não receberá nada.

O “Kinkaku-ji”, templo de ouro, e o “Ginkaku-ji”, templo de prata, são belíssimos. Os conjuntos de pavilhão e jardins dão a esses templos uma atmosfera única. Um local para meditação e reflexão em meio à natureza.

Não poderia deixar de relatar a euforia de ter tido a oportunidade de conhecer a família imperial japonesa, assim como de assistir um jogo da copa do mundo de 2002. Lembro que nesse ano

conquistamos o pentacampeonato e o time de futebol do Brasil jogou em Kobe. Isso me deu a oportunidade de conhecer alguns jogadores de perto e a repórter Fátima Bernardes, cuja simplicidade e simpatia são cativantes. Já o príncipe e a princesa do Japão estiveram no prédio da JICA para conhecer a área revitalizada após o terremoto de 1995.

Durante o treinamento, tive a oportunidade de trabalhar em três laboratórios distintos na Universidade. Todos com professores extremamente capacitados e preparados para lidar não só com a ciência, mais também com as questões da vida prática de um laboratório. O aprendizado nesses laboratórios foi grande e importante para a continuidade de minha formação acadêmica. Tenho certeza que até hoje me pauto por alguns princípios aprendidos neles.

Além disso, fiz dois cursos de japonês que me deram rumo pelo Japão. Não poderia deixar de falar na senhora K. Yokotani que foi a minha coordenadora de grupo indicada pela JICA. Yokotani-san foi um verdadeiro anjo para o grupo de Agrobiotecnologias de 2002. Com paciência extrema e muito boa vontade sempre esteve presente para ajudar e a solucionar os problemas do grupo e até hoje ainda recebo dela fotos de belas paisagens japonesas.

As experiências pessoais, culturais e científicas obtidas no ano de 2002 foram, com certeza, fundamentais para que eu alcançasse o posto de professor e que pudesse desenvolver as atividades relacionadas à docência que hoje desempenho. Ao olhar para esse período só visualizo aprendizado, amizades e gratidão aos que participaram dessa minha jornada.

Ainda hoje, também, não posso deixar de lembrar de um senhor japonês que andava pelos corredores da Escola de Medicina Veterinária da UFBA (EMV/UFBA) no tempo em que eu era estudante de graduação. Era o Dr. Hakaru Ueno. Nunca tive um convívio próximo com ele, mas sempre compreendi sua importante contribuição para a comunidade científica da Bahia.

Tenho certeza que, além de outras, sua participação para a instalação de um laboratório de excelência na EMV/UFBA, muito contribuiu para isso, por meio da formação de diversos pesquisadores e profissionais baianos que puderam usufruir daquela estrutura, assim como, assimilar seus conhecimentos difundidos mediante aulas, palestras ou orientação pessoal. Considero como a grande responsável pelo legado de Dr. Ueno a Professora, Dra. Maria Angela Ornelas Almeida, que fez acontecer o que parecia um sonho: transformar um laboratório de parasitologia em uma referência que produz ciência. A eles meus agradecimentos e gratidão.

CRESCIMENTO PROFISSIONAL COM A CONVIVÊNCIA COM JAPONESES

Rosângela Soares Uzêda

No ano de 2001 começaram as minhas experiências em parasitoses dos animais domésticos. Ainda como estudante de graduação do terceiro semestre do curso de Medicina Veterinária da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da UFBA, ingressei como bolsista de iniciação científica, no Laboratório de Diagnóstico das Parasitoses dos Animais Domésticos (LDPA) do Hospital de Medicina Veterinária da Universidade, onde participei de vários projetos de pesquisa e fui agraciada com várias oportunidades de treinamento que incrementaram minha vida profissional.

Nesta época, o Laboratório de Parasitoses era um dos setores mais bem equipados e estruturados do hospital. Ao longo do tempo se consolidou com uma coordenação ativa de professores e nele estudantes de graduação e pós-graduação realizaram diversos projetos de pesquisa que se transformaram em artigos científicos publicados em revistas de relevância para a área. Tal posição foi alcançada devido ao esforço e persistência dos professores, sobretudo professora Maria Angela Ornelas de Almeida e a cooperação técnica estabelecida com *Japan International Cooperation Agency* (JICA) iniciada na década de 80 com a visita e permanência em nosso estado de Dr. Hakaru Ueno.

A oportunidade de estagiar e participar nos projetos de pesquisa, assim como na organização dos cursos internacionais sobre Diagnóstico das Parasitoses dos Animais de Produção que eram ministrados no laboratório permitiram que fosse selecionada como bolsista da JICA para fazer um treinamento de 45 dias em diagnóstico de doenças parasitárias. O curso *Diagnosis of Livestock Parasitic*

Diseases, foi realizado no National Institute of Animal Health – NIAH, na cidade de Tsukuba, Japão. Nesta ocasião Dr. Ueno já estava aposentado, mas foi possível encontrá-lo na cidade em que morava no Japão e conversar sobre suas vivências no Brasil.

A experiência no Japão foi muito gratificante, pois aprendi a desenvolver e aprimorar várias técnicas de diagnóstico em parasitoses, além de crescer pessoalmente com a convivência com os japoneses. Os conhecimentos adquiridos ao longo deste período de formação contribuíram significativamente para a profissional que sou hoje e seguramente, mesmo que indiretamente, nesta formação, há a contribuição de Dr. Hakaru Ueno.

第5章

Capítulo 5

Takeshi Kobayashi

小林武史



*Consagrado
concertista
e escritor,
propagador
do ensino do
violino para
crianças pelo
“Método Suzuki”.*

鈴木鎮一氏（ス
ズキメソードの
生みの親）に師
事し、精力的に
海外演奏活動を
行う傍ら、世界
中の子供たちに
バイオリン指導
を行う。

TAKESHI KOBAYASHI: **semente das orquestras infanto-juvenis**

Deodato Guimarães Santos

Em 5 de novembro de 1895 um Tratado de Amizade, Comércio e Navegação foi assinado em Paris pelo Embaixador Gabriel de Toledo Piza e Almeida em nome do Presidente dos Estados Unidos do Brasil Dr. Prudente José de Moraes Barros e pelo plenipotenciário Sone Arasuke Jushu representando o Imperador Meiji do Japão.

Decorrente de tal relevante evento, em 15 de junho de 1908, desembarcando do navio Kasatu Maru no Porto de Santos Estado de São Paulo, pisaram no solo brasileiro os pioneiros imigrantes japoneses. Os benefícios, advindos da presença japonesa no Brasil, como a agricultura, favoreceram o desenvolvimento de outros segmentos, tecnologias, trabalhos manuais e música.

Com referência à música, o Japão propiciou valiosa contribuição ao Mundo. Shinishi Suzuki violinista, educador, filósofo exerceu profunda influência no aprendizado musical no Japão e em outros países. Sua filosofia é baseada sobre “a capacidade musical não ser um dom inato, mas um talento que pode ser desenvolvido”. Em outras palavras, qualquer criança recebendo educação apropriada é capaz de desenvolver um talento musical. Se a criança desenvolve a capacidade de falar a língua materna, pode também desenvolver qualquer outro talento.

Shinishi Suzuki acreditava que o potencial infantil é ilimitado. Seguindo sua própria filosofia começou a ensinar violino a crianças em Matsumoto, em 1908. O Método Suzuki difere de qualquer outro método pedagógico pois envolve aluno, professor e progenitores formando um ambiente produtivo e agradável.

O governo do Japão oferece cooperação técnica para países em desenvolvimento através de agências criadas com esse propósito. Em 1984, a JICA - (Japanese International Cooperation Agency) ofereceu

aos profissionais da área de saúde participação em um Seminário sobre Parasitoses Transmitidas pelo Solo, em Tóquio. Doutora Ogvalda Devay de Sousa Torres, lecionando na Universidade Federal da Bahia na disciplina Parasitologia, elegível, portanto, para participar, e preenchendo todas as condições exigidas, requereu sua participação, sendo devidamente aceita. Ao ser notificada que deveria viajar para o Japão em janeiro de 1985, apressou-se em preparar a documentação, o “Country Report” e todas as demais exigências da JICA, bem como roupas apropriadas para enfrentar o inverno, lembranças, cartões de visitas e o que mais fosse útil para uma viagem dessa natureza. Aterrissando no aeroporto Narita em Tóquio, em janeiro de 1985 como programado, com surpresa constatou de imediato a perfeita organização para receber seus visitantes. Ela jamais imaginaria ver seu nome em um letreiro luminoso indicando para onde se dirigir e lá ser instruída sobre todos os detalhes relativos à sua permanência no Japão. Além de cumprir o programa do seminário, teve oportunidade de visitar Hiroshima, conhecer o lar de uma típica família japonesa e constatar a eficiência do sistema educacional no Japão quando esteve em uma escola primária. Dra. Ogvalda ficou deveras impressionada com o cotidiano do povo japonês. Na volta ao Brasil, ela e outros profissionais igualmente beneficiados pela JICA, decidiram fundar uma entidade com o objetivo de divulgar os vários aspectos da cultura japonesa. Apoiados pelo Cônsul Geral do Japão em Recife, Toshikatu Hata, 25 interessados admiradores do Japão e aficionados de sua milenar cultura fundaram a ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL JAPÃO DO ESTADO DA BAHIA/ACBJ-BA, elegendo a Dra. Ogvalda Devay de Sousa Torres sua Primeira Secretária, quem, a partir de então, se tornou a interlocutora da ACBJ-BA em Salvador com o Consulado Geral do Japão em Recife.

Em 9 de maio de 1991 Dra. Ogvalda recebeu um telefonema do Consulado Geral do Japão em Recife indagando sobre a possibilidade de receber e prestar assistência aos dois técnicos japoneses que chegariam no Aeroporto de Salvador, no dia seguinte. Takeshi Kobayashi, professor violinista, dileto aluno do Mestre Shinichi Suzuki, designado para ministrar aulas sobre o Método Suzuki em

Recife e Fumimasa Otani, residente em Maringá no Paraná, afinador de pianos, seu interprete. Eles gostariam de visitar Salvador, no fim de semana, razão da chamada telefônica. A Primeira Secretária respondeu que a ACBJ-BA com grande prazer os receberia e lhes prestaria toda a assistência para que tivessem um prazeroso fim de semana em Salvador. Para recebe-los foi formada uma comissão composta pela Dra. Ogvalda, Dr. Oldegar Franco Vieira, Presidente da ACBJ-BA, Deodato Guimarães Santos, Vice-presidente e Luciano Couto Rosa Guimarães, Segundo Secretário. No sábado e domingo os membros da ACBJ-BA ciceronearam os visitantes pela cidade destacando os principais pontos onde pudessem sentir a atmosfera baiana e experimentar sua típica culinária, confiando que eles tenham bem aproveitado o fim de semana em Salvador. Em conversa com o ilustre visitante violinista Ogvalda e Deodato indagaram como poderia a Bahia ser também beneficiada com a implantação do Método Suzuki. Ele respondeu aconselhando manter contato com o Consulado Geral do Japão em Recife. Coincidentemente, nesse mesmo ano, um grupo de associados viajou para países do Oriente, obviamente incluindo o Japão no itinerário, razão principal da viagem. Chegando em Tóquio em 5 de setembro, a primeira providência de Ogvalda e Deodato foi contatar o Professor Kobayashi, que foi até o hotel onde estavam hospedados para convidá-los para um jantar, do qual participou, também, o Diplomata Yuzo Sekigawa, ex Vice-Cônsul do Japão em Recife. Durante o agradável jantar, muito se falou sobre a amizade entre o Brasil e o Japão, incluindo música, oportunidade para perguntar ao Mestre Kobayashi sobre a possibilidade de o Método Suzuki ser ministrado na Bahia. Kobayashi e Sekigawa sugeriram que fosse contatado o Cônsul Geral do Japão em Recife invocando a celebração do Centenário da Assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação firmado pelo Brasil e Japão.

Retornando ao Brasil, Ogvalda e Deodato puseram em prática a sugestão tomando as primeiras providências relativas à vinda de Takeshi Kobayashi para a introdução do Método Suzuki na Bahia. Em 18 de junho de 1993 os diretores da ACBJ-BA, liderados pelo Presidente Dr. Oldegar Franco Vieira, viajaram para Recife com o objetivo de

discutir com o Cônsul Geral do Japão prioritariamente a concretização da vinda do violinista Takeshi Kobayashi a Salvador afim de implantar o Método Suzuki na Bahia. Na ausência do Cônsul Geral Mishisuke Takeyama, os diretores foram gentilmente atendidos pela Vice-Cônsul Hitomi Watanabe, que forneceu todas as instruções sobre as formalidades que deveriam ser seguidas, salientando que uma autoridade local deveria se responsabilizar pela estadia do Mestre Kobayashi. Esta exigência foi atendida graças à boa vontade do Professor Felipe Serpa, Reitor da Universidade Federal da Bahia e apoio da Escola de Música da mesma Universidade. Pela volumosa correspondência trocada com Takeshi Kobayashi, com o Consulado Geral do Japão em Recife e os decisivos apoios do Cônsul Geral do Japão em Recife Mishisuke Tateyama e da Vice-Cônsul Hitomi Watanabe e ainda a feliz circunstância relativa à comemoração do Centenário da Assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação pelo Brasil e Japão, o Método Suzuki seria implantado na Bahia.

No interim, faxes e telefonemas foram trocados com o pianista Rafael dos Santos, fazendo doutorado de música em Iowa nos Estados Unidos e designado para acompanhar o violinista Takeshi Kobayashi em seu programado recital de violino em Salvador. Nesta cidade a diretoria da ACBJ-BA contatava a gerencia do Teatro Castro Alves solicitando a reserva de um recinto adequado para os ensaios do violinista Kobayashi, visto que seu precioso instrumento *Guarnerius del Jesu* exigia um local refrigerado.

Em 22 de novembro Takeshi Kobayashi deu seu memorável recital no mesmo teatro, acompanhado pelo pianista Rafael dos Santos, vindo de Iowa, para essa apresentação. O repertório oferecido agradou sobremodo o público que entusiasticamente aplaudiu o virtuose, e este em retribuição tocou mais duas peças extras. No intervalo da apresentação os diretores da ACBJ-BA e o Conselheiro Joselito Falcão de Amorim subiram ao palco e com palavras de agradecimento entregaram ao Mestre uma placa comemorativa do evento.

Ao final do recital Kobayashi indagou onde poderíamos tomar um drinque. Deodato sugeriu a Academia da Cachaça na Rua Marques

de Caravelas na Barra, cuja proprietária Professora Vera Lira, felizmente se encontrava no local. Ogvalda e Nelita, minha esposa não nos acompanharam, se despedindo na entrada. Feitas as apresentações, salientando ter o virtuose acabado de deixar o palco do Teatro Castro Alves, Kobayashi, Rafael, o pianista e Shinobo sua esposa tiveram atenciosa recepção, não somente de Vera e seus auxiliares, mas de grande parte dos habitués que dirigiam simpático sorrisos ao ilustre violinista, que da mesma forma retribuía.

No dia seguinte todos viajaram para Belém e Recife, cidades onde o Professor Kobayashi estava comprometido em ministrar o Método Suzuki. Em 10 de dezembro regressaram a Salvador e aos Diretores da ACBJ-BA que vieram esperá-los no aeroporto, o Mestre Kobayashi indagou se estava tudo preparado para início das oficinas sobre o Método Suzuki na manhã seguinte para aqueles já inscritos, lembrando a necessidade de se conseguir um violino emprestado, pois seu precioso violino *Guarnerius del Jesu*, não poderia ficar exposto a riscos como temperatura inadequada, poeira, quedas e outros tantos imprevistos. O instrumento foi providenciado. Em 11 de dezembro, no auditório da Universidade Federal da Bahia, o Vice-presidente da ACBJ-BA Deodato dirigiu breves palavras aos alunos e a seus pais ressaltando a importância dessa histórica oportunidade. Shinobo Saito, esposa do pianista Rafael dos Santos, também violinista, serviu como interprete e assistente do Mestre Kobayashi. A um sinal do Mestre, Rafael tocou os acordes convencionais. Kobayashi, Shinobo e os 47 inscritos posicionaram seus violinos, já afinados, e levantaram os arcos. O Método Suzuki estava sendo introduzido na Bahia.

As instrutivas oficinas de Takeshi Kobayashi sobre Método Suzuki finalizaram em 15 de dezembro, com uma brilhante apresentação dos alunos no palco do salão nobre da Reitoria da Universidade Federal da Bahia. O Método Suzuki na Bahia foi implantado graças a iniciativa pioneira conjunta da ACBJ-BA e Ateneu Musical Osvaldo Devay de Sousa.

Devo neste ponto ressaltar a extrema simplicidade do Mestre. Após a exaustiva sessão matutina das instruções violinísticas, segundo

Suzuki, íamos almoçar em um dos restaurantes da Barra, mais precisamente na Rua Recife. Após o almoço Kobayashi, um dos maiores virtuosos do mundo, sem a menor cerimônia descontraidamente sentava-se na calçada frente ao restaurante e com toda calma fumava seu cigarro.

Após a partida de Takeshi Kobayashi, sua autobiografia deixada em mãos dos diretores da ACBJ-BA foi traduzida para o português pelo Segundo Secretário Takeshi Okumura. Este livro tem um capítulo dedicado ao Sr. Okumura.

Na vasta correspondência trocada com o Mestre Kobayashi, Ogvalda e Deodato, constantemente lhe indagavam sobre a possibilidade de uma segunda vinda à Salvador e sempre recebendo vagas e desencorajadas respostas. Surpreendentemente, em dezembro de 2007 ele comunicou que uma vinda ao Brasil estava sendo programada pelas autoridades japonesas prometendo uma confirmação oportunamente. Em 7 de maio de 2008 ele enviou a auspiciosa mensagem informando estar comprometido a viajar para Salvador, Belém e Manaus, provavelmente em outubro. Em junho a ACBJ-BA recebeu a informação oficial do Consulado Geral do Japão em Recife estipulando a data de sua chegada a Salvador, 20 de outubro, permanecendo até 27.

Face a essa comunicação, os diretores da ACBJ-BA deram início às providencias necessárias para garantir ser sua segunda vinda tão ou mais proveitosa quanto a anterior, em 1995. A primeira providência foi fazer uma reserva na pauta do Teatro Castro Alves para o recital de violino de Takeshi Kobayashi acompanhado pela pianista Chihiro Ishoka, que viria a Salvador com essa finalidade. A apresentação duo piano e violino em 20 de outubro de 2008 foi entusiasticamente aplaudida pelo público com pedidos de bis, atendidos com duas peças extras.

Após o grandioso recital Kobayashi, Gildemar, Eriko, Shai e alguns instrumentistas do Conjunto Orquestral ocuparam uma mesa no Restaurante Barravento na Barra, o grande violinista não deixou de matar a saudade de sua caipirinha. Kobayashi e Deodato conversaram

sobre o repertório apresentado de compositores japoneses e com mais insistência sobre o violino trazido.

Nesta segunda vinda ao Brasil, Takeshi Kobayashi não trouxe seu valioso *Guarnerius del Jesu*. Contudo, o violino trazido, com o qual tocou, produziu um som celestial. Na manhã seguinte a pianista Chihiro Ishoka voltou para o Japão enquanto o Mestre Kobayashi e esposa viajaram para o norte do Brasil para cumprir outros compromissos. Os diretores da ACBJ-BA, durante sua ausência, mantiveram-se empenhados nas necessárias improvisações em virtude da sala de ensaios da orquestra no Teatro Castro Alves não estar disponível nas manhãs. A solução foi ocupar o Auditório da Hora da Criança pela manhã e usar a sala de ensaios da orquestra do Teatro, desocupada, nas tardes. Afim de atender solicitação da Fundação Movimento de Corais de Itapetininga, Bahia, para inscrever 30 candidatos ao Curso sobre Método Suzuki, como também sua indagação em como alojar os inscritos, os diretores conseguiram com a Professora Vitoria Eugenia Boaventura, Diretora do Colégio Estadual Manoel Novaes, alojamento no próprio colégio para os inscritos e o motorista do ônibus que os transportou.

Outras instituições se inscreviam aumentando o número de participantes, no total 159, entre os quais 17 professores de música. Na manhã de 26 de outubro iniciava o curso sobre o Método Suzuki, no palco do auditório da Hora da Criança. O Vice-presidente da ACBJ-BA, Deodato, dirigiu algumas palavras introdutórias aos alunos e demais presentes salientando como a Bahia estava sendo beneficiada.

Nesta segunda vinda a Salvador para ministrar o Método Suzuki para os 17 professores e 142 alunos, o Professor Takeshi Kobayashi foi assistido pela sua esposa Akio Kobayashi, também violinista, e auxiliado pelos violinistas Manoel e Fabio Freire, contando também com a valiosa colaboração da pianista Professora Carmem Mettig, Diretora do Instituto de Educação Musical (IEM). Sessenta e três violinos conduzidos por Takeshi Kobayashi com acompanhamento de piano pela professora Carmem Mettig, executando conhecidas peças do repertório de Shinichi Suzuki, encerraram alegremente o curso

sobre o Método Suzuki. A TARDE, tradicional jornal da Bahia publicou completa reportagem sobre o evento sob a seguinte manchete: *PROFESSOR JAPONES ENSINA VIOLINO PARA A GAROTADA.*

Takeshi Kobayashi vive uma intensa atividade musical. Ele foi spalla da Tokyo Symphony Orchestra, da Brno Symphony Orchestra na Tchecoslováquia State, na Symphony Orchestra de Brucker em Linz, Áustria e Symphony Orchestra Yomiuri Nippon. Como requisitado concertista, foi aclamado nos mais tradicionais palcos na Inglaterra, Rússia, Alemanha, Suíça Indonésia, Kuwait, Emirados Árabes e em toda a Ásia. Takeshi Kobayashi é Presidente do Conservatory Bach Hall em Tokyo. Membro e Presidente das bancas de competições musicais. Instrutor do método Suzuki em muitos países. Como violinista, acompanhado de piano, gravou seis CDs, os três primeiros apresentando aos aficionados ocidentais, compositores japoneses Akira Fukuda, Ikuma Dan, Toru Takemitsuo e Kousaku Yamada. Nos três outros, interpretando peças de famosos compositores dos séculos 18 e 19, H. Eccles, Dvorack, Vanecek, Vitali, Massenet, Brahms, Kreisler, von Paradisi, Smetana e Suchon.

Como instrutor do Método Suzuki, em 1979 esteve por três meses na Venezuela instruindo jovens na cultura musical, focando o Método. Atendendo pedido do governo daquele país, voltou em 1980. A cultura musical lá se desenvolveu a tal ponto que propiciou a formação das Orquestras Juvenis da Venezuela. Esse desenvolvimento musical no país vizinho inspirou a Secretaria de Cultura da Bahia a criar similar projeto originando o NEOJIBÁ - Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia.

TAKESHI KOBAYASHI: **uma lenda no mundo dos violinos japoneses**

Eriko Sato

A primeira vez que me encontrei com o professor Kobayashi foi em 2008. Como ele era um violinista famoso no Japão, achei que seria uma pessoa de difícil aproximação, mas logo vi que me enganara.

Em 1979, Kobayashi começou a lecionar violino baseado no método Suzuki, na Venezuela, e essa atividade viria a ter um papel importante na implantação do El Sistema, que produziu o famoso regente Gustavo Dudamel, entre outros.

Em 1982 viajou pelo Brasil apresentando recitais em diversas cidades por 50 dias, e, em novembro de 1995, deu aulas e apresentações pelo Brasil durante um mês e meio.

A primeira vez que ouvi Kobayashi se apresentando como solista, foi no Teatro Castro Alves, em Salvador. Foi também a primeira vez que minha filha, então com quatro anos, assistiu a uma apresentação musical. Os seguranças não queriam permitir a entrada de uma criança em um recital tão complexo, mas minha filha mostrou que está acostumada com o mundo da música erudita, ouvindo atentamente e aplaudindo ao final das peças. Nesse ano, Kobayashi ministrou aulas na Hora da Criança, e ainda lembro bem as crianças formando um círculo em torno da sua figura carismática, na apresentação musical. Ele dá sempre essa impressão de atrair as pessoas como um ímã, mesmo quando não está tocando.

Quatorze compositores escreveram músicas especialmente para ele. Dentre elas, a mais tocada é a Fantasia de Ikuma Dan. Eu, particularmente, gosto também dessa Fantasia, mas a minha preferida é a Sonata para violino e piano, de Akira Ifukube, compositor que tem por mais famosa composição o tema de Gojira. O grande número de composições dedicadas a ele atesta que mesmos os especialistas reconhecem a magia de sua interpretação.

Além de violinista, Kobayashi se destaca também como escritor. As crônicas "Minha Vida", escritas por ele diariamente no Jornal da

Província de Kanagawa entre 01/11/2012 e 31/12/2012, deram origem ao livro "Fantasia - Minha Vida". Nesse livro ele conta com maestria sobre o convite que recebeu para tocar e lecionar para jovens na Coreia do Norte. Todos temiam ir num país de ditadura tão intensa, mas ele nos conta que, em toda sua vida, nunca recebeu uma acolhida tão calorosa. A sua grandeza vence os preconceitos e lhe proporciona belas experiências.

No livro "Violino - Uma viagem solo", narrou suas experiências pelo mundo e como foi discriminado por ser asiático e spalla da Orquestra de Linz, na Áustria. Escondiam suas partituras, e lhe davam férias quando a orquestra fazia turnês. Conta como os índios da Venezuela se dedicavam com afincio e respeito ao aprendizado da música, enquanto que os filhos dos ricos, agiam com desprezo. No final do curso os índios foram mandados de volta ao interior sem os seus violinos, e as autoridades entregaram uma medalha a Kobayashi numa cerimônia a portas fechadas.

Publicou também crônicas em vários jornais.

Seu bom gosto não se restringe apenas à música e à literatura, mas também à culinária, como pude testemunhar nas várias vezes que tive a honra de ser servida em sua casa. Reconhece rapidamente a comida pelo sabor, e sabe recomendar o que há de mais refinado.

Tive a oportunidade de assistir ao concerto comemorativo do lançamento do seu livro "Fantasia - Minha Vida". Kobayashi parecia estar muito à vontade, acompanhado por seu costumeiro pianista, Ichiro Nodaira. Ainda me lembro como se fosse ontem da emoção causada pela interpretação deles da Sontata para Piano e Violino, composta por Akira Ifukubu especialmente para Kobayashi.

Kobayashi está saudável e em 28 de agosto deste ano, 2018, houve um concerto comemorativo dos seus 88 anos, uma idade especial para os japoneses. É considerado uma lenda viva do violino, no mundo musical japonês.

Acredito ser um dever nosso agradecer a Kobayashi por ter levado com o brilho da sua alma a beleza da música e a beleza da vida a tantas crianças sem recursos pelo mundo inteiro.

第6章

Capítulo 6

Eriko Sato
佐藤えり子



*Entusiasta na divulgação da
cultura japonesa na Bahia*

バイア州で日本の文化を普及

ERIKO SATO:

**capacidade e amor ao ensino da música e
da língua japonesa na Bahia**

Gildemar Carneiro dos Santos

Eriko (pronuncia-se Ériko, e não Eríko) nasceu em Kamaishi, na província de Iwate, no Japão, região fortemente atingida pelo tsunami de 2011. Tanto seu pai quanto sua mãe tinham por sobrenome Sato, o segundo mais comum no Japão. O primeiro é Suzuki. Veio para o Brasil em 1994, no seu aniversário de 43 anos, trazendo a nossa filha, Shai Sato dos Santos, então com dois anos e meio.

Conheci Eriko em 1985, quando eu era bolsista do governo japonês, em Nagoya. Ela precisava de alguém para falar sobre seu país a um grupo de bandeirantes (escoteiras), e um amigo em comum, um chinês chamado Li Jie, nos apresentou. Eriko trabalhava na prefeitura da cidade de Tokai, logo ao sul de Nagoya.

Quando ela veio me trazer a proposta, fiquei impressionado com seu jeito de vestir, bonito e diferente dos japoneses normais, sua personalidade original, miúda (1,53 m) mas decidida a acabar com qualquer grupo ligado à guerra no Japão, mesmo a defesa japonesa. As pessoas têm a imagem da mulher japonesa como sendo submissa. Isso está longe de se aplicar a Eriko. Os seus pais a ensinaram a não ser inferiorizada por ser mulher, a se desenvolver intelectualmente. Isso é complicado numa sociedade machista como é a japonesa. E muitos brasileiros se equivocam pensando que, por ser japonesa, Eriko se submete às coisas que lhe impõem. No Japão não há empregadas domésticas nem faxineiros. É ponto pacífico que são as mulheres que limpam o escritório e que são encarregadas de servir chá. Pois Eriko mudou essa atitude no seu local de trabalho, e convenceu amigavelmente a cada um servir o seu próprio chá e limpar sua própria mesa.

Para a apresentação às meninas, que ela me propunha, resolvi traduzir a música "Atirei o pau no gato", para que elas cantassem em roda depois da palestra sobre o Brasil. Traduza assim:

Neko ni tama nageta ta

Neko shina na

katta ta ta

Ookina na na

Nyao shite te te

Kodomo tachi odoraita

Nyao

Eriko aprovou sem alterações. Além disso cantei "Manhã de Carnaval" acompanhado ao violão, e Eriko me acompanhou ao piano em "Brejeiro", de Ernesto Nazareth, eu na flauta doce. Fiquei impressionado como ela se preocupava mais em participar do que em fazer um trabalho perfeito. Os japoneses costumam dizer que, se não for para fazer perfeito, é melhor desistir. Isso acaba inviabilizando muitos projetos. Eriko era das minhas. O mais importante era a realização, mesmo que com algumas falhas.

A partir daí passamos a nos ver com frequência e o namoro veio naturalmente. Passei a chamá-la de Érika, nome pela qual ela é conhecida pelos amigos aqui no Brasil, e como ela prefere ser chamada aqui, em substituição a Eriko-san.

Em 1987 passamos a morar junto por iniciativa dela e aprovação dos pais. Nos casamos em 1989, e em 1991 nossa filha nasceu por cesariana, o que é extremamente raro no Japão. O caso dela foi especial por ter problemas de saúde, e o primeiro parto ser aos 40 anos.

Frequentemente ela me convidava para morarmos na África, e eu respondia que o Brasil não era muito diferente. Ela chegou em Maceió um ano depois de mim, trazendo nossa filha, e ficou impressionada como os clientes são deixados de lado, no Brasil. No Rio de Janeiro ela ligava para a recepcionista e dizia: "Quero telefonar para São Paulo". Falava claramente em português, mas a recepcionista

somente respondia "I don't speak English". Em Foz do Iguaçu, atravessamos a ponte para o Paraguai, e eu fui barrado por estar muito branco, recém-chegado do Japão e nem parecer brasileiro, enquanto que ela, com a sua pele mais escura para uma japonesa, passou tranquilamente, confundida com uma índia paraguaia.

Nos mudamos para Salvador onde ela comprou nosso apartamento. Sempre ela, a poderosa de cara inofensiva. Aqui, ela teve contato com a ANISA, Associação Nipo-Brasileira de Salvador, onde começou ministrando aula de flauta doce e escaleta aos alunos do curso de japonês. Ensinava tudo em japonês, e era um aprendizado duplo.

Passou a dar aulas de japonês em casa, principalmente para os não descendentes de japoneses, pela ACBJ, a Associação Cultural Brasil Japão de Salvador. Formada em Psicologia, encontrou nas aulas de japonês a paixão pelo trabalho. Prepara as aulas com afinco, e ensina usando praticamente a língua japonesa. Seus alunos aprendem rápido e têm uma ótima pronúncia. Assim, 95 % deles foram aprovados nos exames de proficiência em língua japonesa. As maiores notas são nos quesitos referentes à compreensão, devido ao seu uso constante da língua japonesa. Um deles foi aprovado com apenas nove meses de estudo. Começou com ela do zero. Ela também estimula todos a participarem do Concurso Nacional de Oratória em Língua Japonesa. Três deles conseguiram o primeiro lugar em toda a região Nordeste. Foram disputar a nível nacional, e um deles alcançou ao quarto lugar, e só não foi o melhor do Brasil porque os três primeiros colocados eram descendentes de japoneses e já tinham vivido no Japão.

Érika orienta para que façam o discurso usando as palavras que eles já dominam, de forma que estejam perfeitamente cientes do que estão dizendo. Os alunos se destacam pela boa pronúncia e entonação. Com essa capacidade e amor ao ensino da língua japonesa, tentamos levar o curso de japonês à UFBA ou à UCSal, mas esbarramos em problemas burocráticos. Para ministrar aula de japonês na faculdade seria necessário revalidar o seu diploma de Psicologia, e para que isso fosse feito, seria necessário um português tão fluente que pudesse clinicar no Brasil!

Érika toca piano, flautas doces e violino e tem uma voz bonita e bem afinada, que minha filha felizmente herdou. Organizou um coral especializado em cantar músicas japonesas, o Coral Kosmos, que se apresenta regularmente em Salvador desde 1997. Os membros na sua maioria não são descendentes e nem falam japonês, mas são apreciadores da cultura japonesa na Bahia de Todos os Santos.

No ano seguinte à sua chegada a Salvador, em 1995, Érika conheceu Deodato e Ogvalda, então presidente e secretária da ACBJ-BR, por intermédio do meu irmão Gildenor, falecido em março passado. Imediatamente nos tornamos membros dessa Associação Cultural, entusiasmados com a possibilidade de contribuir com a divulgação da cultura japonesa.

Érika especialmente vem contribuindo muito nesse sentido, seja com as notáveis apresentações das músicas japonesas, entoadas pelo Coral Kosmos, seja promovendo oficinas para estudantes universitários e para a comunidade soteropolitana, nos eventos promovidos pela ACBJ-BR.

Inúmeras vezes fez demonstrações da Cerimônia do Chá, de caligrafia japonesa, furoshiki, etc. O furoshiki é um pano quadrado com belas estampas ou colorido liso, tipicamente japonês, usado para embrulhar e transportar objetos, como presentes, garrafas, etc. Começou a ser usado em meados da era Nara, nas casas de banho tradicionais japonesas (ofurô), e devido ao seu valor ecológico, vem sendo estimulado em campanhas feitas pelo Ministério do Meio Ambiente do Japão.

Perguntando sobre sua adaptação à vida no Brasil, tão diferente da vida japonesa, declarou que o mais fácil foi adaptar-se a culinária brasileira, especialmente as frutas tropicais, e o mais difícil são os trâmites burocráticos que levam meses ou anos aqui no Brasil, enquanto no Japão se resolvem em um dia.

Érika não gosta de frio, pois veio de uma região fria do nordeste do Japão. Por isso ela prefere a calorosa região nordeste do Brasil, onde passa todo o ano de mangas curtas, na gostosa temperatura de 28°.

第7章

Capítulo 7

Kyuji Shimizu
清水 九治



*Destreza para a promoção do
desenvolvimento da comunidade e
da gastronomia japonesa na Bahia.*

日系社会の発展を励まして
日本食をバイア州で普及

KYUJI SHIMIZU: centenário na educação e cultura japonesa

Marcos Tsuneo Shimizu

O Sr. Kyuji Shimizu nasceu em 13 de julho de 1917, em Takada, província de Niigata-ken, no Japão, sendo o caçula de nove irmãos, filho do Sr. Sasaku Shimizu que era um grande agricultor de arroz na região (shoya-san).

Entre 1934 e 1937, trabalhou no departamento Daimaru na cidade de Kobe, província de Hiogo-Ken.

Serviu o exército japonês em 1938, no confronto bélico contra os russos, na fronteira da China, conflito que foi denominado NOMUHAM, onde os dois exércitos sofreram baixas significativas.

Ao término do confronto, retornou ao Japão em 1939, sendo contratado pela empresa KAHOKU-KOTSU, que atuava na área ferroviária no território chinês, onde laborou até o final do ano, período em que se desligou para realizar tratamento de saúde.

Iniciou em Pequim, no ano de 1940, trabalho administrativo na zona restrita permitida as atividades dos japoneses, um tipo de consulado ou prefeitura.

Regressou ao Japão em 1943 e, durante quatro meses, estudou as leis que regem o país e realizou atividades em Tokyo, Kyoto e Kanazawa, retornando a Pequim após este período. No final desse ano, ingressou na empresa KITACHINA-KAIHATSU, que enviava matéria prima de alumínio para o Japão, utilizado para a construção de aviões. Outro marco em sua vida ocorrido no mesmo ano, foi o casamento com Sra. Tomoko Ikeda, que passou a se chamar Tomoko Shimizu, já falecida.

No ano de 1944, recebeu da sua majestade, o Imperador do Japão, a comenda KUN-HATTOO, como prêmio de heroísmo no serviço militar do conflito de NOMUHAM.

Em 01 de agosto de 1945, nasceu a sua primeira filha, Sra. Hisako Shimizu, na província de Pequim.

No dia 15 de agosto de 1945, com o termino da 2ª guerra mundial e derrota do Japão, ele e sua família ficaram detidos no campo de concentração de Pequim, sendo liberado apenas em março de 1946, retornando a sua terra natal em Niigata.

Foi convidado a trabalhar na empresa NIPPON-NENKAKI em 1947, subsidiária da SHOWA DENKO, sediada em KAWASSAKI, deixando a empresa no ano de 1949, para abrir a madeireira e serraria Shimizu na mesma cidade.

Teve mais dois filhos, Sr. Shuchi Shimizu e Sr. Takashi Shimizu, nascidos em 03 de outubro de 1947 e 09 de novembro de 1949 respectivamente.

Durante 11 anos, manteve as atividades da madeireira, além de exercer outras atividades como: construtoras, casa de jogos (patchinko) e mercados de alimentos.

No ano de 1960, atraído pelos diversos programas de incentivo ao imigrante propagado pelo Governo Brasileiro, o Sr. Shimizu resolveu mudar completamente a sua vida, ao reunir a família e embarcar rumo ao Brasil, mais precisamente à cidade de Mata de São João, no estado da Bahia. Era o início do grande comerciante japonês na Bahia.

Chegando ao Brasil, instalou-se no Núcleo Colonial Juscelino Kubitschek, Mata de São João, onde se juntou à outras famílias japonesas, chegadas recentemente. Ali, as mais diversas dificuldades foram enfrentadas pelos imigrantes, pois, além de desconhecerem o idioma local, não havia energia elétrica e nem mesmo sistema de água potável, cujo provimento havia de ser feito através de riachos próximos, buscando e carregando água utilizando cavalos.

Apesar da região não ser desenvolvida, percebeu o potencial do local, pois tudo o que se plantava era colhido com qualidade. Foi aí que, mesmo diante de todas as adversidades, com bastante esforço e pesquisa, o Sr. Shimizu conseguiu enorme sucesso na área da agricultura,

principalmente com a produção de tomates, chamando, inclusive, a atenção de outros produtores.

Porém, com o sucesso na produção, surgia outro problema a ser enfrentado, já que os produtos agrícolas produzidos no Núcleo Colonial JK sempre passavam pelas mãos de intermediários, que faziam a distribuição aos revendedores. Desta forma, os preços dos produtos ficavam a mercê destes intermediários, que reduziam ao máximo o valor dos mesmos, prejudicando sobremaneira os pequenos agricultores da colônia.

Inconformado com a situação, e tendo assumido o posto de Vice-Presidente da Associação Japonesa de Itapecerica, no Núcleo Colonial JK, o Sr. Shimizu constituiu uma pequena comissão de agricultores locais, apresentando o problema diretamente ao Secretário de Agricultura do Estado da Bahia, em 1961, conseguindo por meio de tal movimento, um local de vendas no Bairro de São Pedro, em Salvador, onde começaria a ocorrer a venda direta dos produtos agrícolas aos consumidores e também aos revendedores.

Em 1962, realizou pesquisas na área de vendas nos municípios de Alagoinhas e Catú, na Bahia, implementando o modelo de vendas com sistema de pagamento à vista e direto ao consumidor, forma completamente diferente do que estava acostumado em Salvador, onde a maior parte dos negócios ocorria diretamente com fornecedores, que estipulavam prazo para pagamento. Esta forma de venda foi seguida por outros membros do Núcleo Colonial JK, expandindo a sua atividade de forma notória, com sucesso, desta vez, na produção de limões Taiti, em Alagoinhas.

Seguiu sua trajetória com a exploração do comércio de ovos, atividade que estava carente em Salvador, trazendo os mesmos de fornecedores no estado de São Paulo, e passando a distribuir em supermercados e revendedores na capital baiana.

Sem esquecer de suas origens, em 1965 assumiu o posto de Diretor Educacional da Cultura e Língua Japonesa da Associação Cultural Nippo-Brasileira de JK, momento em que pôde fortalecer e

estreitar as relações entre os japoneses da Colônia JK e as demais espalhadas por toda a Bahia, e também com os brasileiros e autoridades políticas da época.

Seguiu sua atividade no ramo agrícola, sendo um dos primeiros negociantes a se estabelecer no CEASA (Centrais Estaduais de Abastecimento), promovendo o fornecimento de frutas e legumes para o abastecimento da cidade de Salvador e toda a região metropolitana, porém, com o advento da criação do Polo Petroquímico, e a chegada de algumas indústrias japonesas, em meados da década de 70, a vida do Sr. Kyuji passaria a mudar completamente.

A culinária baiana é muito rica em sabores, sendo que os condimentos e temperos são apreciados em quase todos os pratos da cozinha local, contendo ainda ingredientes muito marcantes, como o coentro, azeite de dendê, entre outros. Porém, no Japão, a culinária é muito mais simples, sem tantos sabores, sendo utilizado apenas o molho de soja, mais conhecido como Shoyu, para temperar alimentos como sushis e sashimis.

Justamente por isso, engenheiros e executivos vindos do país do Sol Nascente para trabalharem nas grandes indústrias não se adaptaram com muita facilidade ao tempero baiano, mais pesado e rico em sabores. Muitos sequer conseguiam comer uma feijoada ou moqueca baiana, passando as mais diversas dificuldades para adaptação à culinária local.

Foi aí que o Sr. Shimizu, motivado por amigos e atendendo a inúmeros pedidos dos japoneses que ali se encontravam, teve a ideia de montar o primeiro restaurante de culinária japonesa no estado da Bahia, no ano de 1974, no Bairro da Graça, em Salvador, de nome Sukiyaki, que mudou posteriormente para o bairro de Ondina, local onde permanece com suas atividades até os dias de hoje.

O cenário era favorável e o sucesso no ramo foi conquistado, sendo o Restaurante Sukiyaki uma referência ao se tratar de culinária tradicional japonesa, pois não havia quem fornecesse comida típica aos próprios japoneses, e o povo baiano, aos poucos, também foi se

acostumando e tomando gosto pela culinária oriental, que viria a fazer enorme sucesso em todo o país com o passar do tempo.

Mesmo com as atividades profissionais voltadas ao ramo alimentício, em 1979 inaugurou a Casa dos Estudantes da Colônia Japonesa, no bairro de Brotas em Salvador, sendo um dos fundadores e em 1980 tornou-se diretor cultural e educacional da Associação Cultural Nippo-Brasileira de Salvador (ANISA).

Nos anos de 1983/84, foi presidente da ANISA e Diretor Educacional da Federação Cultural Nippo-Brasileira da Bahia.

Ainda em 1984, recebeu a medalha de funcionário honorário da MITSUBISHI KASEI CORPORATION, do presidente da multinacional, Sr. Seiji Suzuki, em visita ao Pólo Petroquímico de Camaçari, pelos serviços prestados aos funcionários da empresa que vieram diretamente do Japão.

Incentivado pela vontade dos associados no aprendizado da língua japonesa para si e para seus filhos, com a contribuição do Professor Mori, que estava na Bahia a serviço das empresas japonesas que estavam instaladas no Pólo Petroquímico de Camaçari, o Sr. Kyuji Shimizu fundou, em 1986, a Escola de Língua Japonesa em Salvador, que posteriormente passou a ser chamada oficialmente de Escola de Língua Japonesa de Salvador.

Nos anos de 1989/90, voltou a ser eleito presidente ANISA, e após passou a integrar a diretoria do Conselho Consultivo da Associação.

Em 1995, ao completar 50 anos de casamento com a Sra. Tomoko Shimizu, recebeu da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, por meio do Deputado Otoniel Saraiva, a Moção com Votos de Congratulações.

Foi honrado ao mérito, em 08 de julho de 2001, pelos relevantes serviços prestados à educação e cultura na Bahia e no Brasil e por seu aspecto solidário as instituições educacionais e filantrópicas, sendo homenageado pela Federação das Academias de Letras e Arte da

Bahia, Associação Cultural Brasil-Japão do Estado da Bahia e Associação Cultural Amigos do Sertão.

Em 2006, recebeu da sua Majestade, o Imperador do Japão, a comenda “Ordem do Sol Nascente com Raio de Prata”, e que foi entregue pelo Exmo. Sr. Diplomata Eiji Ito, cônsul geral do Japão no Nordeste.

Em 2008, recebeu a Comenda Kasato Maru da Comissão de Homenagens da Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, pelos serviços prestados à comunidade nipo-brasileira, à integração dos nikkeis à sociedade brasileira, ao fortalecimento da relação bilateral Brasil-Japão e ao desenvolvimento do Brasil.

Ainda em 2008, recebeu da Federação Nipo-Brasileira de Salvador o certificado de Honra ao Mérito, pelos serviços prestados na divulgação da cultura nipônica e desenvolvimento da comunidade japonesa no Estado da Bahia.

Em 2010, recebeu o título de Cidadão Soteropolitano da Câmara Municipal da cidade de Salvador, indicado pelo Vereador Dr. Pitangueira, pelas atividades realizadas junto à comunidade nipônica e difusão de sua cultura nesta cidade.

Em 2017, recebeu a homenagem do BUNKYO de Sao Paulo, por completar 100 anos de idade.

Neste mesmo ano, a ALAS – Academia de Letras e Artes do Salvador, prestou homenagem ao Sr. Kyuji Shimizu, como integração das comemorações dos 120 anos de Amizade Brasil-Japão e dos 109 anos da Imigração Japonesa no Brasil.

Reconhecida homenagem foi prestada pelo 1º Ministro do Japão, Sr. Shinzou Abe, em 2018, pelo seu centenário.

O Sr. Kyuji Shimizu completou 101 anos no mês de julho, sendo o japonês mais velho residindo no Estado da Bahia. Diante das inúmeras atividades prestadas, possui certamente participação na história deste estado que tanto ama e resolveu residir com sua família.

第8章

Capítulo 8

Takechi Okumura 奥村 多剣志



Expressão poética na forma haiku.

俳句における詩的表現

TAKECHI OKUMURA:
um *nikkei* brasileiro

*Hiroko Okumura*⁴

Meu marido Takechi Okumura, se estivesse vivo, estaria hoje com 86 anos, porém faleceu há 14 anos, com 72 anos de idade.

Era nissei, nascido na cidade de Bauru, São Paulo. Os nisseis de sua geração apresentavam um japonês fluentes, pois tinham uma grande admiração e respeito por suas origens, e procuravam aprender não apenas a língua japonesa como também os costumes e a cultura nipônica. Meu marido, por exemplo, era autodidata, e assim utilizava intensamente a língua japonesa tanto na vida privada como no trabalho, e sua fluência não deixava a desejar se comparada com os japoneses nascidos no Japão. E assim, utilizando a língua japonesa em nosso lar, nossas filhas também acabaram aprendendo naturalmente, diferente dos jovens nisseis e sanseis de hoje que, mesmo tendo eventualmente estudado a língua japonesa, não a utiliza no seu dia-a-dia e acabam esquecendo.

Como consequência da proximidade com a língua japonesa, tanto meu marido como nossas duas filhas foram aprovadas no Nível N1 (o mais difícil) do JLPT – Japanese-Language Proficiency Test – *Nihongo Nouryoku Shiken* (exame de proficiência em língua japonesa).

O Exame de Proficiência em Língua Japonesa, realizado anualmente no mundo todo, é uma certificação em língua japonesa voltada para não-japoneses que estudam a língua. Serve para comprovar o conhecimento em língua japonesa para diversas finalidades como trabalhar no Japão, ingressar numa Universidade japonesa, etc. A certificação possui cinco níveis: N5, N4, N3, N2 e N1. O nível N5 é o mais básico, enquanto o N1 é o mais avançado.

⁴ O texto original em japonês foi traduzido por Emilia Okumura

Meu marido submeteu-se a este teste no ano de 1983, em Belém do Pará. No meio de grande maioria de jovens que faziam a prova, ele destacou-se por ser de meia-idade (52 anos), fato este que figurou como notícia no São Paulo Shimbun naquela ocasião.

Sobre trabalho e hobbies

Como hobby, costumava fazer “haiku” e compor pequenas canções, encaminhando-os para publicação tanto no São Paulo Shimbun como em revistas de circulação na comunidade “nikkei”.

“**Haiku**” ou “**Haikai**” é uma forma poética de origem japonesa, que valoriza a concisão e a objetividade. No Japão, os poemas têm três versos, contendo na primeira e na última cinco caracteres japoneses (totalizando sempre cinco sílabas) e sete caracteres na segunda linha (sete sílabas). Em japonês, “haiku” são tradicionalmente impressos em uma única linha vertical, enquanto “haikai” em Língua Portuguesa geralmente aparecem em três linhas, em paralelo.

Alguns haiku escritos por Takechi Okumura:

*Farol da Barra
Crepúsculo de outono
Mar agitadoíssimo*

*Nordeste estival
Milagre da Natureza
Hortênsia florida*

*As festas começam
Os foliões dançam
Respingo de suor*

Toda sua vida profissional transcorreu em empresas “nikkei” (capital ou origem japonesa), tendo ingressado em 1957 na “Nagaoka do Brasil”, empresa com matriz em Kobe – Japão, produtora e

exportadora de óleo de hortelã. Trabalhando nesta empresa aprendeu as peculiaridades da contabilidade japonesa, conhecimento que pode aplicar em toda sua futura vida laboral.

A hortelã, matéria-prima da Nagaoka do Brasil, era produzida no estado do Paraná, razão pela qual viajava com frequência para aquele estado, e posteriormente, foi transferido para a filial de lá em 1965, levando consigo toda a família. Em 1967 deixou a empresa e começou seu próprio negócio, voltado à comercialização de fertilizantes para agricultura, tendo como sócios um irmão e um cunhado. Permaneceu nesta atividade até 1970 quando se mudou para Salvador, para trabalhar na Safron-Teijin, empresa têxtil de capital japonesa, instalada no Centro Industrial de Aratu – CIA, onde trabalhou por cerca de 10 anos.

Em 1980 mudou-se novamente, desta vez para Belém do Pará, e posteriormente para Barcarena no mesmo Estado, para trabalhar na Albrás, empresa de produção de alumínio, com 49% de capital japonês. Atuou como assessor da Diretoria japonesa, realizando, dentre outras atividades, a tradução de documentação técnica do japonês para português.

Aposentadoriab

Quando se aposentou, em 1990, voltou a morar em Salvador e continuou trabalhando em eventuais serviços de tradução japonês-português. Ao prestar serviço para uma agência de viagens, conheceu a senhora Fusako Ishikawa que sugeriu seu ingresso na Associação Cultural Brasil-Japão do Estado da Bahia/ACBJ-BA, aceitando imediatamente o convite, em 1991, pois vislumbrou uma oportunidade de colaborar com os objetivos institucionais daquela Associação.

Na Associação, conheceu pessoas de grande cultura e saber, Dr. Emilton Rosa, Dr. Odecil Costa e Dra. Ogvalda Torrês, com os quais aprendeu muito, sentindo-se satisfeito e gratificado com o novo círculo de amizade do qual começara a participar e com o tipo de

trabalho que ali poderia desenvolver, trabalho este afinado com o seu perfil. Neste período colaborou de diversas formas nas atividades da Associação, sendo bastante apreciado, inclusive recebendo elogios e demonstração de gratidão. Dentre tais trabalhos podemos citar a tradução da Autobiografia do Professor Takeshi Kobayashi, violinista, porém infelizmente não chegou a ser editado.

Meu marido já estava acometido pela Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica/DPOC tendo como causa o cigarro que fumou desde os 20 anos de idade, durante 30 anos. É uma doença incurável, e ele tinha consciência de que foi causado pelo seu próprio egoísmo em continuar fumando, e me parece que guardava um grande arrependimento disso, porém até o fim manteve uma atitude positiva, seguindo as recomendações médicas para controlar a doença.

Ele faleceu em 7 de maio de 2003.

Por último...

Meu marido não teve uma formação regular. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental, pois a família era humilde e tinha muitos filhos. Desde cedo teve que trabalhar, ajudando os pais.

Quando tinha cerca de 14 anos trabalhava numa farmácia. A dona desta farmácia era professora do ensino médio e se ofereceu para ajudar na formação dele, pedindo ao meu sogro que o deixasse aos seus cuidados, pois ela poderia lhe proporcionar a continuidade dos seus estudos até a faculdade. Porém meu sogro não quis deixar o filho com outra família.

Hoje eu fico imaginando, e sinto um aperto no coração, sempre que penso em como Takechi, aos 14 anos, teria se sentindo, dividido entre sua família e a vontade de estudar, pois sempre foi muito inteligente e amante dos livros, da cultura e do saber.

Parece-me que foi um “turning point”, aquele momento na vida que determina o destino de uma pessoa para uma direção ou para outra. Se, naquela ocasião, ele tivesse seguido outro caminho, quem sabe eu nunca o tivesse conhecido, e nossa felicidade nem teria existido...

TAKECHI OKUMURA:
singelo cultor da poesia japonesa

Fusako Ishikawa Lariu

Conheci Sr. Okumura, alguns anos atrás, durante um trabalho como guia de turismo, quando da visita a uma agencia de turismo japonês, localizada no Centro Empresarial Iguatemi, na qual ele trabalhava.

Neste primeiro contato, a impressão foi de uma pessoa tímida e de poucas palavras. No decorrer da nossa convivência, pude observar um senhor de prosa discreta e cativante e seu interesse na divulgação da tradição japonesa. Assim, o convidei para participar da nossa ACBJ-BA, na qual fazia parte da diretoria. Tempos depois, Sr. Okumura, já sócio, ingressava na diretoria como 2º Secretário da ACBJ-BA.

Certo dia fui convidada para ir a sua casa para um chá e docinhos japoneses. Nesta época já conhecia a sua esposa Sra. Hiroko Okumura, também sócia da ACBJ-BA desde 1994 e membro do Conselho Deliberativo desta Associação, em algumas gestões. Na ocasião, ele me mostrou um livreto de coletâneas de haiku, pois gostava de escrever estes poemas, por serem simples e breves. Também se constituía em admirável herança da poesia tradicional japonesa abalizada na filosofia budista.

O sentimento genuíno da poesia japonesa haiku era importante na sua vida. Criava e selecionava os que ele considerava melhores e os enviavam para publicação destinada aos nipodescendentes em São Paulo, para que esta tradição japonesa não se perdesse ao longo dos anos. Mostrava orgulhosamente seu trabalho.

Quando leio um haiku lembro sempre deste homem sensível que adorava se expressar na forma poética haiku.

**Farol da Barra
Crepúsculo de outono
Mar agitadíssimo**

あきのくれ
バーラとうだい
なみあらし

**Nordeste estival
Milagre da Natureza
Hortênsia florida**

ノルデステにも
あじさいのはな
さくよかな

**As festas começam
Os foliões dançam
Respingo de suor**

おまつりに
おどりきょうじて
あせしずく

